

SORAYA PAIVA CHAIN

**A ORDEM DAS PALAVRAS NAS ORAÇÕES LATINAS:  
RESTRICÇÕES SINTÁTICAS AO LIVRE ORDENAMENTO**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Felício Wessling Margotti

Florianópolis-SC  
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Chain, Soraya Paiva

A ordem das palavras nas orações latinas : restrições sintáticas ao livre ordenamento / Soraya Paiva Chain ; orientador, Felício Wessling Margotti - Florianópolis, SC, 2014.

136 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Linguística. 3. Ordem das palavras. 4. Sintaxe latina. 5. Sintagmas em latim. I. Margotti, Felício Wessling. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Soraya Paiva Chain

**A ORDEM DAS PALAVRAS NAS ORAÇÕES LATINAS:  
RESTRIÇÕES SINTÁTICAS AO LIVRE ORDENAMENTO**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do Título de DOUTORA EM LINGUÍSTICA e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis – SC, 30 de maio de 2014

---

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti  
Orientador – Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Grace dos Anjos Freire Bandeira  
Universidade Federal do Amazonas

---

Prof. Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto  
Universidade Federal da Paraíba

---

Prof. Dr. Antônio Guimarães da Silva Pinto  
Universidade Federal do Amazonas

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zilma Gesser Nunes  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Werner Heidermann  
Universidade Federal de Santa Catarina



Ao grande amor da minha vida, aquela que há oito anos me faz ser uma pessoa melhor: Sofia Alice Chain Parente;

A Jamil Chain (meu pai), que se foi quando eu ainda era muito jovem;

A Emir Jamil Chain (meu irmão), que se foi porque não aguentou a ausência do nosso pai;

A Francisca Paiva Guedes (minha avó materna), que se foi aos 72 anos;

E à Glória de Oliveira da Costa (Glorinha, minha sobrinha), que chegou, quando eu estava encerrando este trabalho, mas logo se foi, quase que no mesmo instante.

*In memoriam.*



## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, porque sem Ele nada eu seria e nada eu faria.

À minha filha amada, Sofia Alice Chain Parente, por respeitar a minha ausência, mesmo quando eu estava perto, e pelo suporte afetivo imprescindível em todos os momentos;

À minha tia querida e amiga, Meiry Guedes da Silva, pela torcida, pelo incentivo e pelos muitos conselhos que a mim sempre concedeu;

Aos avós paternos da Sofia, Maria Creuza Gama Parente e Celso Augusto Gama Parente, e à tia dela, Mary Anne Gama Parente, pelos muitos incentivos que me concederam, principalmente durante minha estada em Florianópolis;

À Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pela oportunidade;

À Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), pela concessão de bolsa de estudos por um período de seis meses, no período inicial do estágio;

À Coordenação do curso de Letras da UFAM, à Chefia do departamento e aos colegas professores, pelo apoio;

Ao professor Felício Wessling Margotti, meu orientador, pela orientação, compreensão, apoio e dedicação;

À coordenação, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pela atenção e transmissão de conhecimentos;

Aos professores latinistas Antônio Guimarães, Grace Bandeira e Zilma Gesser, pelas coorientações;

Aos membros da banca examinadora, pelo tempo dedicado em ler minha tese e pelas contribuições para o seu aprimoramento.



## RESUMO

Este trabalho trata da sintaxe latina e tem como objetivo demonstrar que o ordenamento dos constituintes na estrutura da gramática do latim clássico não tem total liberdade como afirmam alguns autores. Ao contrário, apresenta restrições que impedem o livre ordenamento dos mesmos, os quais demonstramos por meio de análises de períodos compostos de obras clássicas da língua latina, de temas e autores diferentes. Para realizar essa tarefa, apresentamos as seguintes abordagens: análise sintagmática, com conceitos, classificações e exemplos, demonstrando possibilidades de estruturação sintagmática em latim; a ordem e a descontinuidade dos constituintes na oração latina, demonstrando a ordem básica (regular/direta), a ordem estilística (indireta), algumas tendências de disposição dos constituintes em trechos de obras clássicas latinas e a descontinuidade de constituintes oracionais; os marcadores sintagmáticos, que ligam sintagmas. Com auxílio dessas abordagens, realizamos as análises das orações contidas nos períodos, observando tanto a ordem das palavras dentro dos sintagmas, quanto a ordem dos sintagmas dentro das orações, para conferirmos: qual o tipo de ordem (regular/direta ou indireta/estilística) na qual seus termos foram dispostos; as relações internas dos sintagmas; as tendências de disposição dos constituintes; as descontinuidades dos constituintes; e, conseqüentemente, as restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento dos constituintes na sentença. Com nossas análises, pretendemos confirmar nossa hipótese de que o ordenamento dos constituintes na oração latina não é totalmente livre e apontar restrições sintáticas ao livre ordenamento.

**PALAVRAS CHAVE:** Latim. Livre ordenamento. Ordem dos constituintes. Sintagma. Sintaxe.



## ABSTRACT

This thesis concerns the Latin syntax and aims to demonstrate that the ordering of constituents in the structure of the grammar of classical Latin does not have complete freedom, as some experts claim. Rather, it introduces some constraints which impede the free ordering of the constituents and which we demonstrated through analyses of complex sentences within Latin language classic works, on different themes and by different authors. To accomplish this task, we introduced the following approaches: phrase analysis, providing concepts, classification and examples, demonstrating possibilities of phrases arrangement in Latin; the order and the discontinuity of the sentence constituents in Latin, demonstrating the basic order (regular or direct), the stylistic order (indirect), some trends of constituents arrangement in excerpts from Latin classical works and the discontinuity of the sentence constituents; the phrasal markers, observing how verbal phrases bind together or to the main clause. Supported by these approaches, we performed the analysis of the clauses contained in the sentences, observing both the order of constituents within phrases, as the order of phrases within sentences, in order for us to verify: what type of order (regular/direct or indirect/stylistic) in which the terms were arranged; the internal relations of phrases; the trends of constituents arrangement; the discontinuity of the constituents and therefore the syntactic constraints which impede the free order of the constituents in the sentence. Through our analyses, we became able to confirm our hypothesis which states that the ordering of constituents in Latin sentence is not totally free and to identify syntactic constraints to the free ordering.

**KEYWORDS:** Latin. Free ordering. Constituents order. Phrase. Syntax.



<b>LISTA DE SIGLAS</b>	
<b>ABREVIATURA</b>	<b>TRADUÇÃO</b>
Conj	Conjunção
Det	Determinante
If Pr	Infinitivo Presente
Loc conj	Locução conjuntiva
N	Núcleo
Num	Numerador
OP	Oração principal
OSAdvConc	Oração subordinada adverbial concessiva
OSDR	Oração subordinada desenvolvida relativa
OSDS	Oração subordinada desenvolvida subjetiva
OSRPa/OSRedPa	Oração subordinada reduzida de particípio
OSRS	Oração subordinada reduzida sunjetiva
OSSAp	Oração subordinada substantiva apositiva
OSSCV	Oração subordinada substantiva completiva verbal
Pa Ft	Particípio Futuro
Pa Pt	Particípio Passado
Poss	Pronome possessivo
Pred	Predicado
Prep	Preposição
Pron (Pr)	Pronome
Pron (Pr) rel	Pronome relativo
Ref	Reforço
SAdj	Sintagma Adjetival
SAdv	Sintagma Adverbial
SN	Sintagma Nominal
SO	Sintagma Oracional
SP	Sintagma Preposicional
Subst	Substantivo
Suj	Sujeito
SV	Sintagma Verbal
V	Vocativo



## Sumário

INTRODUÇÃO .....	10
1. PRINCÍPIOS DESCRITIVOS APLICADOS AO LATIM CLÁSSICO .....	16
1.1. Abordagem da análise sintagmática .....	16
1.2. A ordem e a descontinuidade dos constituintes na oração latina .....	44
1.3. Marcadores sintagmáticos .....	58
2. TENDÊNCIAS LATINAS DESCRITAS DE ACORDO COM A SINTAXE MODERNA .....	62
2.1. A obra <i>Commentariorum libri III de bello ciuili</i> , de Caio Júlio César .....	63
2.2. Análise de períodos compostos do <i>liber primus</i> da obra <i>Commentariorum libri III de bello ciuili</i> , de Caio Júlio César ...	64
2.3. A obra <i>De officiis</i> , de Marco Túlio Cícero .....	83
2.4. Análise de períodos compostos do <i>liber primus</i> da obra <i>De officiis</i> , de Marco Túlio Cícero .....	84
2.5. A obra <i>Institutio oratória</i> , de Marco Fábio Quintiliano .....	104
2.6. Análise de períodos compostos da obra do <i>liber primus</i> da obra <i>Institutio oratoria</i> , de Marco Fábio Quintiliano .....	104
2.7. Restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento das palavras na oração latina .....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	128
REFERÊNCIAS .....	132



## INTRODUÇÃO

A ordem dos constituintes em sentenças latinas é algo que sempre nos chamou a atenção desde os primeiros contatos que tivemos com a disciplina *língua latina*, na graduação em Letras. Por ser uma língua de casos, o latim apresenta, no ordenamento dos constituintes em sentenças, uma certa liberdade, sobre a qual alguns estudiosos do tema dizem se tratar de uma ordem natural, específica da índole da língua, que organiza os termos na frase de acordo com a sucessão dos acontecimentos, ou por meio de estilismos (ALMENDRA; FIGUEIREDO, 2003, p. 215; GARCIA, 2000, p. 30; MAROUZEAU, 1953, p. 9-10).

Já para Camara Junior, a colocação

Era um mecanismo sintático que não existia em latim. Aí, a colocação era absolutamente “livre”, do ponto de vista gramatical. Havia naturalmente colocações mais usuais, mas que em nada concorriam para a apreensão do significado frasal. Por isso mesmo eram desrespeitadas com o maior desembaraço na língua literária, na base de motivações estilísticas (1975, p. 252).

Como vemos, para Camara Junior a ordem dos constituintes na oração latina é absolutamente livre do ponto de vista gramatical. Concordando com essa total liberdade, Tarallo diz que

[...] no latim clássico, exatamente pela independência dos constituintes, cuja desinência lhes garantia a recuperabilidade da função sintática, a ordem dos termos da oração era livre. Gramaticalmente livre, deveremos dizê-lo, pois estilisticamente a frase latina clássica privilegiava o verbo na última posição (1990, p. 152).

De acordo com Camara Júnior e Tarallo, Furlan & Bussarello também concordam com essa total liberdade dos constituintes na oração latina e afirmam que por conta dos casos “a ordem de entrada das palavras é de importância irrelevante, quer do ponto de vista gramatical quer do semântico” (1997, p. 10).

Os quatro primeiros autores citados acima dizem, cada um a sua maneira, que a ordem dos constituintes na sentença não é tão livre como

dizem os quatro últimos, apesar de se apoiarem em questões estilísticas e não sintáticas no momento de suas afirmações. Já os quatro últimos dizem que os constituintes são gramaticalmente livres, o que significa dizer que qualquer posição que eles assumam dentro da oração, a desinência de caso lhes assegura a função.

Contrário a todos, pensamos que a liberdade de ordenamento dos constituintes na sentença é limitada pela sintaxe, por conta disso, elaboramos este trabalho, cujo objetivo principal é identificar e demonstrar restrições sintáticas que limitam o livre ordenamento dos constituintes na estrutura da gramática do latim clássico em prosa.

Dentre os seis autores citados acima, uns falam de palavras, outros de constituintes, quando se referem a liberdade de ordenamento. Por conta disso, vamos investigar na oração tanto a ordem dos constituintes, sintagmas, quanto a ordem dos constituintes, palavras. Para isso, analisaremos, sintagmaticamente, períodos compostos de obras clássicas da língua latina, de temas e autores diferentes.

Com essa pesquisa, objetivamos também: (a) contribuir com o estudo de aspectos relevantes da língua latina, que mesmo morta, porém não extinta, possibilita-nos compreender e explicar diversos aspectos, principalmente morfossintáticos e lexicais de suas línguas-filhas, conhecidas como línguas neolatinas, como são o português, espanhol, italiano, francês, romeno, entre outras; (b) destacar obras dessa considerável e relevante literatura produzida durante séculos, que permaneceu relevante durante tantos outros séculos, e continua a existir nos nossos dias.

Essa proposta de analisar períodos compostos da língua latina, por meio de análises sintagmáticas, para apresentar um estudo sobre restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento dos constituintes na estrutura da gramática do latim clássico, foi também motivada pela observação que fizemos dos métodos aplicados ao estudo de frases latinas, feitos desde o tempo em que o latim era ensinado nas séries do ginásio (hoje conhecido como ensino fundamental), até os nossos dias.

Esses métodos geralmente são trabalhados a partir de textos latinos artificiais e/ou adaptados (construídos de forma que sua estrutura sintática fique semelhante à estrutura sintática da língua portuguesa), com intuito único de abordar as questões gramaticais da língua latina, sem discussão ou interpretação textual, e sem considerar a história e a cultura dos romanos, para que o aluno observe unicamente a morfossintaxe da língua.

Eis alguns exemplos dessa didática, apropriada aos estudos iniciais dessa língua: *Gradus primus*, de Paulo Rónai (1954), apresenta, a cada

capítulo, um pequeno texto em latim (artificial ou adaptado) para ser analisado e traduzido. Para cada texto, são apresentados: um vocabulário com as palavras que ainda não foram trabalhadas na obra; explicações gramaticais do assunto em questão; e, ao final de cada capítulo, algumas atividades para fixação do assunto.

*Latim para os alunos*, de Pastorino (1961), apresenta textos em latim, cuidadosamente preparados, artificialmente ou adaptados, para que não conttenham assuntos que ainda não tenham sido apresentados anteriormente. Dessa forma, os textos dispostos apresentam estruturas da língua portuguesa. Cada capítulo oferece atividades de fixação dos conteúdos gramaticais apresentados, como declinação de nomes e conjugação de verbos, além de frases latinas para tradução e frases portuguesas para serem passadas para o latim, relacionadas ou não com o texto oferecido no capítulo.

Na *Gramática Latina*, de Napoleão Mendes de Almeida (1974), a cada declinação apresentada, são propostas tanto atividades de declinação de palavras, quanto atividades de tradução de frases latinas artificiais, bem como frases em português para serem vertidas para o latim. Para isso, é disposto um vocabulário com palavras que ainda não tinham sido apresentadas.

Esse método elaborado a partir de textos artificiais e/ou adaptados é muito útil no momento da inicialização dos estudos da língua latina, mas chega um momento que é necessário recorrer a obras clássicas para observar as especificidades estruturais da língua. No presente estudo procuramos analisar períodos que contêm essas especificidades, mas não conseguiríamos mostrá-las trabalhando só com esse ou aquele tipo de construção, por exemplo, só com orações relativas, nem talvez conseguíssemos trabalhando somente com esse ou aquele autor clássico, como por exemplo, Cícero ou César.

Todavia, como seria inexecutável trabalhar com todos os autores latinos, então, elencamos alguns períodos compostos de três obras distintas, que correspondem a diferentes épocas, de três autores: *Commentariorum libri III de bello ciuili*, de Caio Júlio César; *De officiis*, de Marco Túlio Cícero; e *Institutio oratoria*, de Marco Fábio Quintiliano.

É válido ressaltar, porém, que há obras didáticas que elencam seus exemplos, com frases retiradas dos textos clássicos. Uma delas é a *Gramática latina*, de Freire (1987), que recorre a exemplos dos clássicos originais, explicitando as fontes. Outras obras que utilizam esse mesmo método são o *Compêndio de gramática latina*, de Almendra & Figueiredo

(2003) e *Língua latina: a teoria sintática na prática dos textos*, de Janete Melasso Garcia (1997).

Essas três obras, ao contrário das gramáticas citadas anteriormente, não recorrem a frases latinas artificiais para exemplificar a morfossintaxe da língua; exemplificam-na utilizando frases de autores latinos. São, portanto, específicas para um estudo mais avançado.

Ressaltamos, assim, que as gramáticas que recorrem a frases artificiais, próprias para o estudo inicial do latim, também merecem reconhecimento pelos seus trabalhos sistematizados sobre as declinações dos nomes latinos e sobre as conjugações verbais, alternativa que algumas gramáticas que apresentam um estudo mais avançado pouco demonstram.

Como vamos analisar os períodos compostos latinos por meio de análises sintagmáticas, fizemos uma abordagem sobre esse assunto, começando pela fonte, Saussure, que foi quem cunhou o termo *sintagma* na sua obra póstuma *Cours de linguistique générale*, de 1916. Também buscamos o assunto em Castilho, que apresenta um capítulo de estudo para cada tipo de sintagma, mostrando a estruturação de cada um deles (2010, p. 391-610).

Além destes, consideramos também outros autores que contribuem grandemente com o estudo dos *sintagmas*, como por exemplo: Perini, que apresenta um estudo sobre os *tipos de sintagmas*, a *associação dos sintagmas: unidades de forma e significado* (2006, p. 95-101); Perini, que apresenta um estudo sobre a estrutura do sintagma nominal (2002, p. 93-112); Silva & Koch, que também apresentam um estudo pequeno, mas significativo sobre sintagmas (2001, p. 14-29), dentre outros.

Apresentamos também uma abordagem sobre a ordem e a descontinuidade dos constituintes na oração latina. Buscamos o assunto em: Furlan & Bussarello, que tratam da *ordem de entrada das palavras na frase* e apresentam algumas *tendências* latinas (1997, p. 10-11); Garcia, que trabalha a *ordem regular* dos constituintes e *questões estilísticas* (2000, p. 30-32); Almendra & Figueiredo, que trabalham a *colocação das palavras* (tendências) e a *ordem das palavras* (estilística) (2003, p. 212-215); Maurozeau, que trabalha a ordem das palavras em quatro obras intituladas *L'ordres des mots dans la phrase latine*, volumes I, II, III e volume complementar; Quintiliano, que no *liber nonum* da sua *Institutio oratoria*, fala sobre estilo, ritmo, inversão etc; Madvig, que apresenta um capítulo intitulado *colocação das palavras na oração* (1872, p. 373-382).

E, por fim, como em nosso trabalho precisamos separar as orações contidas nos períodos compostos, para analisá-las separadamente,

apresentamos um estudo sobre marcadores sintagmáticos latinos. Buscamos o assunto em Castilho (2000), Silva & Koch (2001) e Oiticica (1952).

Em meio a esses estudos, apresentamos vários trechos retirados de obras latinas, em sua maioria clássicas, com o propósito de divulgar a literatura romana.

A fim de subsidiar as hipóteses do nosso estudo sobre a liberdade de ordenamento dos constituintes na sentença latina em prosa, fazemos as seguintes perguntas de pesquisa:

(a) o ordenamento dos constituintes, palavras, na oração latina é livre? Uma de nossas hipóteses é de que não há total liberdade dos constituintes na oração e, de acordo com Garcia, “esta tendência a considerar a ordenação das palavras em latim como livre é errônea” (2000, p. 30).

(b) o ordenamento dos constituintes, sintagmas, na oração latina é livre? Uma outra hipótese que levantamos é de que alguns sintagmas podem não ter total liberdade na oração latina.

(c) a ordem de entrada dos constituintes, palavras, em latim é relevante, uma vez que Furlan & Bussarello, que dizem que “[...] a ordem de entrada das palavras é de importância irrelevante, quer do ponto de vista gramatical quer do semântico” [...]” (1997, p. 10)? Aqui, levantamos a hipótese de que pode sim haver relevância no ordenamento das palavras no ponto de vista gramatical, ao qual nossa primeira hipótese está diretamente ligada, e do ponto de vista estilístico, no qual o autor chama a atenção do leitor em relação a um ou mais constituintes, colocando-os em evidência (GARCIA, 2000, p.32).

A ordem dos constituintes na oração latina tem mais importância do que se costuma dizer, pois uma colocação desarmoniosa das palavras na oração pode produzir um solecismo<sup>1</sup> (PRISCIANI, *Institutionum grammaticarum*, 17.6). Sendo assim, este trabalho justifica-se, não só pela abordagem de aspectos relevantes da morfossintaxe latina, mas também pela importância que damos às obras clássicas da língua latina, citando-as aqui, com intuito de difundir-las.

---

<sup>1</sup> *Quomodo autem literarum rationem uel scripturae inspectione uel aurium sensu diiudicamus, sic etiam in dictionum ordinatione disceptamus rationem contextus, utrum recta sit an non. Nam, si incongrua sit, soloecismum faciet, quasi elementis orationis inconcinne coeuntibus, quomodo inconcinnitas literarum vel syllabarum vel eis accidentium in sigulis dictionibus facit barbarismum. Sicut igitur recta ratio scripturae docet literarum congruam iuncturam, sic etiam rectam orationis compositionem ratio ordinationis ostendit.*

Quanto à estruturação do trabalho, seguem-se a esta *introdução* dois capítulos, respectivamente, na seguinte ordem:

CAPÍTULO 1. *Princípios descritivos aplicados ao latim clássico*, composto pelos subcapítulos (1.1) *Abordagem sintagmática*, que apresenta os tipos de sintagmas, com conceitos, classificações e demonstrações; (1.2) *A ordem e a descontinuidade dos constituintes latinos*, que observa a ordem dos constituintes, palavras e sintagmas, na oração latina, abordando a ordem regular, a ordem estilística, a ordem apresentada por tendências, bem como a descontinuidade de constituintes; (1.3) *Marcadores sintagmáticos*, que apresenta os tipos de marcadores que alguns sintagmas, oracionais ou não, podem apresentar em sua constituição.

CAPÍTULO 2. *Tendências latinas descritas de acordo com a sintaxe moderna*, composto pelos subcapítulos: (2.1) *A obra Commentariorum libri III de bello ciuili, de Caio Júlio César*; (2.2) *Análise de períodos compostos do liber primus da obra Commentariorum libri III de bellum ciuili*; (2.3) *A obra De officiis, de Marco Túlio Cícero*; (2.4) *Análise de períodos compostos do liber primus da obra De officiis*; (2.5) *A obra Institutio oratoria, de Marco Fábio Quintiliano*; (2.6) *Análise de períodos compostos do liber primus da obra Institutio oratoria*; (2.7) *Restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento das palavras na oração latina*.

Para concluir, retomamos os aspectos mais relevantes de nossas análises, por meio das quais foi possível observar as restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento dos constituintes na oração latina.

## **1. PRINCÍPIOS DESCRITIVOS APLICADOS AO LATIM CLÁSSICO**

Para este momento, seguindo a perspectiva de Perini (2010, p. 25), não tomaremos como ponto de desenvolvimento nenhuma teoria específica, mas usaremos alguns princípios utilizados pelos pesquisadores descritivistas, em particular o estudo do sintagma, para trabalharmos de acordo com o modelo de gramática descritiva, explicitando a ordem dos constituintes na oração latina.

Faremos, então, neste capítulo, uma abordagem da análise sintagmática, com conceitos, classificações e exemplos de sintagmas em latim, para observarmos, nos mesmos, como seus constituintes se ordenam. Também apresentaremos uma abordagem sobre a ordem e a descontinuidade dos constituintes nas orações, para selecionarmos os tipos de ordenamentos que os mesmos podem apresentar e para observarmos as tendências de disposição dos seus termos, além de colhermos exemplos de constituintes descontínuos. Em seguida, pontuaremos os marcadores sintagmáticos, os quais nos auxiliarão na separação das orações contidas nos períodos compostos que analisaremos.

### **1.1. Abordagem da análise sintagmática**

Com as análises sintagmáticas que faremos nas orações contidas nos períodos compostos de obras clássicas latinas, em prosa, pretendemos observar tanto a ordenação dos constituintes, palavras, quanto a ordenação dos constituintes, sintagmas, bem como descontinuidades de constituintes, para verificarmos se nossas hipóteses procedem. Para tanto, vamos aqui apresentar uma abordagem da análise sintagmática, observando os tipos de sintagmas que podem ocorrer nas orações latinas, como eles se compõem e como seus termos podem se dispor.

Como nossa proposta é analisar a ordem dos constituintes, palavras e sintagmas, e não a ordem de todos os constituintes oracionais, vamos, neste trabalho, entender palavra, de acordo com Monteiro, como o vocábulo que apresenta significado lexical, diferentemente dos outros vocábulos, posições e conjunções (2002, p. 12).

Saussure, para se referir às combinações que fazemos de constituintes para construir frases ou orações, criou o termo sintagma, e diz que:

[...] no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. [...] Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas*. [...] Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos (1969, p. 142, grifo do autor).

Essa oposição acontece no sintagma porque não ocorre que as palavras que o constituem tenham o mesmo valor morfossintático da palavra anterior e da posterior. Dessa forma, se há um substantivo como um dos componentes do sintagma, tanto a palavra imediatamente anterior, quanto a imediatamente posterior a ele, não vão ser substantivos. Essa combinação, manifesta pelas relações que ocorrem no eixo sintagmático (um dos dois modos de funcionamento da linguagem), é auxiliada pela seleção, relações associativas que ocorrem no eixo paradigmático (o outro modo de funcionamento da linguagem). Ou seja, a linguagem funciona a partir do encontro dos dois eixos na cadeia linguística. Daí, uma das quatro famosas dicotomias saussureanas: sintagma *versus* paradigma.

Em relação ao paradigma, Saussure diz:

Por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. [...] Vê-se que essas coordenações são de uma espécie bem diferente das primeiras. Elas não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo. Chamá-las-emos *relações associativas*. (Idem, p.143, grifo do autor).

As relações associativas<sup>2</sup> são as relações feitas no eixo paradigmático, logo, podem ser chamadas também de relações paradigmáticas. Essas relações são feitas a partir de uma série de elementos

---

<sup>2</sup> Saussure não fala de paradigma, nem de relações paradigmáticas. Para isso, ele usa os termos associações ou relações associativas.

linguísticos capazes de figurar no mesmo ponto do eixo paradigmático, apenas uma por vez.

A dicotomia sintagma *versus* paradigma pode ser melhor explicada, respectivamente, com os termos combinação e seleção. Toda palavra ou frase pode ser analisada sob dois eixos: o eixo sintagmático, onde os constituintes (no caso de frases) ou os morfemas (no caso de palavras) podem ser combinados e apresentar uma nova ordem; e o eixo paradigmático, onde os constituintes (no caso de frases) ou os morfemas (no caso de palavras) podem ser selecionados para ocupar determinado lugar numa frase ou palavra.

Analisemos a frase latina seguinte sob os dois eixos:

Eixo paradigmático			
(Syria Scipioni obuemit)			
(Obuemit Syria Scipioni)			
Scipioni	obuemit	Syria	
			Eixo sintagmático
Homini	ignoscit	Gallia	
Regi	fauet	Caius	
Seruo	nocet	Roma	

Com o exemplo exposto acima, *Scipioni obuemit Syria [...]*<sup>3</sup> (CAESAR, *Commentariorum...ciuili*, I, 6) (À Cipião cabe a Síria), podemos combinar de formas distintas os termos no eixo sintagmático e propor *Obuemit Syria Scipioni* ou *Syria Scipioni obuemit*. No caso do latim, com esta frase, a mudança de ordem dos termos não implica mudança de função, ou seja, continua-se tendo *à Cipião cabe a Síria*.

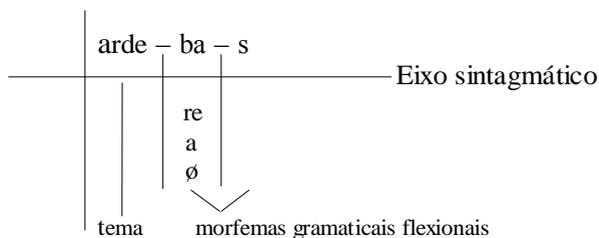
No eixo paradigmático, podemos selecionar várias possibilidades, tais como *homini/regi/seruo – ignoscit/fauet/nocet – Gallia/Caius/Roma*, uma por vez em cada ponto. Dessa forma, poderíamos ter no lugar de *Scipioni obuemit Syria*, *Homini obuemit Syria* ou *Regi obuemit Syria* ou ainda *Seruo obuemit Syria*, conforme o exposto acima, com a ocorrência de mudança apenas em um ponto do eixo paradigmático.

<sup>3</sup> Disponível em <<http://www.thelatinlibrary.com/caesar/bc1.shtml#6>>. Acesso em 15 de abr. 2013.

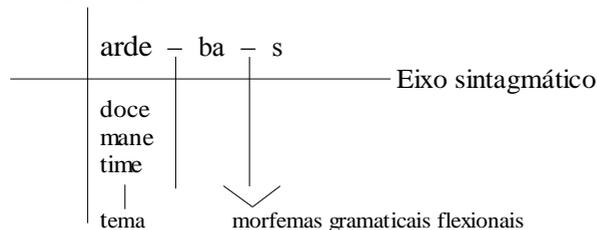
Também neste eixo, podemos identificar os morfemas das palavras. Esse processo se dá por meio da *comutação*, que é a substituição de um elemento por outro no eixo do paradigma. Mas, antes da comutação, deve ser feita a *segmentação*, que é a separação do que já se conhece como morfema ou do que ainda não se sabe ser um morfema no eixo do paradigma. Depois de feita a segmentação, passa-se à comutação e, se o material segmentado não for identificado como morfema, volta-se à segmentação, que precisa ser feita de forma exaustiva.

Analisemos o verbo latino *ardebas* sob os dois eixos:

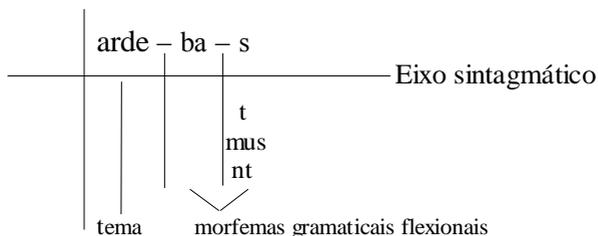
Eixo paradigmático



Eixo paradigmático



Eixo paradigmático



Nos exemplos acima, fizemos a segmentação exaustiva dos morfemas no eixo sintagmático da forma verbal *ardebas*, depois fizemos a comutação no eixo paradigmático, paradigma por paradigma, para chegarmos à conclusão de que nossa separação morfemática inicial estava correta. É importante frisar que a comutação (substituição de um elemento por outro no paradigma), para identificação de morfema, é feita substituindo um elemento por outro em um determinado paradigma, mantendo os elementos dos outros paradigmas constantes. Assim, no paradigma do tema *arde*, substituímo-lo por *doce* e obtivemos a forma verbal *docebas*; depois o substituímos pelo tema *mane* e obtivemos *manebas* e, assim, sucessivamente. Passamos, então para o próximo paradigma, e substituímos o morfema *ba* por *re* e obtivemos a forma verbal *arderes* e assim por diante. No terceiro paradigma, substituímos o morfema *s* por *t* e obtivemos a forma verbal *ardebit* etc.

Vamos nos deter agora ao estudo do sintagma e, para isso, vejamos a apresentação que Castilho faz desse termo:

Trata-se de uma associação de palavras articuladas à volta de cinco dentre elas: o verbo, o substantivo, o adjetivo, o advérbio e a preposição. O termo sintagma provém da terminologia militar grega, em que designava um esquadrão, ou seja, um número fixo de soldados, distribuídos de forma também regular, aos quais eram atribuídas funções próprias. Os linguistas se apropriaram desse termo, que parecia talhado para indicar o modo como o substantivo, o verbo, o adjetivo, o advérbio e a preposição costumam agregar outras classes de palavras (2010, p. 55).

Partindo desse conceito de sintagma, vamos aqui verificar as cinco classes de palavras acima mencionadas, na língua latina, observando como elas constituem sintagmas, para depois, nas análises, verificarmos se os constituintes posicionam-se de forma regular ou de forma livre na oração latina.

Como vimos acima, os sintagmas são formados pela associação de palavras articuladas, geralmente, em torno de uma, que é o seu núcleo. Por vezes, essa palavra-núcleo, sozinha, pode constituir o sintagma. Sobre isso, Silva e Koch dizem que

O sintagma consiste num conjunto de elementos que constituem uma **unidade significativa** dentro da

oração e que mantêm entre si relações de dependência e de ordem. Organizam-se em torno de um elemento fundamental, denominado núcleo, que pode, por si só, constituir o sintagma (2001, p. 14, grifo nosso).

A unidade significativa que cada sintagma constitui dentro da oração a que pertence é a sua função sintática. Em latim, essa função é assumida de acordo com o caso da palavra que nucleariza o sintagma, considerando a relação que ele estabelece com os outros termos.

Partindo das definições que apresentamos de sintagma, vamos observar a natureza de cada um, que é definidora dos tipos existentes. Chomsky apresenta um estudo das categorias lexicais e das categorias sintagmáticas, no qual, estas dependem daquelas para serem nomeadas (1965, p. 63-127)<sup>4</sup>, ou seja, a natureza do sintagma depende da classe da palavra que o nucleariza.

Sobre isso, Mioto diz que “[A teoria X-barras]<sup>5</sup> não considera a função que um determinado elemento desempenha sintaticamente e sim a sua **categoria** e as relações que se estabelecem, sempre a partir de um núcleo” (2004, p. 53, grifo nosso).

Os sintagmas são nomeados de forma categórica, ou seja, conforme a categoria (natureza/classe) da palavra que compõe seu núcleo. Sendo assim, se um sintagma tiver como núcleo (N) um nome, do tipo substantivo, ou pronome substantivo, ou palavra substantivada, ele deve ser classificado como Sintagma Nominal (SN). Com isso, em latim, um nome, em qualquer caso, será N de um SN.

Na língua latina, podem compor o SN, juntamente com o núcleo: (i) palavras que determinem o núcleo (determinantes – Det): pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos; (ii) palavras que denotem posse (pronomes possessivos – Poss); (iii) palavras que reforcem o núcleo (reforço – Ref): *ipse, idem, omnes etc.*; (iv) palavras que quantifiquem o núcleo (quantificador – Qf): *plures, pauci, multi etc.*; (v) palavras que

---

<sup>4</sup> Capítulo intitulado *Categories and relations in syntactic theory*, da obra *Aspects of the theory of the syntax*, de 1965.

<sup>5</sup> Desenvolvimento teórico dentro da gramática generativa proposto por Noam Chomsky (1970) que consiste na inclusão de categorias de nível intermediário (X') posicionadas entre as categorias mínimas (as categorias lexicais - X) e as categorias máximas (as categorias sintagmáticas - SX). Estes desenvolvimentos refletiram-se numa alteração do formalismo de representação sintática pré-existente, que passou a ser designada por *convenção X-Barra*.

enumerem o núcleo (numerador – Num): *duo, alter etc.*; e (vi) modificadores: SAdjs; e (vii) SN, de núcleo genitivo.

Na frase *Caesar eas cohortes cum exercitu suo coniunxit [...]* (CÉSAR, 1999, p. 62), (César uniu aquelas cortes ao seu exército [...]), temos três exemplos de sintagmas nominais: (1) *Caesar*, como vemos, formado somente por núcleo substantivo; (2) *eas cohortes*, formado pelo núcleo substantivo *cohortes* e por um determinante, o pronome demonstrativo *eas*; e (3) *exercitu suo*, formado pelo núcleo substantivo *exercitu* e pelo pronome possessivo *suo*.

Vamos formalizar a estrutura dos sintagmas da seguinte maneira: primeiro apresentaremos os constituintes sintagmáticos na ordem em que aparecem na oração, entre []; depois, informaremos a classificação de cada um; e, em seguida, apresentaremos o tipo de sintagma. As orações serão apresentadas entre {}. Vamos observar a disposição dos constituintes do sintagma, ou seja, sua organização estrutural.

Os sintagmas encaixados serão descritos primeiro, ficando aparente o encaixe por meio do tamanho dos [], ou seja, [{}].

(1)

[Caesar]
<u>N (substantivo)</u>
SN

(2)

[eas            cohortes]
<u>Det (pron dem) N (subst)</u>
SN

(3)

[exercitu        suo]
<u>N (subst)       Poss</u>
SN

Nos SNs explicitados acima, vemos em (2) que a palavra *eas* (pronome demonstrativo), que acompanha o núcleo *cohortes* (substantivo), concordando com ele, dispõe-se antes dele, e em (3), a palavra *suo*

(pronome possessivo), que acompanha o núcleo *exercitu* (substantivo), concordando com ele, dispõe-se depois dele.

Já em [...] *ipse facturus esset* [...] (CÉSAR, 1999, p. 78), ([...] o próprio iria executar [...]), temos um SN: (4) *ipse*, formado somente pelo núcleo, sendo este um pronome substantivo.

(4)

[ipse]
<u>N (pron. subst)</u>
SN

Na frase [...] *omnia diuina humanaque iura permiscetur* (CÉSAR, 1999, p. 48), ([...] todas as leis humanas e divinas são misturadas), temos um exemplo de SN: (5) *omnia diuina humanaque iura*, formado pelo núcleo substantivo *iura*, pelo pronome indefinido *omnia*, reforço do núcleo, e pelos modificadores, os SAdjs *diuina* e *humana*.

(5)

[Omnia	[diuina]	[humana]/que	iura]
	<u>N</u>	<u>N</u>	
<u>Ref (pron ind)</u>	<u>SAdj</u>	<u>SAdj</u>	<u>N (subst)</u>
SN			

Vemos, no SN representado em (5), que os constituintes *omnia* (pronome indefinido), *diuina* (SAdj) e *humana* (SAdj), que acompanham o núcleo *iura* (substantivo), concordando com ele, dispõem-se todos antes dele.

Em [...] *uiuere est cogitare* (Cicero, Tusc...Disp, Liber V, 111)<sup>6</sup>, (viver é pensar), temos uma oração que contém dois exemplos de SNs, constituídos somente pelos núcleos, os quais são palavras substantivadas: (6) *uiuere* (viver); e (7) *cogitare* (pensar).

(6)

[uiuere]
<u>N (pal subst)</u>
SN

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/tusc5.shtml#111>>. Acesso em: 29 de nov. 2012.

(7)

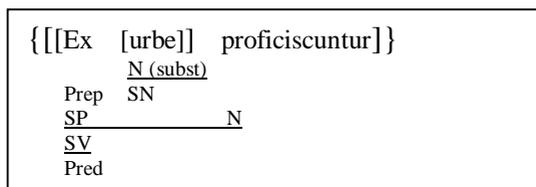
[cogitare] N (pal subst) SN
-----------------------------------

Esses são só alguns exemplos dos muitos tipos de estruturação do SN. Vamos observar outras estruturações de SNs na abordagem dos outros tipos de sintagmas. É válido observar que os SNs exercem uma função sintática – característica que justifica cada sintagma como uma unidade significativa dentro da oração – a qual, dependendo do seu núcleo, ou seja, do caso em que este núcleo está flexionado, ele funcionará como o sujeito de uma oração, ou como predicativo do sujeito, vocativo, adjunto adnominal restritivo, complemento verbal, modificador nominal, complemento nominal, modificador adverbial, agente da voz passiva e como termo de comparação de adjetivos no grau comparativo.

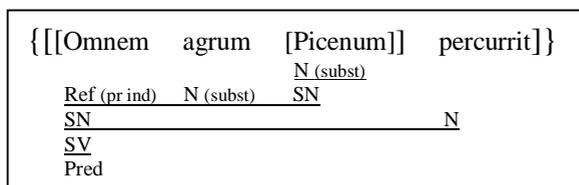
O sintagma que tem como núcleo um verbo deve ser classificado como Sintagma Verbal (SV). Sobre o SV, Castilho (2010, p. 391) diz que “como a sentença é um verbo que articula seus argumentos, segue-se que a única diferença entre um SV e uma sentença é que naquele não figura o sujeito, que aparece nesta”. Ou seja, na oração, não é apresentado um SN que funcione como sujeito, com o qual o verbo, núcleo do SV deveria concordar.

Dependendo da transitividade do verbo que compõe o núcleo do SV, este pode ser constituído somente pelo núcleo, como nos exemplos em (10), ou juntamente com SNs, SAdjs, SAdvs e SPs. Em (8) [...] *ex urbe proficiscuntur* [...] (CÉSAR, 1999, p. 48), (saem da cidade) e (9) [...] *omnem agrum Picenum percurrit* (CÉSAR, 1999, p. 58), (percorre todo o território Piceno), temos exemplos de SVs. Este composto pelo núcleo, o verbo *percurrit*, e pelo SN *omnem agrum Picenum*, e aquele composto pelo núcleo, o verbo *proficiscuntur*, e pelo SP *ex urbe*. Já na famosa frase (pronunciada pelo general romano Júlio Cesar, em 47 a.C, anunciando sua vitória contra Farnaces, rei do Ponto, na batalha de Zela, Planície da África), (10) *Ueni, uidi, uici* (Vim, vi, venci), temos um período composto por três orações coordenadas. Cada uma é composta somente por um verbo, de estrutura argumental própria, intransitivos, e cada um compõe um SV, predicado.

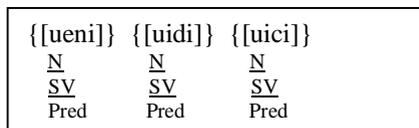
(8)



(9)



(10)

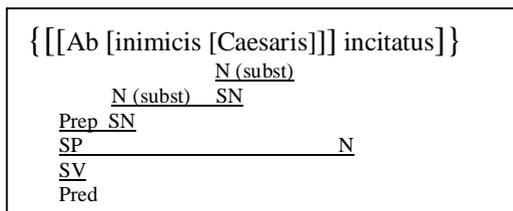


Além da natureza e dos tipos, os sintagmas têm uma outra propriedade, o encaixamento. Podem encaixar-se uns dentro dos outros, como nos exemplos (8), em que o SN *urbe* está encaixado no SP *ex urbe*, e este, por sua vez, está encaixado no SV, e (9), em que o SN *Picenum* está encaixado no SN *omnem agrum Picenum*, que por sua vez está encaixado no SV. Sobre isso, Perini diz que:

[...] a linguagem tem a propriedade de, inclusive, encaixar sintagmas dentro de outros sintagmas [...]. Essa é uma propriedade fundamental da linguagem humana, e se denomina **recursividade**. Ela permite que a quantidade de enunciados possível em uma língua seja, em princípio, ilimitada (porque sempre se pode colocar mais um sintagma dentro dos que já temos) (2006, p. 100, grifo do autor).

Podemos observar melhor a recursividade linguística, ou seja, a propriedade de encaixamento de unidades dentro de outras, que faz com que as sentenças tenham comprimento indeterminado, em (11), no SV [...] *ab inimicis Caesaris incitatus* [...] (CÉSAR, 1999, p. 42), (influenciado pelos inimigos de César), que tem quatro sintagmas encaixados uns dentro dos outros.

(11)



Temos em (11) o SV *ab inimicis Caesaris incitatus* – nucleado pelo verbo *incitatus* – que contém dentro de si o SP *ab inimicis Caesaris* – nucleado pela preposição *ab* – que contém dentro de si o SN *inimicis Caesari* – nucleado pelo substantivo *inimicis* – que contém dentro de si o SN *Caesaris* – seu núcleo e constituinte único.

Sobre o exemplo (10), vemos que há três orações, constituídas somente de SVs, cada qual com seu núcleo, o verbo. É válido observar que os SVs são também orações, mas nelas o sujeito não é explicitado. Em latim, há muitas orações formadas só de SV, ou seja, construções que não apresentam um SN, que tenha como núcleo um nome/pronome/palavra substantivada, no caso *nominativo*, ou uma forma verbal no infinitivo, que funcione como sujeito. Perini diz que, para a língua portuguesa,

A definição de sujeito não é uma coisa tranquila. [...] aqui estamos definindo “sujeito” [...] em termos puramente formais. O sujeito de uma frase não é “nem o ser que pratica a ação” nem “o elemento do qual se afirma alguma coisa”. É o sintagma que aparece em determinada posição na frase [...] e com o qual o verbo concorda. [...] “Sujeito” é uma função formal, e tem a ver com a ordem das palavras e com a concordância (2006, p. 106-107).

Já em latim, também podemos definir “sujeito” em termos puramente formais, mas o sujeito não tem a ver com a ordem das palavras,

como em português, e sim com o caso e com a concordância. Ou seja, o sujeito latino é um SN, que apresenta um núcleo, com o qual o verbo concorda em número, e, com exceção das construções *acusativo-infinitivas*, nas quais o sujeito é um acusativo, e das construções *ablativo absoluto*, nas quais o sujeito é um ablativo, apresenta-se no caso *nominativo*, ou no *infinitivo*, forma verbo-nominal.

Segundo Perini, em português, as orações dispostas nos exemplos (8), (9) e (10) são orações sem sujeito, tanto quanto a oração *choveu*. A diferença está no fato de que naquelas há agente, não sujeito, pois percebemos que alguém praticou a ação de *sair/percorrer/vir/ver/vencer*, enquanto que nessa, além de não haver sujeito, também não há agente, pois não observamos que alguém tenha praticado a ação de *chover* (2006, p. 110-111).

Também em latim, verbos como *pluere* (chover) e *ninguere* (nevar), que denotam fenômenos da natureza, são verbos impessoais (que não apresentam sujeito), além de serem também unipessoais (usados só na terceira pessoa), e intransitivos (que não pedem complemento). Em [...] *spatium, qua pluitur et ninguitur [...]* (APVLEIVS, Florida, II)<sup>7</sup>, (espaço, em que chove e neva), observamos que os verbos *pluitur* (chove) e *ninguitur* (neva) não apresentam sujeito, nem agente, pois não é possível observar que alguém tenha praticado essas ações.

Outro tipo de sintagma é o adjetival (SAdj), o qual deve ter como núcleo um adjetivo. Esse tipo de sintagma “tem propriedades tradicionalmente atribuídas aos chamados “adjetivos”: semanticamente é restritivo, e sintaticamente é o modificador de um nominal” (PERINI, 2006, p. 96, grifo do autor). Além do núcleo, o SAdj pode ser construído com *intensificador/especificador* (SAdv) e com *complementador* (SN).

A oração *sed uel magis quae honesta sunt* (mas talvez mais o que é honesto), e o provérbio *mors omni aetati communis est*<sup>8</sup> (a morte é comum a todas as idades) são orações constituídas de SAdj. O SAdj da oração tem como núcleo o adjetivo *honesto*, que sozinho compõe o sintagma, em (12). Já o SAdj do provérbio tem como núcleo o adjetivo *communis* e o seu complemento, o SN *omni aetati*, em (13).

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/apuleius/apuleius.florida.shtml>>. Acesso em 11 de mar. 2013.

<sup>8</sup> Disponível em: <[http://www.hkocher.info/minha\\_pagina/adagia/adagia\\_m.htm](http://www.hkocher.info/minha_pagina/adagia/adagia_m.htm)>. Acesso em 13 de mar. 2013.

(12)

{ sed uel [magis [[[quae] [[honest] sunt]]]] }			
Loc. conj.		N	
	N (pr)	SAdj	N
	N	SN	SV
	SAdv	Suj	Pred

(13)

{ [Mors] [[[omni aetati] communis] est] }			
N (subst)	Ref	N (subst)	
SN	SN	N	
Suj	SAdj		N
	SV		
	Pred		

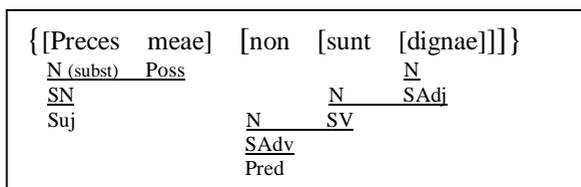
*Preces meae non sunt dignae [...]* (Dies irae)<sup>9</sup>, (as minhas preces não são dignas), [...] *alter semper magnus [...]* (CICERO, De officiis, I, 90)<sup>10</sup>, (o outro foi sempre grande), e [...] *animo gratissima nostro es* (OVIDIVS, Metamorphoses, Liber V, 261)<sup>11</sup>, (és caríssima ao nosso coração) são, respectivamente, duas orações com sujeito e uma sem sujeito, explicitado por meio de SN, constituídas de SAdj. O SAdj da primeira oração tem como núcleo o adjetivo *dignae*, que sozinho compõe o sintagma, em (14). O SAdj da segunda oração tem como núcleo o adjetivo *magnus* e seu intensificador, o SAdv *semper*, em (15). Já o SAdj da terceira oração tem como núcleo o adjetivo *gratissima* (no superlativo), intercalado entre o termo determinante e o termo determinado do SN, que funciona como seu complemento, em (16).

<sup>9</sup> Disponível em <<http://www.thelatinlibrary.com/diesirae.html>>. Acesso em 11 de mar. 2013.

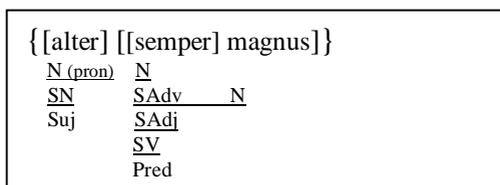
<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/off1.shtml#90>>. Acesso em 15 de mai. 2013.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/ovid/ovid.met5.shtml>>. Acesso em: 22 de set.2012.

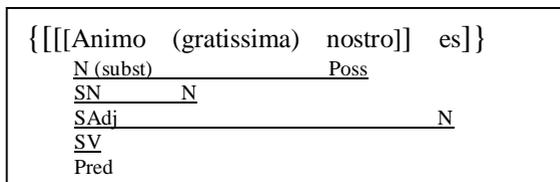
(14)



(15)



(16)



Com os exemplos acima, utilizados para demonstrar o SAdj, podemos observar que eles, como todos os tipos de sintagmas, com exceção do sintagma preposicional, sobre o qual ainda iremos falar, podem ser constituídos apenas pelo núcleo, um adjetivo, como em (12) e (14). E quando não são constituídos apenas pelo núcleo, os outros constituintes, sintagmas, podem ser dispostos tanto antes do núcleo, como em (15), quanto depois dele, como em (13), ou pode ocorrer como em (16), em que o adjetivo transitivo *gratissima* pode ficar intercalado entre os constituintes, determinado e determinante (respectivamente, *animo* e *nostro*) do SN, que funciona como seu complemento nominal.

Com os exemplos acima, observamos a disposição do SAdj tanto no meio da oração, como em (12) e em (13), quanto no fim, como em (14) e

em (15). Apesar de não termos colocado exemplo com SAdj no início da oração, não descartamos a possibilidade dessa ocorrência.

O sintagma que tem como núcleo um advérbio deve ser chamado de Sintagma Adverbial (SAdv). Este, além do núcleo, pode, assim como o SAdj, que acabamos de abordar, ser estruturado com outros sintagmas. Ou seja, pode ter um sintagma que o especifique/intensifique e/ou outro que o complemente.

Maurozeau (1953, p. 57) diz que “o advérbio na frase pode desempenhar vários papéis”<sup>12</sup>: ele pode ter uma semi independência, constituindo uma espécie de prefácio à declaração e, com esta determinação, é colocado à frente da frase; ele pode ser concebido como um determinante geral, uma declaração, sem estar ligado a qualquer termo particular. Sendo assim, seu lugar parece ser indiferente; pode ser usado como determinante de uma palavra, anexando-se a um adjetivo, a um verbo, ou a um outro advérbio; por fim, a determinação que ele estabelece pode ser essencial, a tal ponto que sem ele a frase fica incompleta e sem sentido. Mas também a determinação pode ser secundária, a tal ponto que pode ser dispensado (*Idem, Ibidem*).

Nos exemplos dispostos abaixo, (17) [...] *totum se ab eius amicitia auerterat* [...] (CÉSAR, 1999, p. 42), (desviara-se totalmente da amizade dele) e (18) *Cetera admonitione magna egent* [...] (QUINTILIANO, *Institutio oratoria*, I, 8, IV)<sup>13</sup>, (de resto, convém fazer-lhes uma importante advertência), há ocorrência de SAdv.

O SAdv em (17), nucleado pelo advérbio *totum*, parece atuar como um determinante geral da sentença, composta somente de SV e não a um termo em particular. Já em (18), o SAdv, nucleado pelo advérbio *cetera*, constitui uma espécie de prefácio à declaração, por conta disso foi colocado no início da sentença.

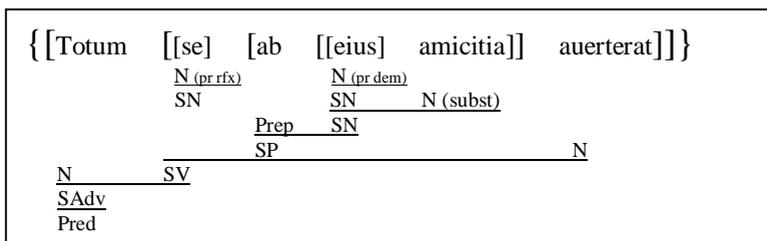
---

<sup>12</sup> *L'adverbe peut jouer dans la phrase des rôles multiplex.*

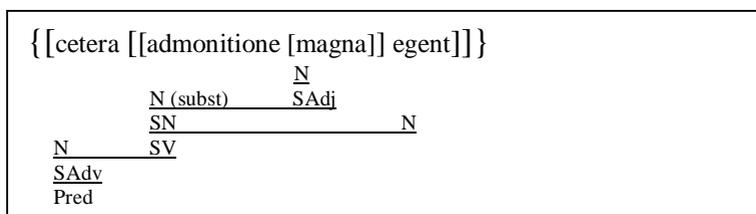
<sup>13</sup> Disponível em

<<http://www.thelatinlibrary.com/quintilian/quintilian.institutio1.shtml>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

(17)

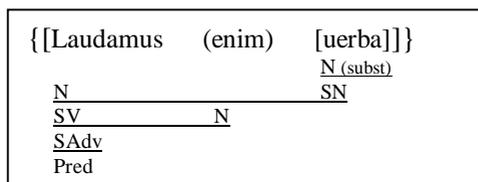


(18)



Em (19) [...] *laudamus enim uerba* [...] (QUINTILIANUS, *Institutio oratoria, liber primus, 5, III*)<sup>14</sup> (realmente louvamos as palavras), disposta abaixo, o SAdv, nucleado pelo advérbio *enim*, que “se coloca sempre depois de uma palavra, raro depois de duas” (MADVIG, 1872, p. 379, § 471), também modifica toda a sentença, composta só por SV.

(19)



Sendo assim, em (17), (18) e (19), temos SAdv, nucleados por advérbios de sentença. Em (14), na oração *Preces meae non sunt dignae* [...], há um exemplo de SAdv, nucleado pelo advérbio *non*, que funciona como modificador adverbial do SV *sunt dignae*. E, em (20), abaixo, temos

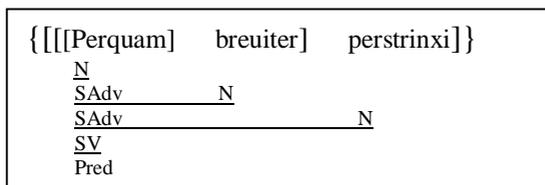
---

<sup>14</sup> Idem.

SAdv, nucleado por advérbio de constituinte, da mesma forma que, em (15), há um exemplo de SAdv, nucleado pelo advérbio *semper*, que funciona como modificador do adjetivo *magnus*, núcleo do SAdj.

Em (20) [...] *perquam breuiter perstrinxi* [...] (CICERO, *De Oratore II*, 201)<sup>15</sup>, (olhei muito brevemente), o SAdv, que tem como núcleo o advérbio *perquam*, é modificador do SAdv, que tem como núcleo o advérbio *breuiter*, que funciona como modificador do verbo *perstrinxi*, núcleo do SV.

(20)



Os SAdvs de (20) se antepõem ao termo modificado, ou seja, o SAdv nucleado pelo advérbio *breuiter* modifica o verbo *perstrinxi*, núcleo do SV, e é modificado pelo SAdv, nucleado pelo advérbio *perquam*.

Ao observar o comportamento sintático dos advérbios, Castilho (2010, p. 544-545) diz que “uns tomam por escopo um constituinte da sentença – esses são os *advérbios de constituinte*. Outros, mais gulosos, tomam por escopo toda a sentença, ou seja, todo o conteúdo – esses são os *advérbios de sentença*”.

Os SAdvs de (17), (18) e (19) são modificadores de sentença. A diferença entre eles é a sua disposição dentro da oração. Os SAdvs em (17) e (18) são dispostos antes de todos os constituintes do SV. Já em (19), o SAdv *enim*, foi disposto depois do verbo, ficando entre este e o seu complemento, por isso o representamos entre parênteses no esquema.

Sobre a colocação dos advérbios na frase, Madvig diz que

Os advérbios que pertencem ao verbo, colocam-se de ordinário contíguos a ele (se o verbo fecha a oração, antes dele); mas podem tanto começar ou cerrar enfaticamente a oração, como também intercalar-se sem ênfase entre os membros a que se quer dar realce

<sup>15</sup> Disponível em: < <http://www.thelatinlibrary.com/cicero/oratore2.shtml#201>>. Acesso em 12 de mar. 2013.

[...]. Os advérbios que pertencem a um adjetivo ou a outro advérbio põem-se quase sempre antes dele [...]  
(1872, p. 377, § 468).

Sendo assim, vimos, em (20), que o advérbio *breuiter*, que pertence ao verbo *perstrinxi*, que fecha a oração, foi colocado antes dele. E o advérbio *perquam*, que pertence ao outro advérbio, *breuiter*, foi colocado antes deste. Em (15), o advérbio *semper*, que pertence ao adjetivo *magnus*, foi colocado antes dele.

Quanto aos tipos de sintagma, há ainda o Sintagma Preposicional (SP), sintagma que tem como núcleo uma preposição (Prep). Em latim, os SPs se constituem com SNs, sendo esses complementadores daqueles.

É válido observar que a constituição do SP se dá sempre através do encaixamento de um SN.

Em (21) *Consules [...] ex urbe proficiscuntur [...]* (CÉSAR, 1999, p. 48), (Os cônsules saem da cidade), em (22) *[...] Ariminum cum ea legione proficiscitur [...]* (CÉSAR, 1999, p. 50), (parte para Arímimo com aquela legião), em (23) *[...] ad eum legati ueniunt [...]* (CÉSAR, 1999, Liber primus, p. 58), (vêm emissários para ele), e em (24) *[...] missum a Pompeio in agrum Picenum [...]* (CÉSAR, 1999, p. 58), (enviado por Pompeu ao território Piceno), temos exemplos de SPs.

(21)

{	[Consules]		[[ex	[urbe]]	proficiscuntur]}
	<u>N (subst)</u>			<u>N (subst)</u>	
	SN		<u>Prep</u>	<u>SN</u>	
			<u>SP</u>		<u>N</u>
			<u>SV</u>		

(22)

{	[Ariminum]		[cum	[ea	legione]]	[proficiscitur]}
	<u>N (subst)</u>			<u>Det</u>	<u>N (subst)</u>	
	SN		<u>Prep</u>	<u>SN</u>		
			<u>SP</u>		<u>N</u>	
	<u>SV</u>					
	Pred					

(23)

[[Ad [eum]]		((legati) ueniunt)]	
			<u>N (subst)</u>
	<u>N (pr dem)</u>	<u>SN</u>	
<u>Prep</u>	<u>SN</u>	Suj	
<u>SP</u>			<u>N</u>
<u>SV</u>			
Pred			

(24)

[[Missum [a [Pompeio]] [in [agrum [Picum]]]]]			
			<u>N (subst)</u>
	<u>N (subst)</u>	<u>N (subst)</u>	<u>SN</u>
	<u>Prep</u>	<u>SN</u>	
<u>N</u>	<u>SP</u>	<u>SP</u>	
<u>SV</u>			
Pred			

Nos exemplos dispostos acima, vemos que os SPs são apresentados em posições diferentes. Em (21), o SP *ex urbe* é complemento circunstancial do verbo *proficiscuntur*, núcleo do SV, e dispõe-se antes dele, depois do sujeito da oração, o SN, que tem como núcleo e constituinte único o substantivo *consules*; em (22), o SP *cum ea legione* é modificador adverbial do verbo *proficiscitur* – núcleo do SV – que tem como complemento circunstancial o SN *Ariminum*; em (23), o SP *ad eum* é modificador adverbial do verbo *ueniunt*, ambos constituintes do SV, e intercalam o SN *legati*, que funciona como sujeito da oração, por isso o dispomos, no esquema, entre parênteses; e em (24), há dois SPs constituintes do SV: o SP *a Pompeio*, que funciona como agente da passiva, e o SP *in agrum Picenum*, que funciona como complemento circunstancial do verbo *missum*, núcleo do SV.

Os exemplos acima nos mostram que o SP, dependendo da sua função e dos outros termos existentes na oração, pode ser apresentado em vários lugares. No início, como em (23), no meio, como em (21) e (22), e no fim, como em (24). Já sua estruturação interna, em todos os quatro exemplos mostrados acima, é a mesma, ou seja, SP = preposição + SN, diferentemente do SP *eisdem de rebus*, em (25), constituinte da oração [...]

*eisdem de rebus praetor Roscius agit cum Caesare [...]* (CÉSAR, 1999, p. 50).

(25)

[[Eisdem (de) rebus]]	
Det	N (subst)
SN	Prep
SP	

Como vemos em (25), o SP tem sua preposição intercalada – por isso apresentada entre parênteses – entre o termo determinante e o termo determinado do SN. Isso é uma tendência latina (assunto que vamos abordar no subcapítulo 1.2).

Até então, abordamos cinco tipos de sintagmas, que podem se constituir como uma unidade significativa, tanto em períodos simples, quanto em períodos compostos. Como nosso objetivo é trabalhar com a análise sintagmática em período composto, que, segundo Perini (2010, p. 157), é “uma construção que encerra mais de uma oração”, para apresentar restrições que impedem o livre ordenamento sintático dos constituintes, palavras e sintagmas, nas orações em prosa, é válido relembrar coordenação, subordinação e correlação.

Em Perini (idem, p. 158), temos que “a estrutura coordenada se caracteriza por ter as duas (ou mais) orações uma ao lado da outra, sem que uma faça parte da outra”, ou seja, são orações independentes que se dispõem, através de justaposição, no mesmo nível da estrutura hierárquica, ou se ligam por meio de conectivos.

Estruturas coordenadas são associações de sintagmas oracionais. Em (30), temos três orações que se coordenam entre si de forma justaposta, ou seja, sem conectivo de ligação. Para efeito de caracterização, denominaremos aqui toda oração como Sintagma Oracional (SO).

O SO, diferentemente dos outros sintagmas descritos acima, pode não ser nucleado apenas por um constituinte (a não ser quando temos uma oração composta somente pelo verbo), mas sim por vários, compondo uma oração, a qual pode ser independente (coordenada) ou dependente (subordinada). Essa pode ter valor de substantivo, de adjetivo ou de advérbio.

“Além da coordenação, existe um outro processo gramatical básico utilizado na língua para juntar orações: a **subordinação**. Quando temos

orações subordinadas, elas não ficam uma ao lado da outra, mas uma *dentro* da outra” (PERINI, *idem*, p. 158, grifos do autor).

Assim como em português, os SOs dependentes, em latim, apresentam-se encaixados em outras orações, também SOs, dependentes ou não, evidenciando assim os conhecidos períodos compostos por subordinação. Esses são constituídos de duas ou mais orações, sendo uma a oração principal (OP), aquela que, geralmente, apresenta um verbo definido no modo indicativo, sem ser introduzida por conjunção subordinativa, e a(s) subordinada(s), aquelas(s) que faze(m) parte de uma outra oração e ou apresenta(m) ou um verbo indefinido, ou um verbo no modo subjuntivo, ou um verbo definido, introduzida(s) por marcador sintagmático (assunto que será abordado no subcapítulo 1.3). Há ainda as subordinadas que apresentam verbo no modo subjuntivo, mas que não são introduzidas por marcadores sintagmáticos. Estas são analisadas por meio da *consecutio temporum*.

Procedimento sintático de capital importância no período latino, ponto de partida para a compreensão de várias espécies de orações subordinadas, é a **CONSECUTIO TEMPORUM** (= concordância, isto é, interdependência, correlação dos tempos verbais). Em português [...] “Quero que *faça*” e “Queria que *fizesse*”. Assim como em nosso idioma ninguém vai construir “Quero que *fizesse*” nem “Queria que *faça*”, assim também o latim exige essa correlação, essa sequência, essa dependência, essa *concordância* de tempo na subordinada, com extraordinário rigor e precisão e com discriminações inexistentes em português (ALMEIDA, 2000, p. 335, grifos do autor).

Essa concordância dos tempos verbais latinos, *consecutio temporum*, que ocorre entre o verbo da oração subordinante e o verbo da oração subordinada, é rigorosa. Muitos tipos de orações subordinadas apresentam o verbo no modo subjuntivo, cujo tempo depende do tempo do verbo da oração subordinante e cuja ação pode se realizar concomitantemente, anteriormente ou posteriormente à ação do verbo da oração subordinante. Ressaltaremos essa concordância, quando ela se fizer presente nos períodos que analisaremos.

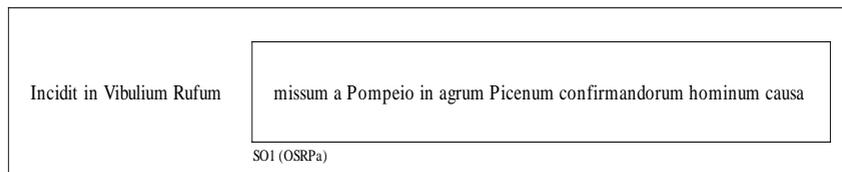
O período [...] *incidit in Uibullium Rufum missum a Pompeio in agrum Picenum confirmandorum hominum causa* (CÉSAR, 1999, p. 58), (Encontrou-se com Vibúlio Rufo, enviado por Pompeu ao território Piceno,

para firmar os homens no partido), constitui-se como OP, pois não é introduzido por conectivo subordinativo, e seu verbo, *incidit*, definido, que é transitivo e está no indicativo, constrói-se com acusativo preposicionado com *in*, o SP *in Uibullium Rufum*. Já o SO *missum a Pompeio in agrum Picenum confirmandorum hominum causa* constitui-se como oração subordinada da OP, apresentando o verbo transitivo *missum*, indefinido, no particípio passado, sendo, por isso, uma oração subordinada reduzida de particípio (OSRPa), ou seja um particípio conjunto, que concorda em caso, gênero e número com o substantivo *Uibullium* e, por isso, exerce a função de predicativo do complemento. O SP *a Pompeio*, no ablativo, funciona como agente da passiva, o SP *in agrum Picenum*, funciona como complemento circunstancial do verbo *missum* e o SN *confirmandorum hominum causa* funciona como modificador adverbial de fim.

Sobre o gerundivo, temos que ele é um adjetivo verbal que, no latim, sempre funciona como nome (adjetivo), modificando outro nome (substantivo), concordando com ele em caso, gênero e número, como ocorre com *confirmandorum hominum*. Quanto a este emprego do gerundivo, Madvig diz que

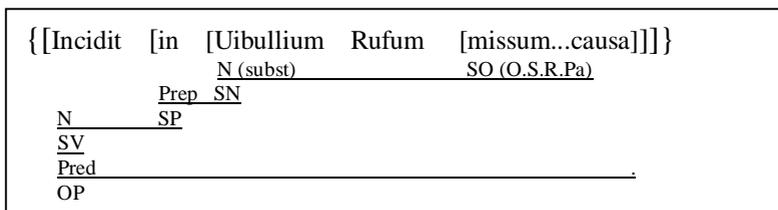
O gerúndio emprega-se para exprimir a significação do pres. infinitivo ativo, isto é, do verbo em geral, nas construções em que o infinitivo deveria estar em um determinado caso (menos o nominativo). (...) Se o gerúndio houver de ser regido de uma preposição, emprega-se sempre a expressão formada com o particípio em *-ndus* (=gerundivo): assim, *ad placandos deos* ‘para aplacar os deuses’ (e não *ad placandum deos*) (1889, p. 329, § 413).

Por conta desse emprego do gerundivo, traduzimos *confirmandorum hominum causa* assim: *para firmar os homens no partido*.



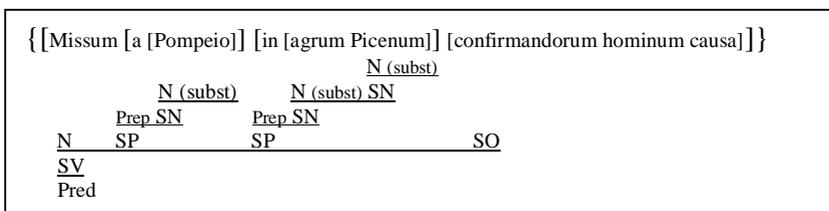
No quadro acima, podemos observar o encaixamento oracional, ou seja, o SO dentro da OP. Já em (26), podemos observar outros encaixamentos.

(26)



Acima, o SO *missum...causa* está encaixado no SN *Uibullium Rufum* – pois funciona como seu predicativo – e este está encaixado no SP *in Uibullium Rufum*, o qual, por sua vez, está encaixado no SV por funcionar como complemento do verbo *incidit*, seu núcleo.

(27)

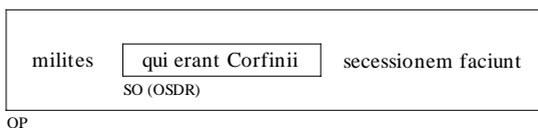


O esquema acima demonstra que há três sintagmas encaixados no SO *missum a Pompeio in agrum Picenum confirmandorum hominum causa*, que é constituído apenas de SV. O SP *a Pompeio*, que funciona como agente da passiva, o SP *in agrum Picenum*, que funciona como complemento circunstancial do verbo *missum*, núcleo do SV, e o SO *confirmandorum hominum causa*, que funciona como modificador adverbial de *missum*.

O período [...] *milites, qui erant Corfinii, [...] secessionem faciunt [...]* (CAESAR, *Commentariorum de bello ciuili, Liber primus, 20*)<sup>16</sup>, (os soldados, que estavam em Corfinio, fazem a retirada), constitui-se como

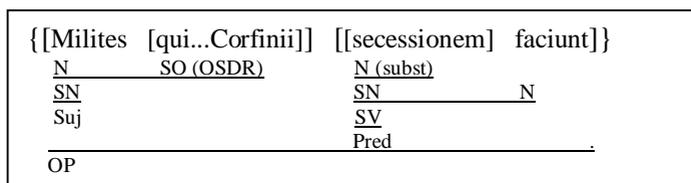
<sup>16</sup> Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/caesar/bc1.shtml>>. Acesso em 16 de mar. 2013.

OP, pois não é introduzido por conectivo subordinativo e seu verbo, *faciunt*, é definido e está no indicativo. Já, *qui erant Corfinii* constitui-se como oração subordinada da OP, mesmo seu verbo, *erant*, sendo também definido e também estando no indicativo. O que faz esta oração ser subordinada daquela é o fato de ela ser introduzida por um marcador sintagmático (ver subcapítulo 1.3), o conectivo subordinativo *qui*, pronome relativo. Temos então uma oração subordinada desenvolvida relativa (OSDR).



No esquema acima, observamos que o SO está encaixado na OP, que também é um SO. Já em (28), podemos observar tanto os encaixamentos que ocorrem com os sintagmas contidos na OP, quanto à associação O = SN + SV.

(28)



A associação de sintagmas é necessária para compor estruturas maiores. Além de ocorrerem uns dentro dos outros (encaixamentos), os sintagmas também ocorrem lado a lado (associados), como é o caso da composição mais típica (não única) da oração: O = SN + SV (PERINI, 2006, p. 99). Essa não é a única estrutura que associa sintagmas.

Em (28), observamos a associação do SN *milites qui...Corfinii*, que funciona como sujeito da OP, disposto do lado do SV *secessionem faciunt*, que funciona como predicado. E, observamos também os encaixes do SO *qui...Corfinii*, dentro no SN, que tem como núcleo o substantivo *milites*, sendo aquele modificador adjetival deste, e do SN *secessionem*, dentro do SV, sendo aquele, complemento do verbo *faciunt*, núcleo deste.

Os sintagmas estabelecem algum tipo de relação, sendo a maioria dispostos lado a lado ou encaixados, com exceção dos sintagmas que funcionam como vocativo, esses atuam soltos na oração.

Em (29), podemos observar como ocorre a associação e o encaixamento dos sintagmas contidos no SO *qui erant Corfinii*.

(29)

{[Qui]	[erant	[Corfinii]]}
<u>N (pr.rel)</u>		N (subst)
SN	<u>N</u>	SN
	SV	

O SN *qui*, que funciona como sujeito da oração subordinada, está disposto do lado (associado) do SV *erant Corfinii*, que funciona como predicado; e o SN *Corfinii* está encaixado no SV, funcionando aquele como modificador do núcleo deste, o verbo *erant*.

O período *Statim de reliquis rebus ad senatum refertur: tota Italia delectus habeatur; Faustus Sulla propraetore in Mauretanium mittatur; pecunia uti ex aerario Pompeio detur* (CAESAR, De bello ciuili, Liber primus, 6)<sup>17</sup>, (Imediatamente se propõe ao senado, segundo as coisas restantes: que se faça recrutamento de tropas em toda Itália; que se envie Fausto Sula à Mauritània como propretor; que se conceda a Pompeu usar o dinheiro do erário), constitui-se como OP, pois não é introduzido por conectivo subordinativo e apresenta o verbo *refertur*, que é definido e está no indicativo.

Há na OP três orações, *tota Italia delectus habeatur*, *Faustus Sulla propraetore in Mauretanium mittatur* e *pecunia uti ex aerario Pompeio detur*, que se coordenam entre si e subordinam-se à OP, funcionando como sujeito desta. Esses SOs têm seus respectivos verbos *habeatur*, *mittatur* e *detur* no subjuntivo. Trata-se então de orações subordinadas desenvolvidas subjetivas (OSDS).

Além dessas três orações que se subordinam à OP, há a oração *pecunia uti ex aerario*, que tem seu verbo *uti* no infinitivo e se subordina a outra, já então subordinada, e funciona como sujeito dela, logo é uma oração subordinada reduzida subjetiva (OSRS), conforme o esquema abaixo.

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/caesar/bc1.shtml>>. Acesso em 16 de mar. 2013.

Statim...refertur	tota...habeatur;	Faustus...mittatur;	pecunia...aerario detur
	SO1 (OSDS)	SO2 (OSDS)	SO4 (OSRS) SO3 (OSDS)

Subordinadas que se coordenam entre si

OP

No esquema acima, podemos observar que os SO1, SO2 e SO3 coordenam-se (associam-se) entre si e subordinam-se (encaixam-se) à OP, funcionando como seu sujeito. Há ainda o SO4 que se subordina (encaixa) no SO3. Em (30), podemos observar tanto as associações, quanto os encaixamentos sintagmáticos existentes na OP.

(30)

{ [[ [statim] [de [[reliquis] rebus]] [ad [senatum]] refertur] {...} {...} { {...}...} ] }						
	<u>N</u>			<u>N (subst)</u>		
	<u>SAdj</u>			<u>N (subst)</u>		
	<u>Prep</u>	<u>SN</u>		<u>Prep</u>	<u>SN</u>	
		<u>SP</u>		<u>SP</u>	<u>N</u>	<u>SO4</u>
	<u>N</u>	<u>SV</u>			<u>SO1</u>	<u>SO2</u> <u>SO3</u>
					<u>Suj</u>	
	<u>SAdv</u>					
	<u>Pred</u>					
	<u>OP</u>					

Em (30), vemos os SOs dispostos lado a lado, por se coordenarem entre si, e dispostos ao lado do SV, que tem como núcleo o verbo *refertur*, por funcionarem como sujeito deste. No sintagma verbal, vemos o SN *senatum* encaixado no SP *ad senatum*, que, por sua vez, está encaixado no SV por funcionar como complemento do verbo *refertur*. Há também encaixado no SV, o SP *de reliquis rebus*, que funciona como modificador adverbial do verbo, e tem encaixado em si o SN *reliquis rebus*, que, por sua vez, tem encaixado em si o SAdj *reliquis*. Já o SAdv *statim*, que funciona como modificador adverbial do verbo *refertur*, está também encaixado no SV.

Nos esquemas abaixo, representamos os encaixamentos existentes nos SOs dispostos em (30).

(31)

{ [Tota Italia] [[delectus] [habeatur]] }		
	<u>N (subst)</u>	<u>N</u>
<u>Ref</u>	<u>N (subst)</u>	<u>SV</u>
SN (Mod adv)	Suj	Pred

No SO1 disposto acima, observamos que o SN *delectus*, que funciona como sujeito, dispõe-se do lado do sintagma SV, predicado, composto apenas pelo verbo *habeatur*. Por sua vez, o SN *tota Italia* antepõe-se à oração, por funcionar como seu modificador adverbial.

(32)

[Faustus Sulla] [[propraetore] [in [Mauretanium]] mittatur]]			
<u>N (subst)</u>		<u>N (subst)</u>	
<u>SN</u>	<u>N (subst)</u>	<u>Prep SN</u>	
Suj	SN	SP	N
	<u>SV</u>		
	Pred		

No SO2 disposto acima, observamos que o SN *Mauretanium* está encaixado no SP *in Mauretanium*, e este, juntamente com o SN *propraetore*, estão encaixados no SV, que tem como núcleo o verbo *mittatur*. O SN funciona como seu complemento circunstancial e aquele funciona como seu modificador adverbial. Já o SN *Faustus Sulla*, que funciona como sujeito, está disposto do lado do SV *propraetore in Mauretanium mittatur*, predicado.

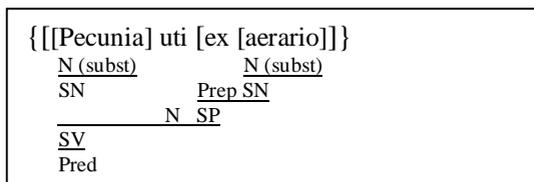
(33)

{ [[Pecunia...aerario] [Pompeio] detur] }		
<u>SO</u>	<u>N (subst)</u>	
Suj	SN	N
	<u>SV</u>	
	Pred	

No SO3 disposto acima, observamos que o SO *pecunia...aerario*, sujeito, está disposto ao lado do SV *Pompeio detur*, o qual é constituído

pelo verbo *detur*, seu núcleo, e pelo SN *Pompeio*, que funciona como complemento verbal.

(34)



Por fim, disposto acima, o SO4, que funciona como sujeito do SO3, é constituído pelo SV, que tem como núcleo o verbo *uti*, tem encaixado em si o o SN *pecúnia*, que funciona como complemento verbal, e o SP *ex aerario*, que funciona como seu modificador adverbial do verbo.

Além da coordenação e da subordinação, há ainda outra forma de relacionar orações, a “correlação, que significa “relacionamento simultâneo”” (CASTILHO, 2010, p. 387, grifo do autor), ou seja, duas orações que estabelecem relação simultânea. “Os processos correlativos [...] podem ocorrer também entre sintagmas [...] e até mesmo entre constituintes dos sintagmas (Idem, p. 388).

Vamos demonstrar a correlação entre constituintes oracionais e entre SOs nas nossas análises dos períodos compostos.

Com essa abordagem sintagmática, fizemos algumas observações de como os constituintes podem se organizar dentro dos cinco tipos de sintagmas que podem constar numa oração latina, bem como as associações e os encaixamentos de sintagmas que podem ocorrer nas orações, para nos auxiliar nas análises que faremos dos períodos compostos de obras clássicas latinas, nas quais observaremos restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento dos constituintes nas orações.

Apresentamos aqui, além da abordagem dos SN, SV, SAdj, SAdv e SP, três períodos compostos por subordinação, nos quais um contém um SO com valor de advérbio, outro contém um SO com valor de adjetivo e outro contém três SOs, coordenados entre si (associados), e um SO dentro (encaixado) de outro também encaixado, todos com valor de substantivo, para demonstrarmos como os SOs podem se relacionar dentro da OP, que também é um SO. Porém, além das construções latinas (orações subordinadas) que demonstramos e analisamos aqui, há outras construções que iremos demonstrar e analisar no segundo capítulo deste trabalho.

## 1.2. A ordem e a descontinuidade dos constituintes na oração latina

Abordaremos aqui a ordem básica (regular/direta), a ordem estilística (indireta) e algumas tendências de disposição dos constituintes em trechos latinos, bem como a descontinuidade de alguns constituintes, observando a ordem destes (palavras, sintagmas) na oração latina, para nos servir de base nas análises sintagmáticas que faremos em períodos compostos de obras clássicas da língua latina, nas quais observaremos restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento dos constituintes na oração.

Como vamos trabalhar o latim na sua modalidade clássica, é válido ressaltarmos que esta modalidade é uma das duas variantes do latim usada pelos antigos romanos: o *sermo urbanus*, a variante culta, usada na cidade, geralmente, por pessoas escolarizadas e na literatura, e o *sermo uulgaris*, a variante vulgar, usada por camponeses, soldados e no seio familiar das camadas superiores.

A respeito dessas duas variantes, Coutinho diz que

A princípio, o que existia era simplesmente o *latim*. Depois, o idioma dos romanos se estiliza, transformando-se num instrumento literário. Passa então a apresentar dois aspectos que, com o correr do tempo, se tornam cada vez mais distintos: o *clássico* e o *vulgar*. Não eram duas línguas diferentes, mas dois aspectos da mesma língua. Um surgiu do outro, como a árvore da semente. Essas duas modalidades do latim, a literária e a popular, receberam dos romanos a denominação respectivamente de *sermo urbanus* e *sermo vulgaris* (1976, p. 27).

Sobre latim clássico e latim vulgar, Ilari diz que

[...] As duas variedades refletem duas culturas que conviveram em Roma: de um lado a de uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática, cujo primeiro núcleo seria constituído pelo patriciado; de outro, a de uma classe social aberta a todas as influências, sempre acrescida de elementos alienígenas, a partir do primitivo núcleo da plebe. [...] Outra grande diferença é que, ao longo do tempo, o latim literário aparece como uma língua extremamente estável, ao passo que o latim vulgar inova constantemente (2004, p. 61)

A modalidade clássica da língua latina, “cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos, caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo” (COUTINHO, 1976, p. 29), detalhes que vamos notar quando analisarmos os períodos compostos das obras escolhidas.

Vamos notar também que o latim, na sua modalidade clássica, caracteriza-se por ser uma língua sintética, ou seja, que possui terminações particulares para os nomes (desinências de caso), dispostas no fim das palavras para indicar-lhes a função sintática, que pode ser estruturada com paralelismos gramaticais, construções que admitem que constituintes sejam subentendidos (implícitos), dentro outros.

A frase latina *laudandus uidebar* (Eu aparecia como digno de louvor) (Almendra & Figueiredo, 2003, p. 172) exprime claramente a dicotomia entre língua sintética (latim) e língua analítica (português), sem contar que essa é uma das características sintáticas que, segundo Coutinho (idem, p. 34), diferenciavam a modalidade clássica, da vulgar, que era analítica.

A concisão, outra característica da língua latina, está atrelada ao caráter sintético. Segundo Berger (1939, p. 238 *apud* MARTINS, 2002, p. 19), o latim é conciso porque utiliza somente palavras essenciais, não utiliza artigos e, em determinados contextos sintáticos, pode omitir palavras.

Juntamente a estas características, o latim, na modalidade clássica, apresenta uma *ordem básica*, em termos de S(ujeito), O(bjeto) e V(erbo) do tipo SOV, diferentemente do português e do francês, que são línguas do tipo SVO (PRIA, 2006, p. 120).

Pelo fato de o latim ser caracterizado como língua sintética por conta dos casos, pressupõe-se que a colocação das palavras na oração latina é feita com total liberdade, ou que a ordem é irrelevante. No tocante a isto, Furlan e Bussarello dizem que

[...] o latim, contrariamente ao português, vale-se de um sistema de flexões (pro)nominais, chamadas **morfemas de caso**, em virtude das quais a ordem de entrada das palavras é de importância irrelevante, quer do ponto de vista gramatical quer do semântico. Por isso, uma frase como, por exemplo, “Deus rege o mundo” admite todas as ordenações possíveis, tais como: (a) *Deus mundum regit*; (b) *Mundum regit*

*Deus; (c) Regit mundum Deus* etc. (1997, p. 10, grifo dos autores).

Dizer que a ordem de entrada das palavras na oração é de importância irrelevante é o mesmo que dizer que elas podem ser inseridas de qualquer forma, como se não houvesse ordem alguma em sua estruturação, como se não houvesse uma construção, na qual os constituintes são organizados de acordo com as relações que estabelecem uns com os outros.

Contrária a essa ideia de total liberdade de ordenação das palavras na oração, Garcia diz que “esta tendência a considerar a ordenação das palavras em latim como livre é errônea. A ordem das palavras em latim é uma ordem natural própria da índole da língua” (2000, p. 30).

Consoante a isso, Maurozeau (1922, p. 1), que se mostra especialista no assunto, com quatro obras intituladas *L'ordres des mots dans la phrase latine*, volumes I, II, III e volume complementar, diz que

A ordem das palavras em latim é livre, mas não é indiferente. Livre, no sentido de que, sem exceção, não há para cada termo da frase um lugar permanente obrigatório. Mas não indiferente, porque, em geral, duas ordens possíveis não são sinônimas.<sup>18</sup>

De fato, não há obrigatoriedade de colocação dos termos oracionais num mesmo lugar sempre, tanto que o verbo, por exemplo, pode, de acordo com a intenção do autor, ser apresentado no início, no meio ou no final da sentença, por isso Maurozeau diz que a ordem dos termos é livre, porém o autor também afirma não ser indiferente, porque a escolha da ordem, feita de acordo com a intenção do autor, é determinada por tendências, daí duas ordens possíveis não serem sinônimas.

Garcia, conforme citado acima, compartilha do que é posto por Maurozeau a respeito de a ordem das palavras na frase não ser indiferente, porém diz que é errado considerá-la livre, mas não explicita o porquê.

O ordenamento das palavras na sentença, de fato, não é indiferente, ou seja, é relevante, considerando que o autor lança mão de estilismos e

---

<sup>18</sup> *L'ordre des mots em latin est libre, il n'est pas indifférent. Libre, en ce sens que, sauf exception, il n'y a pas pour chaque terme de la phrase une place attirée, obligatoire. Mais non pas indifférent, parce qu'en général deux ordres possibles ne sont pas synonymes.*

emprega tendências para produzir uma ordem de acordo com sua intenção. Porém, o que queremos investigar é se, sintaticamente, as palavras têm liberdade na sentença, portanto vamos especular restrições sintáticas ao livre ordenamento dos constituintes, palavras e sintagmas.

Na ordem básica (regular) do latim, o sujeito sempre inicia a oração e o verbo sempre a encerra, ficando o(s) complemento(s) verbal(is), se existir(em), entre esses dois termos (GARCIA, 2000, p. 30), de acordo com esses exemplos: (34) [...] *omnia diuina humanaque iura permiscentur* (CÉSAR, 1999, p. 48), (todas as leis divinas e humanas se confundem); (35) *Caesar eas cohortes cum exercitu suo coniunxit* [...] (Idem. Ibidem, p. 62), (César uniu aquelas tropas ao seu exército); (36) [...] *senatus uirtutem constantiamque collaudat* [...] (Idem, op. cit., p. 44), (elogia a coragem e a firmeza do senado).

(34)

{[Omnia [diuina] [humana]/que iura] [permiscentur]}					
Ref	<u>N</u>	<u>N</u>	(Conj)	N (subst)	<u>N</u>
	SAdj	SAdj			<u>SV</u>
<u>SN</u>					
Suj					Pred

(35)

{[Caesar] [[eas cohortes] [cum [exercitu suo]] coniunxit]}					
<u>N (subst)</u>	<u>Det</u>	<u>N (subst)</u>		<u>N (subst)</u>	<u>Poss</u>
<u>SN</u>	SN (C.V)		<u>Prep</u>	<u>SN</u>	
Suj			SP (C.V)	N	
	<u>SV</u>				
	Pred				

(36)

{[[[Senatus] uirtutem constantiam/que] collaudat]}					
	<u>N (subst)</u>				
<u>SN</u>	N (subst)	N (subst)	(Conj)		
<u>SN</u>					N
<u>SV</u>					
Pred					

A oração em (34) apresenta o sujeito, expresso pelo SN *omnia diuina humanaque iura*, e o predicado, expresso pelo SV, que tem como núcleo e constituinte único o verbo *permiscentur* (na voz passiva), dispostos respectivamente nessa ordem, conforme a ordem regular do latim. Em (35), a oração apresenta o sujeito, expresso pelo SN, que tem como núcleo e constituinte único o substantivo *Caesar*, e o predicado, expresso pelo SV, que é constituído pelo SN *eas cohortes*, que funciona como complemento verbal, pelo SP *cum exercitu suo*, que funciona como complemento verbal, e pelo núcleo, o verbo *coniunxit*, dispostos respectivamente nessa ordem, conforme a ordem regular da língua latina. A oração em (36) também é apresentada de acordo com a ordem regular da língua latina, mas não apresenta sujeito explícito, ou seja, não há um SN que funcione como sujeito, logo, a oração é formada só de predicado, expresso pelo SV, que é constituído do SN *senatus uirtutem constantiamque*, que funciona como complemento verbal, e do seu núcleo, o verbo *collaudat*.

Sobre a posição do verbo na ordem básica (regular) do latim clássico, SOV, Maurozeau (1953, p. 45) diz que “a posição final é a mais comum e pode ser vista como a posição de base”<sup>19</sup>. Porém, “a mudança da ordem neutra SOV indica que o elemento deslocado está em relevo” (MARTINS, 2002, p. 23). Essa posição de relevo é uma forma que a língua latina, na modalidade clássica, possui de destacar elementos, dispondo-os ou no final, ou no início da oração.

Em relação às outras posições que o verbo pode assumir na oração latina clássica, Maurozeau (1953, p. 45) diz que “ao contrário da posição final, a posição inicial é excepcional e significativa”<sup>20</sup> e “a posição interior do verbo parece ordinariamente não ter qualquer explicação”<sup>21</sup> (Idem, Ibidem, p. 52).

Madvig, sobre a colocação das palavras na frase, no tocante a essa ordem básica/regular, diz que

A colocação mais simples das palavras (na prosa) consiste em por primeiro o sujeito com as suas pertenças, depois o predicado, ficando o verbo ordinariamente no fim para travar a oração toda, e o compl. objetivo e o objeto da referência ou o nome

---

<sup>19</sup> *La position finale est la plus fréquente et peut être considérée comme la position de base*

<sup>20</sup> *En revanche, la position initiale est exceptionnelle, et par là significative.*

<sup>21</sup> *La position intérieure du verbe semble d'ordinaire se dérober à toute explication.*

predicativo juntamente com as restantes determinações do verbo (ablativo, preposições com respectivos casos, advérbios) no meio, e, em geral, a palavra regida ou que encerra uma determinação secundária, antes da palavra regente ou determinada [...]. Das determinações do predicado, coloca-se em primeiro lugar a parte que pelo sentido e fim do discurso tem a maior importância e que primeiro se tem na mente [...]. Todavia o compl. objetivo põe-se de ordinário antes das outras determinações secundárias do verbo, de modo que estas se liguem ao verbo mui estreitamente [...] (1872, p. 373, § 464).

Interessante observar que as determinações secundárias do verbo devem se ligar a ele de forma estrita, ou seja, junto a ele (por isso adjuntos), porque o ablativo, os casos preposicionados e os advérbios (este, sempre modificador adverbial), podem funcionar como modificadores adverbiais. Sendo assim, geralmente, não estabelecem concordância com o verbo.

Apesar de observarmos bastante a ordem básica (regular/neutra/simples), SOV, em textos latinos, não é sempre que os autores a utilizam. De acordo com Almendra & Figueiredo, “os bons escritores esforçam-se para que a **ordem** das palavras acompanhe a sucessão das ideias e procuram lugar de destaque (princípio e fim de frase) para as ideias que pretendem por em relevo” (2003, p. 215, grifo dos autores), fazendo com que os termos se apresentem numa ordem que chamamos de ordem indireta.

Para Garcia, o que chamamos de ordem indireta, são “questões estilísticas”, pois,

quando a ordem natural é quebrada, podemos observar a ocorrência de variáveis estilísticas. O elemento é deslocado intencionalmente pelo autor com o objetivo de chamar a atenção do leitor. Nesse caso, o elemento pode deslocar-se com todo o sintagma a que pertence (2000, p. 32).

Quintiliano (*Intitutio oratoria*. 9.4.19), dentre uma série de iniciativas que apresenta para quem deseja escrever/discursar corretamente, defende que, acima de tudo, o estilo é o mais importante. De um lado,

amarrado e entrelaçado, de outro, solto, paralelamente, no falar e na escrita<sup>22</sup>.

Ele também diz ser um tanto excessiva a observação de algumas pessoas de que os nomes devem preceder aos verbos; os verbos, aos advérbios; os nomes, aos apostos e pronomes; pois, com efeito, a ordem inversa é, frequentemente, não desagradável<sup>23</sup> (Ibidem, 9.4.24).

Para Quintiliano, o bom orador/escritor deve produzir seus discursos utilizando variáveis estilísticas, por meio de sequências aceitáveis, ou seja, mesmo invertendo a ordem das palavras na sentença, essa inversão não era feita de qualquer forma, pois as palavras não poderiam assumir qualquer posição. Sobre isso, Fortes diz que

[...] ao lado da aparente flexibilidade de emprego das palavras na sentença, parecem coexistir particularidades de caráter estilístico e discursivo que, se não determinam, influem no emprego de dada palavra em uma ou outra posição na sentença (2008, p. 239).

Algumas variáveis estilísticas (ordem não regular ou indireta) podem ser verificadas em (37) [...] *tota Italia delectus habeatur* [...] (CÉSAR, 1999, p. 48), (Por toda Itália, tropas são recrutadas), em (38) *Scipioni obuenit Syria* [...] (Ibidem, p. 44), (À Cipião coube a Síria), e em (39) *Decurritur ad illud extremum atque ultimum senatus consultum* [...] (Ibidem, p. 44), (Recorre-se àquele mais antigo e mais extremo decreto do senado).

(37)

{ [Tota Italia [delectus] [habeatur]] }			
		<u>N (subst)</u>	<u>N</u>
<u>Ref</u>	<u>N (subst)</u>	<u>SN</u>	<u>SV</u>
<u>SN</u>		Suj	Pred
Mod. Adv			

<sup>22</sup> [...] *nunc quae prius iis qui recte componere uolent discenda sunt. Est igitur ante omnia oratio alia uincta atque contexta, soluta alia, qualis in sermone et epistulis* [...].

<sup>23</sup> [...] *Illā nimia quorundam fuit obseruatio, ut uocabula uerbis, uerba rursus aduerbiis, nomina adpositis et pronominiibus essent priora: nam fit contra quoque frequenter non indecore.*

(38)

[[Scipioni] obuenit] [Syria]]	
<u>N (subst)</u>	<u>N (subst)</u>
<u>SN</u> — N	<u>SN</u>
<u>SV</u>	Suj
Pred	

(39)

{ [Decurritur [ad [illud [extremum] atque [ultimum] [senatus] consultum]]] }						
		<u>N</u>		<u>N</u>	<u>N (subst)</u>	
	Det	SAdj	Conj	SAdj	SN	N (subst)
		Prep	SN			
<u>N</u> —		SP (C.V)				
<u>SV</u>						
Pred						

Na oração disposta em (37), o SN *tota Italia*, que funciona como modificador adverbial, foi colocado, em evidência, no início da oração, para demonstrar que ele modifica a oração inteira, enquanto que o SN *delectus*, que funciona como sujeito, que, na ordem regular, apareceria no início da oração, apareceu no meio, e o verbo, núcleo do SV, a encerra, de acordo com a ordem regular. Já os termos da oração disposta em (38) ocorrem totalmente fora da ordem regular. O autor dá ênfase tanto ao SN *Scipioni*, que funciona como complemento do verbo, colocando-o no início da oração, quanto ao SN *Syria*, que funciona como sujeito, colocando-o no fim, que, pela ordem regular, seria apresentado no início, e dispõe o verbo *abuenit*, núcleo do SV, entre esses dois termos. Em (39), a oração apresentada não dispõe de um SN que funcione como sujeito, ou seja, é constituída somente do SV, que funciona como predicado, e seus termos não estão dispostos na ordem regular da língua latina, pois o verbo *decurritur*, núcleo do SV, é apresentado no início e o SP *ad illud extremum atque ultimum senatus consultum*, que funciona como complemento verbal, é disposto no final da oração.

Além da ordem indireta (estilística), a disposição dos constituintes sintagmáticos nos textos clássicos seguem algumas tendências, as quais, segundo Almendra & Figueiredo, limitam a liberdade da colocação das palavras na oração latina (2003, p. 212-213). Essas tendências são:

(i) os complementos antecedem o termo que os exige, por conta disso, os sintagmas que funcionam como complementos verbais costumam ser apresentados antes do verbo, como em (35) e (36);

(ii) os termos caracterizadores e os determinativos (adjetivos e genitivos) geralmente precedem o termo caracterizado, como em (34), que tem os adjetivos *diuina* e *humana* (caracterizadores) precedendo o substantivo *iura* (caracterizado), e em (36), que tem o SN, cujo núcleo é o substantivo no genitivo *senatus* (determinante), precedendo o SN, que têm como núcleos os substantivos *uirtutem* e *constantiam* (determinados);

(iii) o sintagma que funciona como predicativo do sujeito apresenta-se antes do verbo, como em (40);

(iv) por vezes o pronome relativo pode aparecer afastado da palavra que substitui e com a qual concorda em gênero e número, como em (41), (ALMENDRA & FIGUEIREDO, 2003, p. 213 e 215);

(v) o SP pode ter sua preposição intercalada entre o termo determinante e o termo determinado do SN, como em (42);

(vi) também o SN, que tem como núcleo um genitivo, e que determina dois termos que se relacionam de um outro SN, pode aparecer intercalado entre o termo determinante e o termo determinado deste outro SN, como em (43), (GARCIA, 2000, p. 31).

(40)

{ <u>sed</u> <u>uel</u> [magis [[ <u>quae</u> ] [[ <u>honest</u> a] sunt]]] }			
Loc Conj		<u>N</u>	
	<u>N (pr)</u>	<u>SAdj</u>	<u>N</u>
	<u>SN</u>	<u>SV</u>	
<u>N</u>	<u>Suj</u>	<u>Pred</u>	
SAdv			

(41)

{ [[Simul [[infamia [duarum legionum]] permotus]] } { quas...conuerterat }	
	<u>Num</u> <u>N (subst)</u>
	<u>N (subst)</u> <u>SN</u>
<u>N</u>	<u>SV</u>
<u>SAdv</u>	
<u>Pred</u>	
{ [[quas] [ab [itinere [Asiae] [Syriae]/que]] conuerterat }	
	<u>N (subst)</u> <u>N (subst)</u>
	<u>N (subst)</u> <u>SN</u> <u>SN</u> <u>Conj</u>
<u>N (subst)</u>	<u>Prep</u> <u>SN</u>
<u>SN (c.v.)</u>	<u>SP (Compl. Circ)</u>
<u>SV</u>	<u>N</u>
<u>Pred</u>	

(42)

{ [[[Eisdem (de) rebus] ([praetor Roscius) agit] [cum [Caesare]]] ] }	
	<u>Det</u> <u>N (subst)</u> <u>N</u> <u>N (subst)</u>
	<u>SN</u> <u>Prep</u> <u>SN</u> <u>N (subst)</u> <u>Prep</u> <u>SN</u>
<u>SP (c.v.)</u>	<u>SN</u> <u>N</u> <u>SP (Adj Adv)</u>
<u>SV</u>	<u>Suj</u>
<u>Pred</u>	

(43)

{ [[[Lictores/que] habent] [priuati]] contra [omnia [uetustatis] exempla]] ] }	
	<u>N (subst)</u> <u>Conj</u> <u>N (subst)</u> <u>N (subst)</u>
	<u>SN (c.v.)</u> <u>N</u> <u>SN</u> <u>Ref</u> <u>SN</u> <u>N (subst)</u>
<u>SV</u>	<u>Suj</u> <u>Prep</u> <u>SN</u>
<u>Pred</u>	<u>SP</u>
	<u>Mod. Adv.</u>

Em (40), está disposta a oração latina [...] *sed uel magis quae honesta sunt [...]*<sup>24</sup> (QUINTILIANO, Institutio oratoria, I, 8, IV), (mas talvez mais o que é honesto), constituída do SAdj *honesta*, que funciona

<sup>24</sup> Disponível em:

<<http://www.thelatinlibrary.com/quintilian/quintilian.institutio1.shtml>>. Acesso em: 20 mai. 2013..

como predicativo do sujeito e se dispõe depois do sujeito e antes do verbo. Em (41), a construção *Simul infamia duarum legionum permotus, quas ab itinere Asiae Syriaeque [...] conuerterat [...]* (CÉSAR, 1990, p. 42), (Ao mesmo tempo, impelido pelo procedimento desonroso das duas legiões, que desviara do caminho da Ásia e da Síria) constitui o pronome relativo *quas*, núcleo e constituinte único do SN que funciona como complemento verbal, afastado de *legionum*, palavra (núcleo de SN) da oração determinante, com a qual concorda em gênero e número. Em (42), A oração [...] *eisdem de rebus praetor Roscius agit cum Caesare* (CÉSAR, 1990, p. 50), (O pretor Róscio trata com César dos mesmos assuntos) constitui o SP *eisdem de rebus*, o qual tem a preposição *de* entre o termo determinante, *eisdem*, e o determinado, *rebus*, do SN *eisdem rebus*. Em (43), a construção [...] *litoresque habent [...] priuati contra omnia uetustatis exempla* (CÉSAR, 1990, p. 48), (e cidadãos simples têm litores contra todos os exemplos da tradição) constitui o SN *uetustatis*, no genitivo, que é constituinte do SN *omnia uetustatis exempla* e está disposto entre os outros constituintes desse SN, que se relacionam entre si, o referente *omnia* e o núcleo *exempla*.

Em meio à ordem básica, à ordem estilística e às tendências de como os termos se dispõem na oração latina, por vezes ocorre a descontinuidade dos seus constituintes, que é a interrupção de um termo oracional por um outro constituinte que não pertence a ele. Em língua portuguesa, essa descontinuidade é representada por figuras de sintaxe, tais como *hipérbato* e *anástrofe*.

Em Cunha & Cintra, *hipérbato* “é separação das palavras que pertencem ao mesmo sintagma, pela intercalação de um membro frásico”, ou seja, por uma palavra ou por outro sintagma, que não pertencem a ele, como nos exemplos: “*essas que ao vento vêm belas chuvas de junho; que arcanjo teus sonhos veio velar, maternos, um dia?*” (2001, p. 627).

No primeiro exemplo, vemos que o SN *essas belas chuvas de junho* foi interrompido pelo SO *que ao vento vêm*, que funciona como seu modificador e está disposto entre *essas* e *belas*, respectivamente, determinante e modificador do SN que tem como núcleo o substantivo *chuvas*. No segundo exemplo, vemos que o SN *teus sonhos maternos*, é descontinuado pela perífrase verbal *veio velar*, que está disposta entre *sonhos* e *maternos*, respectivamente, núcleo e modificador do SN, que funciona como complemento verbal.

*Anástrofe* “é o tipo de inversão que consiste na anteposição do determinante (preposição + substantivo) ao determinado” como nos exemplos: “*Vingai a pátria ou valentes da pátria tombai no chão!; mas*

*esse astro que fulgente das águias brilhara à frente, do Capitólio baixou”* (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 627).

Nessa figura de sintaxe, a *anástrofe*, além da descontinuidade sintagmática também há a inversão dos termos do sintagma descontinuado. No primeiro exemplo, temos o SP *no chão da pátria*, que além de ter seus termos dispostos na ordem inversa *da pátria no chão*, também é interrompido pelo verbo *tombai*. No segundo exemplo, temos o SP *à frente das águas*, que além de ter seus termos dispostos na ordem inversa *das águas à frente*, também é interrompido pelo verbo *brilhara*.

Como vemos, tanto o *hipérbato* quanto a *anástrofe* são figuras de sintaxe que encerram descontinuidades sintagmáticas. As descontinuidades podem ocorrer em qualquer constituinte oracional, não só no SN e no SP, como vimos acima. Por exemplo, na oração *ele foi a tempo avisado*, ocorre descontinuidade no SV. Sua estrutura, auxiliar + verbo, *foi avisado*, é descontinuada pelo SP *a tempo*.

Em latim, assim como em português, a descontinuidade sintagmática também pode ocorrer em qualquer constituinte oracional e, naquela língua, pensamos, pelos muitos exemplos que achamos, ocorre com mais frequência que nesta. Vejamos a descontinuidade contida em (44) [...] *quorum ipse maximam partem iniunxerat Caesari [...]* (CÉSAR, 1990, p. 42), (dos quais grande parte ele mesmo unira a César), e a descontinuidade em (45) *Refertur etiam de rege Iuba, ut socius sit atque amicus* (Ibidem, p. 44), (apresenta-se também ao rei Juba, para que ele seja sócio e amigo).

(44)

[[[Quorum]	([ipse]	[maximam]	partem]	iniunxerat	[Caesari]]
<u>N (pr rel)</u>	<u>N (pr)</u>	<u>N</u>			
<u>SN (Mod)</u>	<u>SN</u>	<u>SAdj</u>	<u>N (subst)</u>		<u>N (subst)</u>
	(Suj)	<u>SN (C.V)</u>		N	<u>SN (C.V)</u>
<u>SV</u>					
Pred					

(45)

{	[Refertur (etiam)	[de [[rege] Iuba]]]	}	{(ut)	[[socius] ([sit) atque [amicus]]]	}
		<u>N (subst)</u>		Conj	<u>N</u>	<u>N</u>
		<u>SN</u>	<u>N (subst)</u>		<u>SAdj (P.S)</u>	<u>N</u>
		<u>Prep</u>	<u>SN</u>		<u>SV</u>	<u>SAdj</u>
			<u>SP</u>		Pred	
<u>N</u>						
<u>SV</u>						
Pred						

Em (44), o SN *quorum maximam partem* – formado pelo partitivo, o SN *quorum*, e pelo todo, o substantivo *partem*, seu núcleo, determinado pelo adjetivo *maximam* – que exerce a função sintática de complemento verbal, é interrompido pelo constituinte *ipse*, pronome demonstrativo, núcleo e constituinte único de outro SN, que exerce a função de sujeito. Em (45), os SAdj *socius* e *amicus* – ligados pela conjunção aditiva *atque* – que exercem a função de predicativo do sujeito, são descontinuados pelo constituinte *sit*, verbo, núcleo do SV.

Na oração [...] *ad eum legati ueniunt* [...], disposta em (23), quando falávamos de SP, também podemos observar um exemplo de descontinuidade sintagmática. Nela temos o SV – formado pelo núcleo, o verbo *ueniunt*, e pelo modificador, o SP *ad eum* – interrompido pelo constituinte *legati*, núcleo e constituinte único do SN que funciona como sujeito da oração.

Outros exemplos de descontinuidade sintagmática também podemos observar na oração [...] *eisdem de rebus praetor Roscius agit cum Caesare* [...], disposta no exemplo (42), quando tratávamos da tendência latina de intercalar a preposição, termo que encabeça o SP, entre o termo determinante e o termo determinado do SN, fato este que encerra uma descontinuidade sintagmática, pois o SN *eisdem rebus* é interrompido pela preposição *de*, constituinte formador do SP. Além deste caso, há ainda outro constituinte descontínuo nesse exemplo. O SV *eisdem de rebus agit cum Caesare* – formado pelo verbo *agit*, seu núcleo, pelo SP *eisdem de rebus*, complemento verbal, e pelo SP *cum Caesare*, modificador verbal – é interrompido pelo SN *praetor Roscius*, que funciona como sujeito da oração.

Outra tendência latina que encerra descontinuidade sintagmática é a intercalação do SN, de núcleo genitivo, entre dois termos, determinante e determinado, de um outro SN, como vimos na oração [...] *litoresque habent* [...] *priuati contra omnia uetustatis exempla*, disposta no exemplo (43). O SN *omnia exempla* – constituído, respectivamente, pelo termo determinante e pelo termo determinado – é interrompido pelo SN, que tem como núcleo e constituinte único o substantivo *uetustatis*, no genitivo.

Marouzeau (1922, p. 219) considera de grande valia esse emprego específico do ordenamento das palavras que produz o hipérbato. Para elevar os efeitos estilísticos, a intercalação de um constituinte estranho (termo/sintagma) dentro de um determinado grupo (termo/sintagma) exige que o pensamento interrompa seu progresso normal e acolha uma nova noção antes de voltar àquela em espera. É essa lacuna, essa interrupção na

sucessão das ideias que nos obriga a concentrar a nossa atenção sobre o termo descontinuado<sup>25</sup>.

No tocante a isto, para Quintiliano, o hipérbato, a transposição (*transgressio*) da palavra, está entre as virtudes do estilo, uma vez que o sistema de composição e a elegância o exigem frequentemente. Se, na oração, as palavras estão arranjadas por força da ordem, ela se torna frequentemente áspera, dura, fraca e desarticulada<sup>26</sup> (*Institutio oratoria*, 8.6.62).

Em contrapartida, há algumas transgressões (inversões) muito longas e, ao mesmo tempo, de composição viciosa<sup>27</sup> (QUINTILIANO, *Institutio oratoria*, 9.4.28). Os efeitos mais felizes para a combinação das palavras é a aplicação de uma ordem correta, uma ligação adequada e, com estes, um ritmo bem apropriado<sup>28</sup> (QUINTILIANO, *Institutio oratoria*, 9.4.27).

Como vemos, para Quintiliano, o hipérbato, do grego *hyperbaton*, *transgressio* em latim, é um artifício retórico virtuoso para o ordenamento das palavras de uma oração. De acordo com o autor, quando se utiliza o hipérbato de maneira adequada, produzem-se discursos elegantes, mas, faz-se necessário utilizá-lo com equilíbrio, pois as inversões muito longas podem torná-lo obscuro.

Com a presente abordagem, observamos que a língua latina pode apresentar dois tipos de ordenamento dos termos sintagmáticos na oração – a *ordem básica* (ou *regular/direta*), que apresenta o sujeito no início da

<sup>25</sup> *Le sentiment de la disjonction naît de l'attente où nous maintient une construction incomplète, et du retard que le sujet parlant met à la compléter. Au reste, ce n'est pas la durée de la suspension qui importe: on a vu qu'un mot, un monosyllabe, une particule asyllabique, ont la même valeur disjonctive qu'une proposition entière; le fait essentiel de la disjonction, c'est l'interruption, le saut; l'intercalaison d'un mot étranger au groupe déterminatif oblige la pensée à interrompre sa marche normale et à accueillir une notion nouvelle avant de passer à celle qui est attendue; c'est cet hiatus, cet arrêt dans la succession des idées qui nous oblige à fixer notre attention sur le déterminant, amorce de la construction, et conditionne la mise en relief, indépendamment du temps que peut durer la suspension.*

<sup>26</sup> *Hyperbaton quoque, id est verbi transgressionem, quoniam frequenter ratio compositionis et decor poscit, non inmerito inter virtutes habemus. Sit enim frequentissime aspera et dura et dissoluta et hians oratio si ad necessitatem ordinis sui verba redigantur [...].*

<sup>27</sup> *Quaedam vero transgressiones et longae sunt nimis [...] et interim etiam compositione vitiosae [...].*

<sup>28</sup> *Felicissimus tamen sermo est cui et rectus ordo et apta iunctura et cum his numerus oportune cadens contingit.*

oração, o verbo no final e os complementos verbais, se existirem, são dispostos entre estes e a *ordem estilística* (ou *indireta*), na qual os termos que os autores pretendem enfatizar são dispostos no início e/ou no final da oração, fazendo com que a ordem regular seja alterada. Além desses ordenamentos, há também algumas *tendências* de disposição dos constituintes na oração, bem como a *descontinuidade* de constituintes, que é a interrupção de um constituinte (termo/sintagma) por outro constituinte que não pertence a ele.

Essas disposições dos constituintes na oração latina vão ser observadas nas análises que faremos dos períodos compostos de obras clássicas latinas, nas quais procuraremos restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento dos constituintes, palavras e sintagmas, na oração.

### 1.3. Marcadores sintagmáticos

Como vamos analisar sintagmas, faremos aqui uma abordagem a respeito dos *nexos*: ligadores de constituintes, preposições e conjunções; e introdutores de constituintes, pronomes reaisivos.

Como efeito de caracterização, vamos denominar esses *nexos* como *marcadores sintagmáticos*. Porém, é válido ressaltar que nem todo sintagma é marcado, ou seja, nem todo sintagma se liga a outro constituinte por meio de marcador, ou é introduzido por marcador.

O que denominamos como marcador sintagmático é o que Castilho (2010) chama de *relação conjuncional*, ou o que Silva & Koch (2001) chamam de *morfemas relacionais*.

Castilho diz que a *relação conjuncional*

[...] compreende a (i) *coordenação* [...], formadas por sentenças independentes umas de outras, ou de (ii) *subordinação* [...], formadas por sentenças encaixadas umas em outras [...] ou formada por uma sentença adjunta à outra (2010, p. 338, grifos do autor).

As orações coordenadas, ou são justapostas, ou são ligadas por marcadores, que são as conjunções coordenativas. Segundo Castilho, “as subordinadas dispõem de dois processos de marcação gramatical: (i) por operadores, que são as conjunções subordinativas; (ii) por morfemas do modo subjuntivo e das formas nominais do verbo [...]” (2010, p. 355). Já as

orações correlatas são interligadas por marcadores, que são as conjunções correlativas (OITICICA, 1952, p. 22-40).

É válido observar que esses processos de coordenação, de subordinação e de correlação não ocorrem só entre orações, eles ocorrem também entre constituintes oracionais.

O que Castilho chama de *relação conjuncional*, Silva & Koch denominam como *morfemas relacionais*, dizendo que eles “ordenam os elementos da frase, possibilitando a concatenação dos morfemas lexicais entre si, como as *preposições*, *conjunções* e *pronomes relativos*. A manipulação desses morfemas pertence à sintaxe” [...] (2001, p. 26, grifos das autoras).

Esses morfemas são denominados como *relacionais* (preposições, conjunções e pronomes relativos) porque estabelecem relação de ordem entre palavras e sintagmas, possibilitando o/a encadeamento/conexão/relação das palavras e dos sintagmas entre si e, em latim, também dos morfemas marcadores de caso.

A *contrari-o sens-u* (provérbio)<sup>29</sup> é um sintagma preposicional (SP), iniciado pela preposição *a*, marcador sintagmático. Essa preposição que acompanha o caso ablativo se liga aos morfemas presos, marcadores deste caso *-o* e *-u*, das palavras *contrario* e *sensu*, indiretamente, pois entre eles há os morfemas lexicais *contrari-* e *sens-*.

Um outro exemplo de marcador sintagmático podemos ver no SO *ut...sci-a-t* (que saiba), em que *ut*, conjunção subordinativa, está iniciando a oração subordinada e se liga ao morfema preso *-a-* (marcador de subjuntivo) do verbo *rogas*, indiretamente, pois estão separados por morfemas lexicais, sendo um deles o do próprio verbo *rog-*.

*Quem*, no provérbio *is pater est, quem iustae nuptiae demonstrat*<sup>30</sup> é um exemplo de marcador sintagmático, pois funciona como pronome relativo, introdutor do SO, a oração subordinada *quem iustae nuptiae demonstrat*. Além de marcador sintagmático, *quem* exerce uma função dentro do SO, a de complemento verbal, estando por isso no caso acusativo, concordando com o gênero e o número de *pater*, palavra da oração subordinante *is pater est*.

Em latim, as preposições são marcadores sintagmáticos que servem para organizar os sintagmas dos quais fazem parte, pois os introduzem e se

<sup>29</sup> Disponível em: <[www.soleis.adv.br/expressoeslatinas.htm](http://www.soleis.adv.br/expressoeslatinas.htm)>. Acesso em 17 de abr. 2013.

<sup>30</sup> Disponível em: <[www.hkocher.info/minha\\_pagina/dicionario/i11.htm](http://www.hkocher.info/minha_pagina/dicionario/i11.htm)>. Acesso em 18 de abr. 2013.

ligam, indiretamente, a outro morfema de caso (preso) de um substantivo – intercalados por, no mínimo, um morfema lexical – que geralmente fecha o sintagma.

Já os pronomes relativos são marcadores sintagmáticos que servem para organizar as orações relativas (subordinadas), pois, além de as introduzirem, assumem dentro delas uma função, e também estabelecem relação de concordância (gênero e número) com um termo da oração subordinante.

E as conjunções são marcadores sintagmáticos que servem para organizar: (i) as orações subordinadas, pois as introduzem e concatenam-se com o morfema de modo do verbo – intercalados por, no mínimo, um morfema lexical – que geralmente fecha a subordinada; (ii) as orações coordenadas, pois faz com que seus verbos se relacionem de forma coordenativa; (iii) as orações correlatas, mostrando a interdependência entre as duas; (iv) e os constituintes oracionais, fazendo com que se relacionem de forma coordenada ou correlata.

Aqui, é válido observar que os marcadores sintagmáticos do tipo conjunções coordenativas e correlativas são responsáveis pelos paralelismos gramaticais/sintáticos e/ou semânticos que podem ocorrer nas sentenças, relembrando que paralelismos são as relações de equivalência, por semelhança ou contraste, entre dois ou mais constituintes.

Um bom exemplo de paralelismo gramatical em latim ocorre com o uso da conjunção copulativa enclítica (que se pospõe sempre a uma palavra) *-que*, a qual equivale a conjunção *et*, sendo que esta não é enclítica.

No SP *ad suam potentiam dominatumque* (CÉSAR, 1999, p. 42), (para seu poder e domínio), os termos *potentiam* e *dominatum*, de mesma classe gramatical, núcleos de SNs, estão interligados através de *-que*, que se pospõe de forma enclítica à segunda palavra da relação.

Na oração *omnia diuina humanaque iura permiscentur* (Idem, p. 48), (todas as leis divinas e humanas são misturadas), os termos *diuina* e *humana*, de mesma classe gramatical, núcleos de SAdjs, estão interligados através de *-que*, que se pospõe de forma enclítica à segunda palavra da relação.

No período *Caesar eas cohortes cum exercitu suo coniunxit Attiumque incolumem dimisit* (Idem, p. 62), (César uniu aquelas tropas ao seu exército e despediu Átio intacto), as orações *Caesar eas cohortes cum exercitu suo coniunxit* e *Attiumque incolumem dimisit* – que tem seus verbos, *coniunxit* e *dimisit*, flexionados no mesmo tempo e pessoa, e, por isso,

concordam com *Caesar*, que funciona como sujeito das duas orações (explicitado na primeira e implícito na segunda) –, estão interligadas através de *-que*, que se pospõe de forma enclítica à primeira palavra da segunda oração, o substantivo *Attium*.

Nesse outro período *Litteris perlictis, Domitius [...] in consilio pronuntiat Pompeium celeriter subsidio uenturum, hortaturque eos ne animo deficiant* (Idem, ibidem), (lida integralmente a carta, Domício anuncia ao conselho que Pompeu virá rapidamente em socorro e exorta-os para que não abandonem o ânimo), os SO *Domitius [...] in consilio pronuntiat Pompeium celeriter subsidio uenturum* e *hortaturque eos ne animo deficiant*, cujos verbos, *pronuntiat* e *hortatur*, estão flexionados no mesmo tempo e pessoa, e, por isso, concordam com *Domitius*, que funciona como sujeito dos dois SOs (explicitado na primeira e implícito na segunda) –, estão interligados através de *-que*, que se pospõe de forma enclítica à primeira palavra da segunda oração, o próprio verbo *hortatur*.

De acordo com os exemplos acima, *-que*, quando liga constituintes oracionais, dispõem-se encliticamente depois do segundo termo interligado, e quando liga orações, dispõem-se encliticamente depois do primeiro vocábulo da segunda oração interligada.

Há, entretanto outros marcadores sintagmáticos que coordenam termos e orações, bem como há marcadores sintagmáticos que correlacionam termos e orações. Vamos observá-los no momento de nossas análises.

Além das preposições, pronomes relativos e conjunções, são também marcadores sintagmáticos latinos os morfemas verbais do modo subjuntivo, pois eles constituem várias espécies de orações subordinadas, reconhecidas através da *consecutio temporum*, concordância dos tempos verbais latinos, e as formas nominais do verbo, as que funcionam como verbo.

## 2. TENDÊNCIAS LATINAS DESCRITAS DE ACORDO COM A SINTAXE MODERNA

Neste capítulo, analisaremos as orações contidas em períodos compostos de obras clássicas latinas, por meio de análises sintagmáticas, observando a ordem dos constituintes, palavras e sintagmas, na oração, para observarmos restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento dos mesmos nas sentenças latinas.

Antes de iniciarmos as análises, falaremos um pouco sobre o autor e sua obra. Depois iniciaremos a análise de cada período, apresentando-o, seguido de uma tradução, a qual faremos, levando em consideração o tipo de obra (relato de guerra, filosófica, educativa, romance etc), da qual foi retirado o período que estaremos analisando.

Em seguida, apontaremos os verbos que constituem o período, observando os definidos e os indefinidos. É válido ressaltar que forma verbal indefinida é aquela que não tem marca de pessoa, ou seja, as formas verbo-nominais. Essas formas podem atuar tanto como verbo, quanto como nome (substantivo ou adjetivo) e, quando atuam como verbo, constituem orações subordinadas. Já as formas verbais definidas podem ser constituintes tanto de orações independentes, quanto de dependentes e, para identificarmos o tipo de oração que cada forma definida constitui dentro do período, precisamos observar o marcadores sintagmáticos (abordados no subcapítulo 1.3).

Através dessas análises, conseguiremos : (i) observar a constituição da oração principal, a qual não deve ser introduzida por um marcador sintagmático e deve constituir uma forma verbal definida; e (ii) demarcar as orações subordinadas, que devem conter, cada uma, ou uma forma verbal indefinida, ou uma forma verbal definida, mas no subjuntivo, ou ainda, uma forma verbal definida, mas serem introduzidas por marcadores sintagmáticos. Feito isso, apresentaremos um esquema do período, mostrando todas as orações nele contidas, e como elas se relacionam (associações e/ou encaixamentos), apresentadas de forma que se perceba as relações existentes entre elas.

Havendo subordinadas que constituam formas verbais no subjuntivo, vamos observar a concordância dos tempos, *consecutio temporum*, entre ela e a subordinante e verificar se a ação do verbo da subordinada é concomitante, anterior ou posterior à ação do verbo da oração subordinante.

Depois de separadas as orações, analisaremos cada uma, separadamente, de acordo com os seguintes passos: primeiramente,

apresentaremos a oração a ser analisada, seguida da sua tradução. Depois observaremos os constituintes de cada uma, começando pelo verbo, verificando sua forma (definida ou indefinida) e voz (ativa ou passiva), e atentando para sua transitividade com auxílio dos dicionários. Sendo ele intransitivo, sabemos que podem ter estrutura argumental própria ou terem complementos circunstanciais; sendo ele de ligação, sabemos que teremos um predicativo do sujeito; e, sendo ele transitivo, sabemos que, dependendo do verbo, quatro casos latinos podem exercer a função de complemento verbal. Nesse momento, recorreremos aos dicionários, tanto o de Faria (1994), quanto o de Saraiva (2000), para verificarmos qual(is) o(s) caso(s) que funciona(m) como complemento do verbo em análise.

Ainda observaremos na oração os marcadores sintagmáticos: preposições, pois elas fecham o SP que encabeçam, por meio de sua relação com o caso da palavra, núcleo do SN, contido no SP; e conjunções ou locuções conjuntivas, pois elas coordenam termos de mesma função, ou correlacionam termos.

Em seguida, observaremos e relataremos as relações sintagmáticas, apontando a função de cada sintagma dentro da oração, para apresentar o esquema oracional.

Com o esquema, observaremos: a ordem (regular/direta ou indireta/estilística) em que os constituintes são dispostos na oração; as relações internas dos sintagmas, observando as tendências de disposição e descontinuidades dos constituintes.

Por fim, verificaremos se, na oração analisada, há ou não liberdade de disposição das seus constituintes, e, não havendo, apontaremos a(s) restrição(ões) sintática(s) que impedem o livre ordenamento dos mesmos.

## **2.1 A obra *Commentariorum libri III de bello ciuili*, de Caio Júlio César**

Caio Júlio César era político, militar e intelectual romano. Filho de patrícios, de família aristocrática, nasceu em 13/07/101 a.C. e morreu em 15/03/44 a.C., em Roma, cidade à qual tanto se dedicou.

César, além de guerreiro e político, também era escritor. Escreveu a obra *Commentariorum libri III bello ciuili*, na qual, além de narrador, ele também é o protagonista. Nela, ele relata, em terceira pessoa, mesmo quando fala de si, um confronto pessoal que teve com Pompeu, seu ex-genro e antigo aliado.

*Commentariorum libri III de bello ciuili*, que é um relato de uma guerra civil, da qual decorrem acontecimentos políticos e militares, ocorridos em Roma durante os anos 49 e 48 a.C., enquadra-se

[...] numa subclasse da historiografia romana chamada *commentarius* [...] Na historiografia latina passou a significar registro condensado e autobiográfico, destituído de preocupação estética, feito por políticos e generais para servir de assunto e matéria-prima a ser reescrita e elaborada artisticamente por historiadores. Tem-se notícia de comentários preparados por Sila e Cícero. César, em suas duas obras históricas, empregou esse tipo de narrativa despojada e o fez com tal maestria e arte que o transformou em gênero na literatura latina, a ponto de Cícero dizer que seria ousadia e temeridade querer algum historiador reelaborá-lo (CÉSAR, 1999, p. 27, grifo do autor).

A obra é dividida em três livros. O primeiro, do qual retiramos os três períodos compostos para análise, é constituído de oitenta e sete capítulos e

[...] após breve apresentação dos motivos que levaram César a se rebelar, relata: sua tentativa frustrada de impedir a partida de Pompeu e grande parte do senado de Brundísio (na Itália) para Dirráquio (no Ilírico, hoje Albânia) e sua primeira estada em Roma; o início das hostilidades contra Marselha, a campanha na Hispânia contra os exércitos pompeianos de Varrão, Afrânio e Petreio com a capitação dos dois últimos, obrigados a desmobilizar suas tropas (CÉSAR, 1999, p. 26-27).

## **2.2. Análise de períodos compostos do *liber primus* da obra *Commentariorum libri III de bello ciuili*<sup>31</sup>, de Caio Júlio César**

---

<sup>31</sup> Disponível em <[www.thelatinlibrary.com/caesar/bc1.shtml](http://www.thelatinlibrary.com/caesar/bc1.shtml)>. Acesso em: 15 abr. 2013.

Passemos agora às análises dos períodos compostos escolhidos do “primeiro livro” da obra “Três livros de apontamentos sobre a guerra civil”. Começemos com o período abaixo.

[...] *Ipsē Pompeius, ab inimicis Caesaris incitatus, et quod neminem dignitate secum exaequari uolebat, totum se ab eius amicitia auerterat et cum communibus inimicis in gratiam redierat, quorum ipse maximam partem illo affinitatis tempore iniunxerat Caesar;* [...] (Commentariorum libri III de bello ciuili, I, 4)<sup>32</sup>.

Tradução: *O próprio Pompeu, estimulado pelos inimigos de César, tanto se desviara totalmente da amizade deste, porque queria que ninguém fosse igualado à sua dignidade, quanto recuperara a amizade com os inimigos comuns, dos quais a maior parte ele próprio unira a César naquele tempo de parentesco.*

O período disposto acima é composto por quatro verbos definidos (aqueles com marca de pessoa), *uolebat*, *auerterat*, *redierat* e *iniunxerat*, e por dois indefinidos (formas verbo-nominais), *incitatus* e *exaequari*. Todas as orações construídas com verbos indefinidos são subordinadas, mas nem todas as orações construídas com verbos definidos são subordinantes.

O marcador sintagmático *quod* atua como conjunção subordinativa causal, conectivo subordinativo, pois se liga ao morfema *-ba*, no modo indicativo, do verbo *uolebat*, representando uma causa real/objetiva (ALMENDRA & FIGUEIREDO, 2003, p. 208; FURLAN & BUSSARELLO, 1997, p. 93), e, entre eles, há vários morfemas lexicais, inclusive o do próprio verbo *uol-*.

Há também *quorum*, que funciona como pronome relativo, logo, marcador sintagmático, pois introduz uma oração subordinada e exerce função dentro da oração. Está no mesmo gênero e número do substantivo *inimicis*, termo da oração subordinante, com o qual concorda.

Observamos também as conjunções *et*, uma disposta antes de *quod* e a outra disposta antes de *cum*. *Et* simples é conjunção coordenativa aditiva, que coordena (adiciona) dois constituintes de mesma função, colocando-se entre os dois, e, de acordo com Castilho, *et* duplicada (*et...et*) é conjunção correlativa, ou seja, conectivo coordenativo correlativo, que correlaciona dois constituintes de mesmo valor, onde um dos conectivos introduz o

---

<sup>32</sup> Ibidem.

primeiro constituinte e o outro conectivo introduz o segundo, apresentando uma correlação aditiva (2010, p. 387).

Observando o período, vemos que os outros verbos definidos, *auerterat* e *redierat*, estão no mesmo modo, tempo e pessoa, e que as conjunções *et*, marcadores sintagmáticos, correlacionam os dois termos oracionais, constituídos pelos verbos *auerterat* e *redierat*, apresentando então uma correlação aditiva entre os dois.

Este período, que se constitui como OP – por ter seu verbo definido, no indicativo, e não ser introduzida por marcador sintagmático – tem seu predicado, constituído do verbo *auerterat*, correlacionado ao outro predicado, constituído do verbo *redierat*. Ambos os verbos concordam, em número, com *Pompeius*, substantivo, no nominativo, singular, que inicia o período. *Pompeius* funciona, por tanto, como sujeito explícito do predicado constituído por *auerterat* e implícito do predicado constituído por *redierat*.

A forma verbo-nominal *incitatus*, no particípio, faz parte de uma estrutura denominada *particípio conjunto*, que é uma composição participial, oração reduzida, cujo particípio se refere a um termo da oração determinante, com o qual concorda, tendo assim, o mesmo sujeito da oração determinante ou referindo-se o seu sujeito a um outro termo da oração determinante. (CART *et alii*, 1986, p. 101).

Conforme a estruturação do *particípio conjunto*, *incitatus* se refere ao sujeito, *Pompeius*, das orações que se correlacionam, concordando com ele em gênero e número, funcionando *Pompeius* também como sujeito da oração participial (de forma implícita), que se classifica como oração reduzida de particípio conjunto.

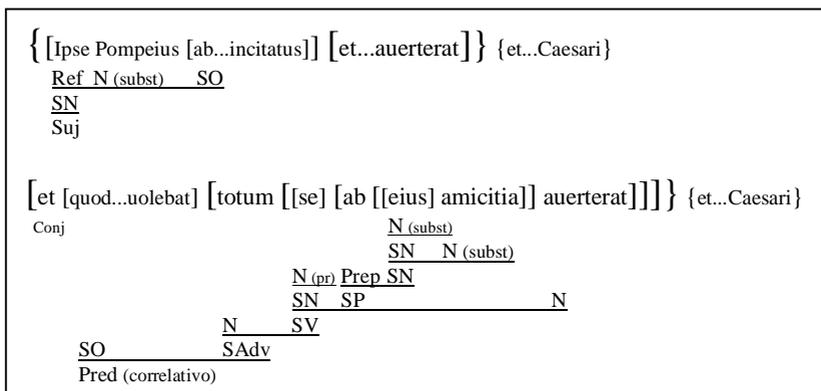
Temos então um período composto, que se constitui como OP, que tem seu predicado correlacionado à outra oração, constituída só de predicado, as quais subordinam outras, encaixadas em si: a oração reduzida de particípio conjunto, *ab inimicis Caesaris incitatus*, que está encaixada no sujeito da primeira oração, apresentado no início do período; a oração subordinada causal *quod neminem dignitate secum exaequari uolebat*, que está encaixada dentro do predicado da primeira oração, e é constituída pelo verbo transitivo *uolebat*, que pede complemento, que, de acordo com Faria, além de outros tipos, pode ser uma construção *acusativo-infinitivo* (1975, p. 1080); *neminem exaequari*, construção *acusativo-infinitivo*, oração reduzida, que funciona como complemento de *uolebat* e, como vemos, está encaixada na, também encaixada, subordinada causal; e, por fim, a oração relativa *quorum ipse maximam partem illo affinitatis tempore iniunxerat Caesari*, que está encaixada no predicado da oração que se correlaciona à

primeira oração, pois, como vimos, seu introdutor, o pronome relativo *quorum*, relaciona-se com *inimicis*, termo daquela.

Como o objetivo principal deste trabalho é apresentar um estudo sobre restrições sintáticas existentes ao livre ordenamento dos constituintes nas orações, vamos analisar as orações contidas nesse e nos outros períodos, observando o ordenamento dos seus constituintes, a fim de observar as restrições.

Começemos então com a OP *Ipse Pompeius, (ab...incitatus), et (quod...uolebat), totum se ab eius amicitia auerterat (et...Caesari) (o próprio Pompeu, (...), tanto se desviara totalmente da amizade deste, (...))*, constituída do: SN, sujeito, composto pelo pronome demonstrativo *ipse*, pelo substantivo *Pompeius*, seu núcleo e pelo SO *ab...incitatus*, que funciona como modificador do núcleo; e do SV, predicado, composto pelo núcleo, o verbo *auerterat*, pelo SN *se* e pelo SP *ab eius amicitia*, que funcionam como complementos verbais, pelo SAdv *totum*, que constitui uma espécie de prefácio à declaração e, com esta determinação, é colocado à frente do SV, funcionando como seu modificador, conforme vimos no subcapítulo (1.1), e pelo SO *quod...uolebat*, que também funciona como modificador adverbial do SV, o qual se correlaciona com o SV que tem como núcleo o verbo *redierat*, conforme o esquema abaixo.

(46)



A oração acima tem seus constituintes, respectivamente, *ipse*, *Pompeius*, *ab...incitatus*, *quod...uolebat*, *totum*, *se*, *eius*, *amicitia* e *auerterat*, dispostos de acordo com a ordem básica da língua latina SOV, ou

seja, sujeito, modificadores adverbiais do SV, complementos verbais e verbo.

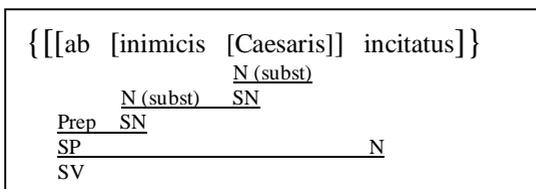
Para este momento, não vamos analisar o ordenamento dos marcadores sintagmáticos que ligam constituintes, ou seja, as preposições e as conjunções, pois suas colocações geralmente têm lugar fixo nas orações.

Se a ordem dos constituintes na oração latina fosse livre, poderíamos colocar o advérbio *totum*, núcleo e constituinte único do SAdv, em qualquer outro lugar da oração, que ele continuaria funcionando como modificador do SV. Mas, de acordo com Rosa, “funcionalmente, os advérbios são modificadores por excelência, mas não do nome. [...] modificam além do verbo ou do SN, o adjetivo, outro advérbio, além da própria sentença” (2000, p.106). Nesse caso, a colocação do advérbio, núcleo de SAdv, na oração, depende da colocação do constituinte que ele vai modificar, pois conforme já vimos em Maurozeau (1953, p. 57) o advérbio anexa-se ao constituinte que modifica.

Se o colocássemos, por exemplo, em meio aos termos do SN que funciona como sujeito da OP, dependendo da posição, ou ele funcionaria como modificador adverbial do SN, ou funcionaria como modificador adverbial do SO *ab...incitatus*.

O SO *ab inimicis Caesaris incitatus* (*estimulado pelos inimigos de César*), que é, como já vimos, uma oração reduzida de *participio conjunto*, é constituído apenas de SV, predicado, que tem como constituintes o verbo *incitatus*, seu núcleo, e o SP *ab inimicis Caesaris*, que funciona como agente da passiva, conforme disposto no esquema abaixo.

(47)



A OP, como vimos em (46), apresenta o SP *ab eius amicitia*, que tem encaixado em si o SN *amicitia*, que, por sua vez, tem encaixado em si o seu modificador, o SN *eius*, de núcleo genitivo, disposto entre a preposição *ab* e o SN *amicitia*. Já o SO, disposto em (47), apresenta o SP *ab inimicis Caesaris*, que tem encaixado em si o SN *inimicis Caesaris*, que, por sua vez, tem encaixado em si o SN *Caesaris*, de núcleo genitivo, disposto após a preposição *ab* e o substantivo *inimicis*, núcleo do SN maior.

Sobre essa disposição de um SN dentro de outro SN, Perini observa que

[...] quando temos um constituinte de determinada classe (digamos, um SN) dentro de outro da mesma classe, o maior é o único que vale para qualquer relação gramatical, seja formal, seja semântica, com outros elementos da oração. Assim, para efeitos de determinação da função sintática [...] na oração, só se leva em conta o sintagma maior [...]. O sintagma menor [...] só funciona para efeitos de relações **internas** ao SN maior [...] (PERINI, 2006, p. 103, grifo do autor).

Sendo assim, nos dois casos, os SNs que se relacionam com os outros constituintes sintagmáticos da oração são, em (46), *eius amicitia*, de núcleo *amicitia*, e, em (47), *inimicis Caesaris*, de núcleo *inimicis*, que são os SNs maiores. Os SNs menores, respectivamente, o SN *eius* e o SN *Caesaris*, relacionam-se apenas com os núcleos dos SNs maiores.

No subcapítulo (1.2), vimos que existem duas tendências de disposição dos modificadores (SAdjs e SNs de núcleo genitivo). Geralmente eles se antepõem ao constituinte caracterizado, ou no caso dos SNs de núcleo genitivo, por vezes eles se interpõem entre dois constiuintes que se relacionam de outro SN.

Em (46), no SP *ab eius amicitia*, o SN menor *eius*, de núcleo genitivo, antepõe-se ao termo caracterizado, o SN maior *amicitia*. Mas, no SP *ab inimicis Caesaris*, o SN menor *Caesaris*, de núcleo genitivo, está posposto ao termo caracterizado, o SN maior *inimicis*.

De acordo com Perini, o SN maior se relaciona com os outros termos da oração, e o SN menor só se relaciona com os outros termos do SN maior, no qual está inserido. Por conta disso, observamos que esse constiuinte, no genitivo, núcleo de um SN (menor), que funciona como modificador nominal restritivo do núcleo de um outro SN (maior), não pode estar disposto em nenhum outro lugar da oração, a não ser dentro do SN que modifica, pois o SN, genitivo, não estabelece concordância morfossintática com o termo que restringe.

O SO *quod neminem dignitate secum exaequari uolebat* (*porque queria que ninguém fosse igualado à sua dignidade*), que funciona como modificador do SV da OP, é formado somente pelo SV, que tem como

núcleo o verbo transitivo *uolebat*, *uerbum sentiēdi*, e seu complemento, o SO *neminem...exaequari*, conforme disposto no esquema abaixo.

(48)

{ quod [[neminem...exaequari] uolebat] }		
Conj	SO	N
	SV	
	Pred	

Os termos da oração acima estão dispostos na ordem direta do latim, ou seja, complemento verbal e verbo. Se os dois os constiuintes dessa oração, o SO e o verbo, trocassem de lugar, em nada alteraria o sentido da mesma.

O SO *neminem dignitate secum exaequari* ('que' ninguém fosse igualado à sua dignidade), que funciona como complemento do verbo *uolebat*, em (48), é uma oração reduzida de *acusativo-infinitivo*.

As construções *acusativo-infinitivo* (orações reduzidas) são subordinadas de verbos que exprimem dizer – *uerbum dicendi* –, como *affirmare*, *colloquor*, *confiteri*, *iurare*, *dicere*, *docere*, *negare*, *narrare*, *nunciare*, *polliceri*, *scribere etc.*, ou de verbos que exprimem sentir – *uerbum sentiendi* – como *audire*, *cogitare*, *cognoscere*, *demonstrare*, *existimare*, *instituire*, *intelligere*, *scire*, *sentire*, *sperare*, *studere*, *velle*, *videre etc.*, ou de alguns verbos intransitivos, como *apparet*, *oportet* etc, ou ainda de locuções impessoais de sentido próximo ao dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, como *aequum est*, *neesse est*, *notum est*, *opus est etc.* (FURLAN & BUSSARELLO, 1997, p. 96 e 97).

Essas construções podem funcionar como *sujeito* de alguns verbos intransitivos ou locuções impessoais, ou como *complemento* (objeto direto) de um verbo transitivo, como é o caso do SO *neminem dignitate secum exaequari*, que funciona como complemento do verbo *uolebat*, conforme disposto em (48).

As construções *acusativo-infinitivas* apresentam *sujeito* (e/ou *predicativo do sujeito*) no caso *acusativo* (FURLAN & BUSSARELLO, 1997, p. 96), núcleo de um SN, como é o caso do SO disposto em (49), que tem *neminem*, no acusativo, núcleo e constituinte único do SN, que funciona como sujeito, e *exaequari*, no *infinitivo*, denominando, por isso, esse tipo de construção (oração reduzida) como *acusativo-infinitivo*.

O SV do SO *neminem dignitate secum exaequari* tem como constituintes o núcleo, o verbo *exaequari*, no infinitivo, e o SP *dignitate secum*, que funciona como complemento verbal, conforme disposto abaixo.

(49)

{[neminem] [[dignitate se/cum] exaequari]}	
<u>N (subst)</u>	<u>N (subst) Det</u>
<u>SN</u>	<u>SN Prep</u>
Suj	SP N
	<u>SV</u>
	Pred

A oração acima, reduzida de *acusativo-infinitivo*, tem seus termos dispostos na ordem direta do latim, ou seja, sujeito, complemento verbal e verbo. Mas a disposição dos constituintes do SP *dignitate secum* é bem incomum, ou seja, apresenta a preposição, que geralmente inicia o SP, disposta no fim do sintagma.

Já vimos, no subcapítulo (1.2), que há uma tendência latina de disposição da preposição do SP entre o termo determinante e o termo determinado do SN, e isso é o que se diz sobre a colocação da preposição dentro de um SP nas gramáticas latinas modernas, ou seja, ou ela inicia o sintagma, ou ela intercala dois termos do SN encaixado no SP.

Diante desse exemplo de disposição da preposição, Madvig (1872, p. 141, § 172) diz que a preposição “*cum* une-se como enclítica aos pronomes pessoais e ao pronome reflexo e ao relativo e interrogativo: *mecum, nobiscum, secum, quocum, quacum, quibuscum*”. Por conta disso, o SN tem a preposição posposta a ele, formando o SP.

Ainda sobre o tipo de construção latina denominada *acusativo-infinitivo*, é válido observar que se o verbo utilizado na mesma for transitivo, que pede complemento no acusativo, a construção apresentará dois acusativos, sendo um o sujeito e outro o complemento verbal.

A respeito disso, Madvig diz que

Se o sujeito e o compl. object. se puderem confundir um com o outro (porque ambos se põem em acusativo), devemos evitar a confusão [...] pondo a oração na passiva, como: *Ajo hostes a te vinci posse*, em lugar de *Ajo te hostes vincere posse*; mas de ordinário o conjunto do discurso e o sentido (com a colocação das palavras) tiram toda a ambigüidade (1872, p. 315, § 394, grifos do autor).

Colocando o verbo da construção *acusativo-infinitiva* na voz passiva (*uinci* em lugar de *uincere*), o termo *te*, pronome reflexivo, que na ativa flexiona-se no acusativo, funcionando como sujeito agente, na passiva, ele é flexionado no ablativo, preposicionado, *a te*, funcionando como o agente da passiva.

Quando o autor não coloca o infinitivo, dessas construções, na voz passiva e tendo elas verbos declarativos, que pedem complemento no acusativo, geralmente, o constituinte, no acusativo, que funciona como sujeito, é colocado antes do constituinte, no acusativo, que funciona como complemento verbal, de acordo com o exemplo utilizado por Madvig, *ajo te hostes uincere posse*, no qual *te* funciona como sujeito e *hostes* como complemento verbal. Há também quem coloque o verbo entre o sujeito e o complemento verbal, nesta ordem, para evitar a ambiguidade.

Sobre isso, Freire (1987, p. 255, grifos do autor) diz que os “verbos *sensitivos* e *declarativos* exigem o sujeito expresso no acusativo, ainda que o sujeito da oração integrante (infinitiva) seja o mesmo da oração principal [...] *Ego me effudisse omne odium arbitrabar* (Cic. *Fam.* 1, 9), Eu julgava ter vomitado todo o meu ódio”.

No exemplo de Freire, *me*, no acusativo, é o sujeito do verbo no infinitivo ativo *effudisse*, o qual é transitivo e pede complemento também no acusativo, *omne odium*. Para evitar ambiguidade, Cícero, autor da frase, dispôs o verbo entre o sujeito e o complemento, nessa ordem.

O SO *et cum communibus inimicis in gratiam redierat*, (*quorum...Caesari*) (*quanto recuperara a amizade com os inimigos comuns*, (...)), é constituído somente por SV, o qual estabelece correlação com o SV da OP através dos conectivos correlativos *et...et*, que introduzem os dois SVs. O SV dessa oração correlativa é composto pelo verbo *redierat*, seu núcleo, pelo SP *in gratiam*, que funciona como complemento verbal, pelo SO *quorum...Caesari*, que funciona como aposto do substantivo *inimicis*, constituinte do SP *cum communibus inimicis*, que funciona como complemento circunstancial do verbo, conforme disposto abaixo.

(50)

{ et [[cum [[communibus] inimicis]] [in [gratiam]] redierat] [quorum...Caesari] }					
Conj		N		N (subst)	N (subst)
		SA <sub>adj</sub>			
	Prep	SN		Prep	SN
	SP			SP	N
	SV				SO
	Pred				

Os termos da oração acima estão parcialmente dispostos na ordem direta do latim, ou seja, os complementos verbais e o verbo, com exceção do SO *quorum...Caesari*, que funciona como aposto de *inimicis* e, na ordem direta, o aposto segue o nome que explica, mas, nesse caso, ele está apresentado em forma de oração relativa, e seu introdutor, o pronome relativo *quorum*, estabelece relação de concordância com *inimicis*. Essa disposição se faz possível por conta dessa concordância existente entre o relativo *quorum* e o substantivo *inimicis*.

Observamos também que a disposição do SO *quorum...Caesari* está de acordo com a tendência latina (abordada no subcapítulo 1.2) de dispor o pronome relativo afastado da palavra que substitui, ou seja, com a qual concorda em gênero e número.

O SO *quorum ipse maximam partem illo affinitatis tempore iniunxerat Caesari* (*dos quais a maior parte ele próprio unira a César naquele tempo de parentesco*) tem como constituintes o pronome demonstrativo *ipse*, que funciona como sujeito, com o qual o verbo bitransitivo *iniunxerat* concorda em número. Os SNs *quorum maximam partem* e *Caesari* funcionam como complementos verbais e o SN *illo affinitatis tempore* funciona como modificador adverbial do verbal, conforme disposto abaixo.

(51)

{ [[ [quorum] ([ipse]) [maximam] partem] [illo [affinitatis] tempore] iniunxerat [Caesari]] }							
<u>N (subst)</u>	<u>N (subst)</u>	<u>N</u>				<u>N (subst)</u>	
<u>SN</u>	<u>SN</u>	<u>SAdj</u>	<u>N (subst)</u>	<u>Det</u>	<u>SN</u>	<u>N (subst)</u>	<u>N (subst)</u>
<u>SN (CV)</u>	<u>(Suj)</u>	<u>(parte do SN (CV))</u>	<u>SN (Mod Adv)</u>		<u>N</u>	<u>SN (CV)</u>	
SV	<u>(parte do SV)</u>						

O autor dispôs os SNs *quorum maximam partem* e *Caesari*, que funcionam como complementos verbais, respectivamente, no início e no final da oração, de acordo com a ordem indireta (estilística), como forma de evidenciá-los. Entre eles estão dispostos, respectivamente, o SN *illo affinitatis tempore*, que funciona como modificador adverbial do verbo, e o verbo *iniunxerat*, núcleo do SV.

No SN *quorum maximam partem* ocorre uma descontinuidade (assunto abordado no subcapítulo 1.2), ou seja, ele é descontinuado por *ipse*, núcleo e constituinte único de outro SN, que não pertence àquele e que funciona como sujeito da oração.

Com esse fato, a descontinuidade, observamos que o constiuinte *ipse* poderia ser colocado em qualquer lugar da oração, entre qualquer termo, de

qualquer sintagma, que ele continuaria com a mesma função e, dependendo do lugar colocado, dir-se-ia que, ou se tratava de descontinuidade, ou de ordenação direta (regular), ou ainda de ordenação indireta (estilismo).

Essa liberdade na ordenação do constituinte *ipse* só é possível por ele ser núcleo e constituinte único de um SN e sua forma de nominativo, masculino, singular não se igualar a nenhuma outra forma. Se nesse SN tivesse encaixado um outro SN (menor), de núcleo genitivo, que funcionaria como seu modificador, o SN (maior) continuaria com total liberdade de ordenamento, mas seus constituintes, não, pois, como já vimos anteriormente, o SN (menor), de núcleo genitivo, pode ser posicionado em qualquer lugar dentro do SN (maior), mas se for disposto fora dele, pode ficar difícil dizer de que termo o SN, de núcleo genitivo, é modificador.

Analisemos agora o período

[...] *Etiam Cingulo, quod oppidum Labienus constituerat suaque pecunia exaedificauerat, ad eum legati ueniunt, quaeque imperauerit se cupidissime facturos pollicentur* [...] (Commentariorum libri III de bello ciuili, I, 15)<sup>33</sup>.

Tradução: *Até de Cíngulo, uma cidade que Labieno fundara e construíra com seus recursos, emissários vêm ter com ele e prometem que farão de muitíssimo boa vontade o que ele mandar.*

O período acima apresenta cinco verbos definidos, *constituerat, exaedificauerat, ueniunt imperauerit e pollicentur*, e um indefinido, *facturos*. Seus marcadores sintagmáticos são: *quod*, pronome relativo, introdutor de sintagma oracional, – oração subordinada relativa –, que concorda em gênero e número com *Cingulo*, palavra da oração subordinante, a qual substitui na subordinada *quod oppidum Labienus constituerat suaque pecunia exaedificauerat*, que se apresenta, dentro do período, bem marcada entre vírgulas; *-que*, conectivo coordenativo enclítico aditivo, disposto após o pronome possessivo *sua*, assim *suaque*. Como o papel das conjunções coordenativas é ligar termos de mesma função, evidenciando o paralelismo gramatical, esse marcador sintagmático, *-que*, disposto dentro de uma construção, que é introduzida por um pronome relativo e possui dois verbos, que estão flexionados em pessoa, tempo e modo iguais, está ligando

---

<sup>33</sup> Disponível em <[www.thelatinlibrary.com/caesar/bc1.shtml](http://www.thelatinlibrary.com/caesar/bc1.shtml)>. Acesso em: 15 abr. 2013.

dois SOs equivalentes, o SO *quod Labienus constituerat* e o SO *sua pecunia exaedificauerat*; *ad*, preposição que se liga, indiretamente, ao morfema de caso acusativo do SN *eum*, encaixado no SP *ad eum*; e outro *-que*, conectivo coordenativo aditivo enclítico, também liga dois SOs equivalentes, constituídos pelos verbos *ueniunt* e *pollicentur*, flexionados em pessoa, tempo e modo iguais, e dispõem-se após a primeira palavra do segundo SO da interligação, o pronome indefinido *quae*, assim *quaeque*. As duas formas verbais, *imperauerit* e *facturos*, são constituintes de orações subordinadas por estarem, respectivamente, no subjuntivo e no infinitivo.

Esse período constitui-se como OP e tem o SO *quaeque imperauerit se cupidissime facturos pollicentur* interligado a ele, através do conectivo coordenativo enclítico *-que*. Essas duas orações se associam e têm outras encaixadas em si. Há encaixadas na OP duas, o SO *quod oppidum Labienus constituerat* e o SO *suaque pecuniam exaedificauerat*, que se coordenam por meio do conectivo enclítico *-que*. E, no segundo SO da associação, *quaeque imperauerit se cupidissime facturos pollicentur*, há encaixado o SO *quaeque imperauerit se cupidissime facturos*, que, por sua vez, encaixa o SO *quae imperauerit*.

Com essas informações, vamos agora observar como as palavras e os sintagmas estão dispostos em cada oração desse período. A OP que, de acordo com as análises, liga-se ao SO *quaeque...pollicentur*, é constituída pelo SN *legati*, que funciona como sujeito, pelo SV *etiam Cingulo* (*quod...xaedificauerat*) *ad eum ueniunt*, que tem como constituintes o verbo *ueniunt*, seu núcleo, o SP *ad eum*, modificador adverbial do verbo, e o SN *etiam Cingulo* – explicado de forma apositiva pelo SO *quod...xaedificauerat* – que funciona como complemento circunstancial do verbo, conforme disposto no esquema abaixo.

(52)

$\{ \{ \{ \{ \text{[Etiam] Cingulo [quod...xaedificauerat]} \} \text{ [ad [eum]] } \{ \{ \text{[legati] ueniunt} \} \} \{ \dots \} \}$			
<u>N</u>		<u>N (pr)</u>	<u>N (subst)</u>
<u>SAdv</u>	<u>N (subst)</u>	<u>SOs (O.S.S.Ap)</u>	<u>Prep SN</u>
<u>SN</u>		<u>SP</u>	<u>(Suj)</u>
<u>SV</u>			<u>N</u>
<u>Pred</u>			<u>SO</u>
<u>OP</u>			
$\{ \text{quaeque...pollicentur} \}$			
$\text{SO}$			

É válido observar que o SAdv *etiam* funciona como modificador adverbial do SN *Cingulo*, de acordo com o que vimos antes sobre a funcionalidade dos advérbios que são modificadores por excelência também do SN, assim como do adjetivo, de outro advérbio, do verbo, além da própria sentença.

Quanto à disposição dos termos da oração acima, eles estão dispostos na ordem indireta do latim, ou seja, complemento circunstancial do verbo, seguido do seu aposto oracional, o modificador adverbial, o sujeito e o verbo.

Numa mudança de ordenamento dos seis constituintes da oração acima, nem todos teriam total liberdade de disposição sem causar mudança de interpretação da oração. Por exemplo, *etiam*, que funciona como modificador adverbial do SN *Cingulo*, dependendo da sua disposição, poderia ser confundido como modificador do SN *legati*, que funciona como sujeito, ou do SN *eum*, ou do verbo *ueniunt*.

Os SOs *quod oppidum Labienus constituerat suaque pecunia exaedificauerat* (uma cidade que Labieno fundara e construíra com seus recursos) são duas orações de mesma função, que se coordenam entre si por meio do conectivo coordenativo enclítico aditivo *-que*, e funcionam como aposto do substantivo *Cingulo*, estando o pronome relativo *quod*, introdutor dos SOs, no mesmo gênero e mesmo número deste substantivo.

O primeiro SO é introduzido pelo relativo *quod*, que funciona como aposto do substantivo *oppidum*, que funciona como complemento verbal. Ele tem como sujeito o substantivo *Labienus*, com o qual o verbo *constituerat* concorda em número, conforme disposto no esquema abaixo.

O segundo SO tem como constituintes o verbo *exaedificauerit*, que concorda em número com *Labienus*, sujeito da oração anterior, com a qual esta se coordena, e é modificado adverbialmente pelo SN *sua pecunia*, conforme disposto no esquema abaixo.

(53)

{[quod] [oppidum] ([Labienus]) constituerat]}			{[sua/(que) pecunia] exaedificauerat]}		
	<u>N (subst)</u>		<u>Poss (Conj)</u>	<u>N (subst)</u>	
<u>N (pr.rel)</u>	<u>N (subst)</u>	<u>SN (Suj)</u>	<u>SN</u>	<u>N</u>	
<u>SN</u>	<u>SN</u>	<u>N</u>	<u>SV</u>		
<u>SV</u>			<u>Pred</u>		
<u>Pred</u>					

Os termos da primeira oração coordenada acima estão dispostos na ordem indireta do latim, na qual o autor colocou o complemento verbal, o

SN *oppidum*, iniciando a oração, como forma de evidenciá-lo. Também a primeira oração apresenta uma descontinuidade sintagmática com o SN *Labienus*, que funciona como sujeito, inserido entre os termos do SV, *oppidum e constituerat*.

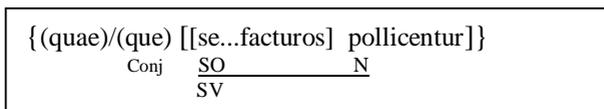
Já os constituintes do segundo SO, formado só de SV, estão dispostos na ordem direta do latim, ou seja, o SN *suaque pecunia*, que funciona como modificador adverbial do verbo, foi disposto antes do verbo *exaedificauerit*, seu núcleo.

Como os sintagmas constituintes do SV do primeiro SO têm como constituintes somente seus núcleos, bem como o SN, sujeito, eles poderiam assumir qualquer posição na oração que não modificaria a sua interpretação, ou seja, eles, por conta dos casos, continuariam com as mesmas funções independentemente da posição.

No segundo SO também os constiuintes poderiam ser ordenados de qualquer outra forma que, no máximo, o que poderia ocorrer seria uma descontinuidade sintagmática, se o verbo fosse disposto dentre os termos do sintagma que o modifica.

O SO (*quae*)*que (imperauerit se...facturos) pollicentur (e prometem (...))*, que se coordena à OP através da conjunção *-que*, conectivo coordenativo enclítico aditivo, disposto após o pronome indefinido *quae*, não apresenta sujeito explícito e seu verbo transitivo *pollicentur*, sendo *uerbum dicendi* (verbo que exprime dizer), pode subordinar orações reduzidas constituídas da construção *acusativo-infinitivo*. Segundo Faria (1975, p. 772), ele pode se construir com oração infinitiva, como as construções *acusativo-infinitivas*. E assim ocorre no período, pois *pollicentur* se constroi com o SO *se...facturos*, conforme disposto abaixo.

(54)

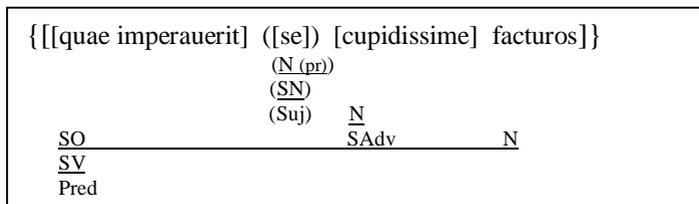


Os dois constiuintes da oração acima estão dispostos de acordo com a ordem direta do latim, ou seja, complemento verbal e verbo, mas poderiam mudar de lugar que não causaria prejuízo à interpretação da oração.

O SO (*quae imperauerit*) *se cupidissime facturos (que farão de muitíssimo boa vontade (...))* é, como já dissemos, uma construção *acusativo-infinitiva*, que tem como sujeito o pronome reflexivo *se*, no

acusativo, com o qual o verbo transitivo *facturos* concorda em número. O SO *quae imperauerit*, encaixado nesta oração, funciona como complemento do verbo *facturos*, que é modificado adverbialmente por *cupidissime*, conforme disposto no esquema abaixo.

(55)

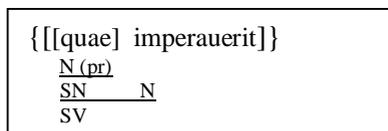


Os constiuintes da oração acima não estão dispostos na ordem direta do latim, pois o sujeito, o SN *se*, está disposto em meio aos termos do SV, configurando uma descontinuidade sintagmática. A intenção do autor foi enfatizar o complemento do verbo *facturos*, o SO *quae...imperauerit*, colocando-o no início da oração.

Como os termos da oração acima são constituídos somente pelo núcleo, portanto, com exceção de *cupidissime*, eles poderiam se dispor em qualquer lugar dentro desta oração que não alteraria o significado do todo, ou seja, ter-se-ia a mesma interpretação. Mas se o SAdv *cupidissime*, que funciona como modificador adverbial do verbo, mudasse de lugar, ele poderia ser tomado, dependendo da posição, como modificador adverbial do SN *se*, que funciona como sujeito, ou do SO *quae imperauerit*, que funciona como complemento verbal.

Por fim, o SO *quae imperauerit* (o que 'ele' mandar) é constituído pelo verbo transitivo *imperauerit*, que se constroi com acusativo, o pronome indefinido *quae*, conforme o esquema abaixo.

(56)



Os termos da oração acima estão dispostos na ordem direta do latim, ou seja, complemento verbal e verbo. A mudança de ordem dos constiuintes da oração acima não alteraria a interpretação da mesma.

Analisemos agora o período

[...] *simul infamia duarum legionum permotus, quas ab itinere Asiae Syriaeque ad suam potentiam dominatumque conuerterat, rem ad arma deduci studebat* (Commentariorum libri III de bello ciuili, I, 4)<sup>34</sup>.

Tradução: *Ao mesmo tempo, impelido pelo procedimento desonroso das duas legiões, que desviara do caminho da Ásia e da Síria para seu poder e domínio, empenhava-se em que se levasse a situação a estado de guerra.*

O período em questão apresenta quatro formas verbais, sendo duas definidas, *conuerterat* e *studebat*, e duas indefinidas, *permotus* e *deduci*. E apresenta nove marcadores sintagmáticos: *permotus*, forma verbo-nominal no Pa.Pt, constituinte de oração reduzida; *quas*, pronome relativo, introdutor de oração subordinada; *ab*, preposição que acompanha o caso ablativo e se liga, indiretamente, ao morfema de caso ablativo *-e*, do substantivo *itinere*; *-que*, cordenador coordenativo enclítico aditivo, (disposto após *Syriaeque*), que liga *Syriae* e *Asiae*; *ad*, preposição que acompanha o caso acusativo e se liga aos morfemas de caso acusativo *-am*, *-am* e *-um*, dos respectivos constituintes *suam*, *potentiam* e *dominatum*; *-que*, enclítico aditivo, (disposto em *dominatumque*), que liga *dominatum* e *potentiam*; *ad*, preposição que acompanha o caso acusativo e se liga, indiretamente, ao morfema de caso acusativo *-a* do substantivo *arma*; e *deduci*, forma verbo-nominal no If.Pr, passivo, constituinte de oração reduzida.

Por meio das formas verbais e dos marcadores sintagmáticos, podemos observar qual é o tipo de composição deste período. As formas verbais indefinidas, ou seja, as formas verbo-nominais, são marcadores sintagmáticos, que compõem SOs, orações reduzidas. Sendo assim, temos duas orações reduzidas no período: uma formada com *permotus*, no Pa.Pt, e a outra formada com *deduci*, no If.Pr, passivo. Há também no período duas formas verbais definidas, *conuerterat* e *studebat*. *Conuerterat* está dentro de uma estrutura iniciada pelo marcador sintagmático *quas*, pronome relativo, introdutor de SO, oração subordinada relativa. E *studebat* se

---

<sup>34</sup> Disponível em <[www.thelatinlibrary.com/caesar/bc1.shtml](http://www.thelatinlibrary.com/caesar/bc1.shtml)>. Acesso em: 15 abr. 2013.

apresenta em estrutura oracional não introduzida por marcador sintagmático, a OP.

Como o verbo transitivo *studebat* é um *uerbum sentiendi* (que exprime um sentir), seu complemento pode ser uma construção *acusativo-infinitivo*. Falamos isso por conta da forma verbo-nominal no infinitivo *deduci*, que apresenta sujeito no acusativo, o substantivo *rem*. Assim, vemos que *rem ad arma deduci*, SO, funciona como complemento do verbo transitivo *studebat*, que, não possui sujeito explícito, ou seja, nenhum SN, que tenha como núcleo, palavra no nominativo.

Além deste SO, que funciona como complemento do verbo da OP, subordinando-se a ela, há ainda, como já falamos, outros dois SOs no período, o que é introduzido por pronome relativo *quas ab itinere Asiae Syriaeque ad suam petentiam dominatumque conuerterat*, e o que é constituído da forma verbo-nominal no Pa.Pt, *simul infamia duarum legionum permotus*. Esse, que é uma composição participial, conhecida como *particípio conjunto*, cujo particípio se refere ao agente da oração principal, concordando com ele, já que ela não apresenta sujeito explícito, funciona como predicativo do agente da OP, subordinando-se a ela. E aquele, que tem como marcador sintagmático o relativo *quas*, que representa neste SO o substantivo *legionum*, termo do outro SO, funciona como aposto de *legionum*, subordinando-se ao outro SO.

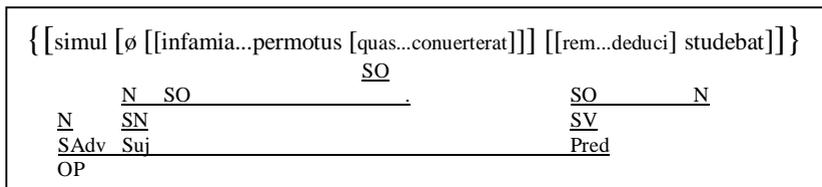
Há SNs que não apresentam uma palavra que funcione como núcleo. É o que ocorre com o SN que funciona como sujeito do verbo *studebat*. Ele é uma construção em contexto anafórico, construção reduzida, à qual falta o núcleo, que pode ser preenchido semanticamente com base em informação externa à construção (PERINI, 2010, p. 256-257).

Um exemplo de SN de núcleo vazio vemos na oração *tenho um carro vermelho e um azul*, composta por dois SNs, [*um carro vermelho*] e [*um azul*], que se coordenam entre si por meio da conjunção aditiva *e*. O segundo SN não apresenta núcleo, que pode ser preenchido semanticamente com base na informação (núcleo - *carro*) apresentada no primeiro SN da coordenação.

Com essas informações, vamos agora observar como os constiuintes estão dispostos em cada oração desse período, que se constitui como OP *simul (infamia...permotus) (quas...conuerterat) (rem...deduci) studebat (oa mesmo tempo, [...], empenhava-se [...])*, a qual tem como constituintes: o modificador adverbial da oração, o SAdv *simul*; o SN, sujeito,  $\emptyset$ ...*permotus*, cujo núcleo é  $\emptyset$  – ou seja, ele não é apresentado explicitamente, mas pode ser preenchido semanticamente através de informação externa à essa

construção, o período em análise – o qual tem encaixado em si o SO *infamia...conuerterat* – que funciona como modificador adjetival do núcleo  $\emptyset$  – que, por sua vez, tem encaixado em si o SO *quas...conuerterat*, que funciona como aposto explicativo de um termo do SO encaixante; e o SV, predicado, composto pelo verbo transitivo *studebat*, seu núcleo, e pelo complemento deste, o SO *rem...deduci*.

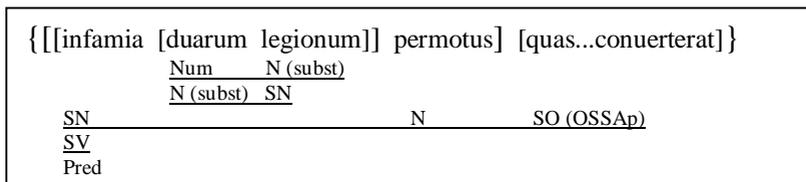
(57)



Os termos da oração acima estão dispostos na ordem direta da língua latina, ou seja, modificador oracional, sujeito, complemento verbal e verbo. Os três constiuintes, fora o SAdv *simul*, poderiam estar dispostos em qualquer outra ordem que não causaria prejuízo de interpretação à oração. Já *simul*, por sua vez, se colocado noutra posição poderia funcionar como modificador de um dos SOs encaixados ou do verbo.

O SO *infamia duarum legionum permotus, (quas...conuerterat) (ao mesmo tempo, impelido pelo procedimento desonroso das duas legiões (...))*, que funciona, como já dissemos, como modificador adjetival do núcleo  $\emptyset$  do sujeito da OP, é, conforme já abordamos, uma construção participial, conhecida como *particípio conjunto*, a qual tem seu particípio, *permotus*, concordando com o agente da oração principal, funcionando como seu modificador adjetival. *Infamia duarum legionum* é agente da passiva de *permotus*, núcleo do SV. O SO *quas...conuerterat*, conforme disposto no esquema abaixo, funciona como aposto de *legionum*, pois seu introdutor, o pronome relativo *quas*, estabelece com ele relações de concordância.

(58)



Os termos da oração acima não estão disposto na ordem direta do latim, pois na ordem direta o aposto acompanha o nome e, o SO *quas...conuerterat*, que funciona como aposto do substantivo *legionum*, está distante dele, com o verbo *permotus* colocado entre os dois.

Os constituintes que compõem a oração acima poderiam ocupar qualquer outro lugar na oração, que não mudaria a interpretação da mesma por conta dos casos/funções dos nomes e da transitividade verbal. Mesmo o SN *duarum legionum*, no genitivo, que funciona como complemento do núcleo do SN *infamia*, substantivo transitivo, poderia mudar de lugar, pois a transitividade deste o acusaria como complemento.

O SO *quas ab itinere Asiae Syriaeque ad suam potentiam dominatumque conueterat* (*que desviara do caminho da Ásia e da Síria para seu poder e domínio*) é introduzido pelo pronome relativo *quas*, que funciona como complemento do verbo transitivo *conueterat*, que também tem como complemento circunstancial o SP *ab itinere Asyae Syriaeque* e é modificado adverbialmente pelo SP *ad suam potentiam dominatumque*, conforme disposto no esquema abaixo.

(59)

{ [[ [Quas] [ab [itinere [Asyae Syriae/que]]] ] [ad [suam potentiam dominatum/que]] conueterat ] }									
			<u>N (subst)</u>	<u>N (subst)</u>			<u>Poss N (subst)</u>	<u>N (subst)</u>	
			<u>N (subst)</u>	SN	SN	Conj	SN	SN	Conj
<u>N (pr)</u>	<u>Prep</u>	<u>SN</u>					<u>Prep</u>	<u>SN</u>	
SN	SP						SP		N
<u>SV</u>									
Pred									

A oração relativa disposta acima obedece criteriosamente à ordem regular do latim, ou seja, complementos verbais, modificador adverbial do verbo e verbo.

Os constituintes, sintagmas, da oração acima, com exceção dos SNs *Asyae* e *Syriae*, interligados pelo *-que*, poderiam ser mudados de lugar, que a interpretação da mesma se manteria. Mas a livre disposição dos SNs *Asyae* e *Syriae*, de núcleos genitivos, poderia causar incoerência, pois, estando disposto fora dos domínios do SN ao qual está encaixado, não ficaria claro de que termo eles seriam modificadores, pois poderiam ser modificadores de um dos SNs encaixados no SP *ad suam potentiam dominatumque*.

Por fim, o SO *rem ad arma deduci* (*em que se levasse a situação a estado de guerra*) é uma construção *acusativo-infinitivo*, que, conforme abordamos anteriormente, funciona como complemento do verbo transitivo

*studebat, uerbum sentiendi* (verbo que exprime um sentir). Essa oração é formada pelo verbo *deduci*, no If.Pr, passivo, o qual concorda em número com o substantivo *rem*, no acusativo, e tem seu sentido completado pelo SP *ad arma*, seu complemento circunstancial, conforme o esquema abaixo.

(60)

{ [rem] [[ad [arma]] deduci] }		
<u>N (subst)</u>		<u>N (subst)</u>
<u>SN</u>	Prep	<u>SN</u>
Suj	<u>SP</u>	N
	<u>SV</u>	
	Pred	

Os termos da oração acima estão dispostos na ordem direta (regular) da língua latina, ou seja, respectivamente, o SN sujeito, o SP complemento circunstancial do verbo e o verbo. Estes termos poderiam mudar de lugar, que o sentido da mesma se manteria, mas a liberdade dos constituintes, palavras – *rem*, *arma* e *deduci* –, dependendo de suas disposições, poderia nos levar a outra interpretação, pois não se teria como saber qual dos dois acusativos a preposição encabeçaria, ou qual dos dois acusativos seria o sujeito da oração.

Vimos, com as análises que fizemos desses três períodos compostos do *liber primus*, da obra *Commentariorum liber III de bello ciuili*, de Caio Júlio César, vários tipos de orações latinas e como elas se estruturam e se relacionam entre si. De acordo com a nossa proposta, analisamos todas as orações contidas nos períodos, observando o ordenamento dos constituintes, tanto para apontar o tipo de ordem que César utilizou na estruturação das mesmas, quanto para observarmos se há liberdade de disposição dos constituintes, sintagmas e palavras, dentro de cada oração analisada, para, ao final, pontuarmos as restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento dos mesmos nas orações latinas.

### 2.3. A obra *De officiis*, de Marco Túlio Cícero

Marco Túlio Cícero, que é conhecido como o maior prosador latino, foi filósofo, orador, escritor, advogado e político romano. Filho de família equestre abastada, nasceu no ano 106 a.C., em Arpino, cidade localizada ao sul de Roma, e morreu em 43 a.C.

Cardoso diz que

A vida literária de Cícero [...] confunde-se com a oratória, à qual ele se dedicou desde muito jovem, e esta delimita, por assim dizer, o primeiro período clássico da literatura latina, a chamada época de Cícero. [...] De 81 a 43 a.C. são numerosas as peças oratórias compostas por Cícero. Cinquenta e seis chegaram até nossos dias (2003, p. 152-153).

*De officiis*, obra de cunho filosófico, foi escrita por Cícero entre os anos de 44 e 42 a.C., e tem sido caracterizada como uma tentativa de definir os ideais de comportamento humano. É composta por três livros, nos quais são apresentadas regras de procedimentos, destinadas a Marco, seu filho. O *liber primus*, do qual retiramos os três períodos para análise, é composto por 161 capítulos, nos quais Cícero discorre sobre: o honesto; a investigação da verdade; a gratidão como o maior de todos os deveres; a verdadeira magnanimidade etc.. No *liber secundus*, ele discorre sobre o útil. E no *liber tertius*, discorre sobre o conflito entre o honesto e o útil.

#### 2.4. Análise de períodos compostos do *liber primus* da obra *De officiis*<sup>35</sup>, de Marco Túlio Cícero

Passemos às análises dos períodos compostos escolhidos do “primeiro livro” da obra *De officiis*. Começemos com o período

[...] *Quam ob rem magnopere te hortor, mi Cicero, ut non solum orationes meas, sed hos etiam de philosophia libros, qui iam illis fere se aequarunt, studiose legas, – uis enim maior in illis dicendi, – sed hoc quoque colendum est aequabile et temperatum orationis genus [...]* (De officiis, I, 1)<sup>36</sup>

Tradução: *Por essa razão, exorto-te grandemente, meu filho Cícero, a ler com muito cuidado não apenas os meus discursos, mas ainda os meus livros de filosofia, cujo número hoje quase iguala o das minhas orações. Encontrarás mais eloquência nos primeiros, mas é mister cultivar também este gênero de escrita igual e temperado.*

<sup>35</sup> Disponível em <<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/off1.shtml>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

<sup>36</sup> Ibidem.

Esse período apresenta, explicitamente, quatro formas verbais definidas: *hortor*, *aequarunt*, *legas* e *est*. Seus marcadores sintagmáticos são: *ut*, conectivo subordinativo, que se liga, indiretamente, ao morfema de modo subjuntivo *-a*, do verbo *legas*, constituinte do SO *ut...legas*; *non solum*, conectivo correlativo, introdutor de um primeiro termo correlato; *sed etiam*, conectivo correlativo, introdutor de um segundo termo correlato; *de*, preposição que se liga, indiretamente, ao morfema de caso ablativo *-a*, do substantivo *philosophia*; *qui*, pronome relativo, introdutor da oração relativa *qui iam illis se aequarunt*; *enim*, conectivo coordenativo pospositivo, introdutor da oração coordenada explicativa *uis enim maior in illis dicendi*; *in*, preposição que se liga, indiretamente, ao morfema de caso ablativo *-is*, do pronome demonstrativo *illis*; *sed*, conectivo coordenativo, introdutor da oração coordenada adversativa *sed...genus*; *colendum*, forma verbo-nominal no gerundivo, que funciona como verbo e constituinte único da oração subordinada *colendum*; *et*, conectivo coordenativo aditivo, que coordena os termos de mesma função *aequabile* e *temperatum*.

Com essas informações, vemos que nosso período é composto por cinco orações e constitui quatro formas verbais explícitas e uma que não é explicitada, mas que pode ser observada através do contexto. O quadro abaixo demonstra a maneira como as orações desse período se relacionam entre si.

(61)

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="text-align: left;"> <p>{[Quam...hortor] [mi Cicero]}</p> <hr style="width: 100%;"/> <p>OP</p> </div> <div style="text-align: center;"> <p>{ut...{qui...aequarunt} legas} {uis...dicendi} {sed...genus}</p> <p>SO (O.S.S.Ap)</p> <hr style="width: 100%;"/> <p>SO (O.S.Adv.Final)</p> </div> <div style="text-align: right;"> <p>SO (O.C.S.Expl) SO (O.C.S.Adv)</p> </div> </div>
<p>SN (Vocativo)</p>

O esquema acima, demonstra as associações e os encaixamentos das orações que constituem esse período, que se constitui como OP. O SO *sed...genus* se associa (correlaciona) ao SO *uis...dicendi*, que se associa (coordena) ao SO *ut...legas*, que se encaixa (subordina) na OP e tem encaixado em si o SO *qui...aequarunt*.

De acordo com essas observações, vamos começar as análises das orações contidas nesse período, observando o ordenamento dos seus constituintes, para verificarmos restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento destes nas orações, objetivo principal deste trabalho.

O período em questão, que se constitui como OP *quam ob rem magnopere te hortor, mi Cicero, (...)* (Por essa razão, exorto-te grandemente, meu filho Cícero (...)) é iniciado com *quam ob rem*, locução

adverbial, que pode ser traduzido por “por essa razão” (FARIA, 1975, p. 666, 837), e aqui funciona como modificador adverbial da OP, que é constituída pelo SAdv *Magnopere*, que funciona como modificador adverbial do SV *te hortor*, constituído pelo verbo *hortor*, seu núcleo, e pelo complemento verbal, o SN *te*. O SO *ut legas*, encaixado no SV, funciona como modificador do constituinte *magnopere te hortor, mi Cicero*. Já o SN *mi Cicero* funciona como vocativo, por isso o representamos solto, ou seja, ligado externamente à oração, pois, como todo vocativo, é uma estrutura à parte, separada de qualquer outra estrutura, de acordo com o esquema abaixo.

(62)

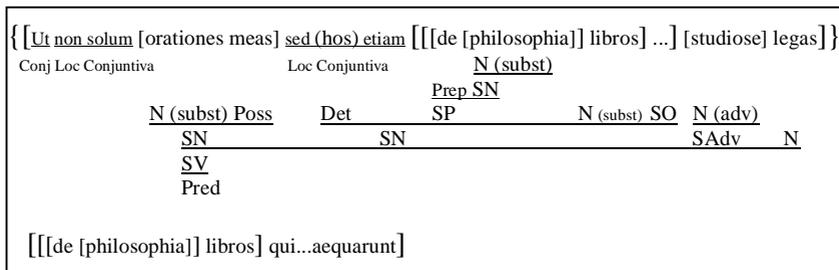
{ [Quam ob rem [[magnopere [[te] hortor]] ([mi Cicero]) ut...legas]] }			
		N (pr)	
		SN V	
	N	SV	Poss N (subst)
	SAdv		SN SO
Loc. Adv	Mod. Adv (SO)		
SAdv			

Os termos da OP, com exceção do SO *ut...legas*, estão dispostos na ordem regular (direta) da língua latina. Por conta disso, inferimos que o SAdv *magnopere* é modificador do SV, e a locução adverbial *quamobrem* é modificadora de toda a OP. Já o SO *ut...legas* foi disposto depois dos termos que ele modifica. Se os constituintes, palavras, dessa oração fossem dispostos noutra ordem, poderia ficar difícil de observar, no caso dos modificadores adverbiais, que eles modificam os termos que dissemos, se eles tivessem em outra ordem, que não nessa apresentada por Cícero.

O SO *ut non solum orationes meas, sed hos etiam de philosophia libros, (qui...aequarunt), studiose legas (a ler com muito cuidado não apenas os meus discursos, mas ainda os meus livros de filosofia (...))* é introduzido pelo marcador sintagmático, a conjunção subordinativa *ut* e é composto só do SV, predicado, isto é, não apresenta um SN que funcione como sujeito, embora possamos atribuir um, observando a desinência de número e pessoa do verbo. O SV é constituído pelo verbo transitivo *legas*, seu núcleo, que tem como complemento dois SNs, *orationes meas* e *hos de philosophia libros*, que se correlacionam por meio de marcadores sintagmáticos, as locuções conjuntivas *non solum* e *sed etiam*. O SN *hos libros* é modificado adverbialmente pelo SP *de filosofia*. O SO

*qui...aequarunt* funciona como aposto e, como tal, dispõe-se após o nome que explica, *libros*, conforme disposto no esquema abaixo.

(63)



Os termos da oração acima estão dispostos de acordo com a ordem regular da língua latina, respectivamente, o complemento verbal *non solum orationes meas sed hos etiam de filosofia libros qui...aequarunt*, o modificador adverbial do verbo *studiose*, e o verbo *legas*.

O segundo SN da correlação tem como núcleo o substantivo *libros*, determinado pelo pronome demonstrativo *hos*, que se foi inserido entre os termos da locução conjuntiva *sed etiam*, apresentado, assim, a descontinuidade da locução.

Com os exemplos apresentados até o momento, vemos que SNs, SAdv e SPs podem funcionar como modificadores adverbiais. Dentre outros, vimos: em (62), um SAdv funcionando como modificador adverbial de oração; também em (62), um SAdv funcionando como modificador adverbial de SV; em (53), um SN funcionando como modificador adverbial de verbo; e, no exemplo acima, vemos um SP funcionando como modificador adverbial de SN e um SAdv funcionando como modificador adverbial do verbo.

Também vimos até o momento que os sintagmas que funcionam como modificadores adverbiais ou são dispostos imediatamente antes ou imediatamente depois dos constiuintes que modificam, ou em meio aos seus componentes, como o SP *de philosophia*, que foi colocado entre os constituintes do SN que modifica. Ou seja, não podem ser dispostos fora dos domínios do constituinte modificado.

Se o SP *de philosophia* fosse colocado fora dos domínios do SN que modifica, ficaria difícil reconhecê-lo como modificador desse SN, isso porque os sintagmas (SN, SP e SAdv) que funcionam como modificadores adverbiais não estabelecem concordância com os constiuintes modificados.

E, dependendo da sua disposição dentro da oração, ele poderia funcionar como modificador adverbial de outro constiuente.

Também o SAdv *studiose* foi colocado antes da palavra que modifica, o verbo *legas*, pois se fosse disposto em outro lugar, dependendo do lugar, poderia ser confundido como modificador de um dos três SNs constituintes dessa oração.

O SO *qui iam illis fere se aequarunt* (cujo número hoje quase iguala o das minhas orações), oração relativa, funciona como aposto do substantivo *liber*, termo do SO, apresentado em (63). Por conta disso, tem seu introdutor, marcador sintagmático, o pronome relativo *qui*, flexionado no mesmo gênero e no mesmo número daquele. *Qui* funciona como sujeito da oração, com o qual o verbo transitivo *aequarunt* concorda em número. Os pronomes *Illis* e *se* funcionam como os complementos verbais. *Fere*, núcleo de SAdv, funciona como modificador do verbo, enquanto *iam*, núcleo de outro Sadv, funciona como modificador do SV, conforme disposto no esquema abaixo.

(64)

{ [Qui] [iam [ [illis] [fere] [se] aequarunt]] }				
<u>N</u> (pron)	<u>N</u> (pr)	<u>N</u>	<u>N</u> (pr)	
<u>SN</u>	<u>SN</u>	<u>SAdv</u>	<u>SN</u>	<u>N</u>
Suj	<u>N</u>	<u>SV</u>		
	<u>SAdv</u>			
	Pred			

Os termos da oração acima estão dispostos na ordem regular do latim, respectivamente, sujeito, modificador adverbial do SV, modificador verbal do verbo complementos verbais e verbo. É válido observar a disposição dos SAdvs: o SAdv *fere*, que funciona como modificador adverbial do verbo, dispõe-se em meio aos complementos deste *illis* e *se*; e o SAdv *iam*, que funciona como modificador adverbial do SV *illis fere se aequarunt*, dispõe-se antes dele.

Como já dissemos, os modificadores adverbiais, por não estabelecerem nenhum tipo de concordância com o termo que modificam, precisam ser colocados antes, depois ou em meio a eles, como os modificadores adverbiais dispostos acima. Se eles fossem dispostos em outra posição dentro da oração, dependendo da posição, poderiam ser confundidos como modificadores de outro constiuente.

No SO *uis enim maior in illis dicendi* (encontrarás mais eloquência nos primeiros) o verbo não é explicitado, mas sua existência implícita pode

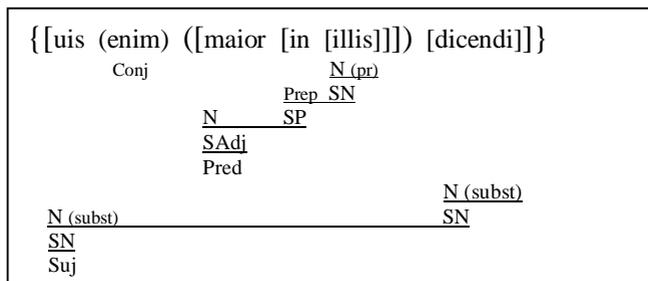
ser observada pela coordenação existente entre este SO e o SO *sed...genus*, que trabalharemos em seguida. Sobre isso, Madvig diz que

Em orações coordenadas o verbo subentende-se muitas vezes de uma oração para outra, na mesma ou em diferente pessoa e número, e não só da oração antecedente para a subsequente, mas ainda ao inverso, da subsequente para a antecedente (por isso que em latim a oração costuma cerrar-se com o verbo (1872, p. 386, § 478).

Como as coordenações e correlações são construções constituídas de paralelismo gramatical, geralmente, os termos, que são explicitados em uma, podem ser omitidos na outra. Temos então que o SO *uis enim maior in illis dicendi* não explicita seu verbo, que, pela equivalência evidenciada pelo paralelismo sintático através da coordenação, é o verbo de ligação “*est*”, o qual, além de concordar em número com o sujeito, o substantivo *uis*, também liga-o ao seu predicativo, o adjetivo no grau comparativo *maior*, que tem a construção *in illis* como seu complemento. Essa oração coordenada explicativa é marcada pelo conectivo coordenativo *enim*, conjunção coordenada explicativa pospositiva, a qual é sempre apresentada depois do primeiro termo da oração.

Ao utilizar uma conjunção pospositiva, o autor, de acordo com o estudo feito sobre as tendências de disposição dos constituintes em textos clássicos, no subcapítulo 1.2, inicia esse SO com o termo determinado do SN, *uis*, e finaliza-o com seu determinante, *dicendi*, conforme disposto no quadro abaixo.

(65)



Os termos da oração disposta acima foram colocados de acordo com a ordem indireta/estilística do latim, na qual o autor pôs em destaque, no início e no fim da oração, os dois constituintes do SN que funciona como sujeito, *uis* e *dicendi*, respectivamente, núcleo e modificador. Esse SN é interrompido por dois outros termos, a conjunção pospositiva *enim* e o SAdj *maior in illis*, encerrando uma descontinuidade sintagmática.

Com essa oração, mais os exemplos que já vimos anteriormente, percebemos que não há uma regra para usar a descontinuidade, pois vimos sintagmas inteiros, inseridos em meio a outros constituintes com os quais não se relacionam. Vimos também um constituinte de um sintagma, inserido em meio aos constituintes de outro termo com o qual não estabelece relação. Assim como vimos também vários constituintes, sintagmas ou não, inseridos em meio a os termos de um sintagma com o qual não estabelecem relação. Diante dos vários tipos de descontinuidades que já vimos aqui, percebemos que a descontinuidade é um recurso estilístico, mas que não é feito de qualquer forma. As inserções são muito bem ajustadas, com auxílio dos casos, de forma que não causam confusão sintática.

Por fim, o SO *sed hoc quoque colendum est aequabile et temperatum orationis genus* (mas é mister cultivar também este gênero de escrita igual e temperado), que se coordena ao SO *uis...dicendi*, é composto pela expressão impessoal *colendum est*, formada do gerundivo, neutro, que aqui não se emprega como adjetivo, mais o verbo *est* (MADVIG, 1872, p. 77, § 99). *Colendum est* é modificado pelo SAdv *quoque* e tem como sujeito o SN descontinuado *hoc aequabile et temperatum orationis genus*.

O substantivo *genus*, núcleo do SN maior, é modificado pelo substantivo *orationis*, no genitivo, núcleo de um SN menor, e pelos adjetivos *aequabile* e *temperatum*, núcleos de SAdjs, que se coordenam através do conectivo coordenativo *et*, conforme disposto no exemplo abaixo.

(66)

{ sed [hoc ([[quoque] colendum est]) [aequabile] et [temperatum] [[orationis] genus]] }									
		<u>N</u>		<u>N</u>		<u>N</u>		<u>N (subst)</u>	
		SAdv	N	SAdj	Conj	SAdj		SN	N (subst)
	<u>Det</u>	<u>SV</u>		<u>SN</u>					
	Parte do suj	(Pred)		Suj					

Nesta oração, não foi utilizada a ordem direta, com o verbo no final. O autor lançou mão da ordem estilística, usando a descontinuidade, e

inseriu o SV *quoque colendum est* entre os constituintes do SN que atua como sujeito.

Analisemos agora o período

[...] *Quae quattuor quamquam inter se colligata atque implicata sunt, tamen ex singulis certa officiorum genera nascuntur, uelut ex ea parte, quae prima discripta est, in qua sapientiam et prudentiam ponimus, inest indagatio atque inuentio ueri, eiusque uirtutis hoc munus est proprium* (De officiis, I, 5)<sup>37</sup>.

Tradução: *Estas quatro, embora entre si se misturem e se interpenetrem, todavia de cada uma delas nasce um dever particular. É assim que àquela parte, à primeira que nomeamos, e que é propriamente a sabedoria ou prudência, pertence a indagação e a descoberta da virtude, e esta tarefa é própria daquela virtude.*

Esse período apresenta quatro formas verbais definidas: *nascuntur*, *ponimus*, *inest*, *est* e as perífrases de voz passiva *colligata "sunt"*, *implicata sunt* e *discripta est*.

Os marcadores sintagmáticos contidos nesse período são: *quamquam*, utilizado como conectivo subordinativo correlativo, marcador da oração *quae quattuor quamquam inter se colligata atque implicata sunt*; *inter*, preposição que acompanha o caso acusativo, liga-se ao pronome reflexivo *se*, flexionado no acusativo; *atque*, conectivo coordenativo, que liga os termos perifrásticos *colligata* e *implicata*; *tamen*, utilizado como conectivo subordinativo correlativo, introdutor da oração *tamen ex singulis certa officiorum genera nascuntur*; *ex*, preposição que acompanha o caso ablativo, liga-se, indiretamente, ao morfema de caso ablativo *-is*, do numeral *singulis*; *ex*, preposição que acompanha o caso ablativo, liga-se, indiretamente, aos morfemas de caso ablativo *-a* e *-e*, dos respectivos, pronome demonstrativo *ea* e substantivo *parte*; *quae*, pronome relativo, introdutor da oração relativa *quae prima discripta est*; *in*, preposição que acompanha o caso ablativo, liga-se, indiretamente, ao morfema de caso ablativo *-a* do pronome relativo *qua*; *qua*, por sua vez, é pronome relativo, introdutor da oração relativa *in qua sapientiam et prudentiam ponimus*; *et*, conectivo coordenativo, que liga os termos *sapientiam* e *prudentiam*, de

---

<sup>37</sup> Disponível em <<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/off1.shtml>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

mesma função; *atque*, conectivo coordenativo, que liga os termos *indagatio* e *inuentio*, de mesma função; *-que*, conectivo coordenativo enclítico, disposto depois do pronome demonstrativo *eius*, primeiro termo da oração *eiusque uirtus hoc munus est proprium*, coordena esta oração à oração *uelut ex ea parte inest indagatio atque inuentio ueri*.

De acordo com nossa análise, a oração *uelut ex ea parte inest indagatio atque inuentio ueri* não é introduzida por marcador sintagmático.

Vemos então que este período é composto por uma oração subordinante, quatro subordinadas e uma coordenada. As duas primeiras orações que iniciam o período, os SOs *quae quattuor quamquam inter se colligata atque implicata sunt* e *tamen ex singulis certa officiorum genera nascuntur*, correlacionam-se entre si, por meio dos conectivos subordinativos correlativos *quamquam* e *tamen*, este, introdutor do segundo SO e aquele, introdutor do primeiro. Ambos subordinam-se à oração subordinante, funcionando como seus modificadores adverbiais. As outras duas subordinadas, as relativas *quae prima discripta est* e *in qua sapientiam et prudentiam ponimus*, (esta coordena-se assindeticamente àquela), encaixam-se dentro da oração subordinante, funcionando como aposto explicativo de um termo desta. E, por fim, a oração introduzida pelo conectivo coordenativo enclítico *-que*, o SO *eiusque uirtutis hoc munus est proprium*, coordena-se, aditivamente, à oração subordinante, conforme disposto abaixo.

(67)

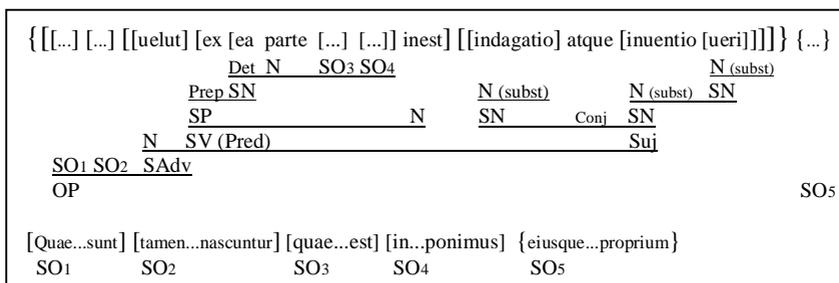
{ { Quae...sunt } {tamen...nascuntur} uelut {quae...est} {in...ponimus} ueri }	{eiusque...proprium}
SO (O.S.Adv.Conc) SO (O.S.Adv.Conc) SO (O.S.S.Ap) SO (O.S.S.Ap)	
OP	SO (O.C.S.Adt)

O esquema acima demonstra as associações e os encaixamentos das orações que constituem esse período, que se constitui como OP. O SO *quae...sunt* se associa (correlaciona) ao SO *tamen...nascuntur*, e ambos se encaixam (subordinam) à OP, a qual também tem encaixados (subordinados) em si os SOs *quae...est* e *in...ponimus*, que se coordenam entre si. E, por fim, o SO *eiusque...proprium* se associa (coordena) à OP.

A OP (*quae...sunt*) (*tamen...nascuntur*) *uelut ex ea parte*, (*quae...est*, *in...ponimus*,) *inest indagatio atque inuentio ueri* (*eiusque...proprium*) (...) é assim que àquela parte (...), (...), pertence a indagação e a descoberta da virtude (...), como já vimos, tem encaixados em si quatro SOs, e coordena-se a um outro, os quais vão ser analisados a parte.

Esta é formada de SV, predicado, constituído pelo verbo *inest*, seu núcleo, e pelo complemento verbal, o SP *ex ae parte*. *Inest* concorda em número com os SNs, sujeito, nucleado pelos substantivos, no nominativo, *indagatio* e *inuentio* (coordenados pelo conectivo coordenativo *atque*) – este determinado pelo substantivo *ueri*, no genitivo. O SAdv *uelut* foi colocado à frente da frase porque constitui uma espécie de prefácio à declaração contida nesta. Os SOs *quae...sunt* e *tamen...nascuntur* funcionam como modificadores adverbiais da OP. Os SOs *quae...est* e *in...ponimus* funcionam como apostos explicativos do substantivo *parte*, com o qual os pronomes relativos *quae* e *qua* concordam. E o SO *eiusque...proprium* se coordena à OP através de *-que*, de acordo com o esquema abaixo.

(68)



No esquema acima, também vemos que a OP se associa ao SO *eiusque...proprium*, bem como vemos que os outros quatro SOs se encaixam nela. Os termos da OP foram colocados de acordo com a ordem indireta (estilística) do latim. Cícero colocou o SN, sujeito, posposto ao SV, para destacá-lo e colocou o advérbio *uelut* diante do SV e do SN, sujeito, para mostrá-lo como modificador adverbial desses dois constituintes. A disposição dos SOs *quae...sunt* e *tamen...nascuntur*, no início, é para mostrá-los como modificador de toda a construção *velut...veri*.

O livre ordenamento dos constituintes, palavras, na OP não seria possível por dois motivos: como os SNs, de núcleo genitivo, não se relaciona com o termo que determina através de concordância se o SN *veri* fosse colocado em outro lugar, poderia ser confundido como modificador de outro SN; por conta da igualdade formal de nominativo e ablativo, o pronome demonstrativo *ea*, se fosse colocado em outro lugar dessa oração, dependendo do lugar, ou ele poderia ser detectado como determinante de um dos substantivos, núcleos do SN que funciona como sujeito, *indagatio* e

*inuentio*, ou não saberíamos apontar de qual dos três substantivos ele seria determinante.

A construção *quae quattuor quamquam inter se colligata atque implicata sunt* (*estas quatro, embora entre si se misturem e se interpenetrem*), que inicia o período, é constituída pela conjunção *quamquam* (forma duplicada de *quam*), que tem por correlativo *tamen* (FARIA, 1975, p. 838), (introdutor do outro SO com o qual este se correlaciona). Essa construção é composta pela perífrase verbal de voz passiva *implicata sunt*, que se coordena, por meio da conjunção *atque*, à outra, *colligata "sunt"*, a qual não explicita o auxiliar, configurando dois SVs, logo dois SOs. Ambas as perífrases concordam em número com *quae quattuor*, que funciona como sujeito das duas. As perífrases são modificadas por *inter se*, conforme disposto abaixo.

(69)

{ [quae quattuor] quamquam [[inter [se]] [colligata] atque [implicata sunt]] }										
<u>N (pr)</u>		<u>Num</u>		Conj						
SN						<u>N (pr)</u>		<u>N</u>		<u>Aux</u>
Suj						Prep		SN		SV
								Conj		SV
						SP				
						Pred				

A construção acima tem seus termos dispostos na ordem direta do latim, respectivamente, sujeito, modificador adverbial das perífrases verbais e as perífrases. No tocante à colocação da conjunção *quamquam*, Madvig (1872, p. 375, § 465) diz que “quando uma oração subordinada conjuncional precede a oração principal, pode a conjunção colocar-se depois de uma ou mais palavras em que resida ênfase particular, as mais das vezes depois de pronomes que se referem ao que anteriormente foi dito”.

A construção em análise se correlaciona ao SO *tamen...nascuntur*, que será analisado em seguida, e ambos precedem a oração subordinante. Além disso, *quamquam* foi colocada depois do pronome *quae*, modificado pelo numeral *quattuor*, os quais se referem ao que foi dito anteriormente.

Vemos que os constituintes sintagmáticos dessa oração estão bem amarrados entre si. Um ordenamento livre desses constituintes poderia causar prejuízo de sentido.

O SO *tamen ex singulis certa officiorum genera nascuntur* (*todavia de cada uma delas nasce um dever particular*) é introduzido pela conjunção subordinada correlativa *tamen*, a qual, como já dissemos, correlaciona-se com *quamquam*, conjunção marcadora da construção analisada em (69).

Esse sintagma é constituído pelo verbo intransitivo *nascuntur*, que se constroi com o ablativo preposicionado *ex singulis*, e concorda em número com *certa officiorum genera*, que funciona como sujeito, conforme disposto abaixo.

(70)

{tamen [[ex [singulis]] ([certa [officiorum] genera) nascuntur]}			
Conj		<u>N</u>	<u>N (subst)</u>
		<u>SAdj</u>	<u>SN</u> <u>N (subst)</u>
	<u>N (subst)</u>	<u>SN</u>	
	<u>Prep SN</u>	(Suj)	
	<u>SP</u>		<u>N</u>
	<u>SV</u>		
	Pred		

A oração acima não tem seus termos dispostos na ordem direta do latim. O autor lançou mão da ordem estilística, colocando o complemento circunstancial do verbo no início, para evidenciá-lo. O SN *certa officiorum genera*, que funciona como sujeito, foi colocado entre os termos do SV, encerrando uma descontinuidade sintagmática.

A liberdade de ordenamento dos constituintes, palavras, dessa oração só não é possível por conta do SN *officiorum*, de núcleo genitivo, que funciona como modificador do núcleo do SN, sujeito. Dependendo da ordem, ou ele poderia ser confundido como modificador do SN *singulis*, ou não saberíamos determinar de qual dos dois SNs ele seria modificador.

Um dos SOs encaixados na oração subordinante é o SO *quae prima discripta est* (à primeira que nomeamos), introduzido pelo pronomine relativo *quae*, o qual exerce a função de sujeito, e constituído pela perífrase verbal de voz passiva *discripta est*, que concorda em número com o sujeito, e é modificada pelo adjetivo ordinal *prima*, que funciona como modificador ordinal, conforme disposto abaixo.

(71)

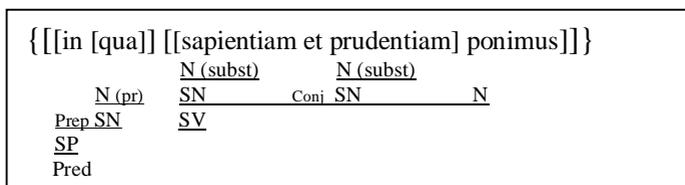
{[quae] [[prima] discripta est]}			
<u>N (pr)</u>	<u>N</u>	<u>perífrase</u>	<u>.</u>
<u>SN</u>	<u>SAdj</u>	<u>V</u>	<u>Aux</u>
Suj	<u>SV</u>		
	Pred		

A oração acima tem seus termos dispostos na ordem direta do latim, ou seja, sujeito, modificador ordinal e verbo. Em relação à disposição e uso

de *prima*, Madvig (1872, p. 244, § 300), diz que “em particular empregam os latinos frequentes vezes os adjetivos que designam ordem ou seguimento, como aposição, onde a língua portuguesa emprega um advérbio (referido ao verbo)”.

O outro SO encaixado na oração subordinante é *in qua sapientiam et prudentiam ponimus* (e que é propriamente a sabedoria ou prudência), introduzido pelo pronome relativo *qua* – precedido da preposição *in* –, é constituído pelo verbo transitivo *ponimus*, seu núcleo, e pelo complemento verbal, os SNs, que têm como núcleos os substantivos *sapientiam* e *prudentiam* e coordenam-se por meio da conjunção aditiva *et*, conforme disposto no esquema abaixo.

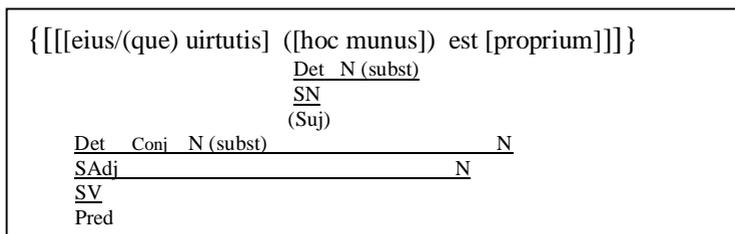
(72)



Os termos da oração acima estão dispostos na ordem direta do latim, ou seja, modificador adverbial oracional, complemento verbal e verbo. Tirando o modificador oracional *qua*, que também é introdutor da oração, todas os outros constiuintes poderiam ser trocados de lugar, qualquer posição, que não causaria dano à interpretação.

Por fim, o período em análise é encerrado pelo SO *eiusque uirtutis hoc munus est proprium* (e esta tarefa é própria daquela virtude), coordenado aditivamente à oração subordinante, por meio do conectivo coordenativo enclítico *-que*, e constituído pelo verbo de ligação *est*, que concorda com *hoc munus*, sujeito, e liga este ao seu predicativo, o adjetivo transitivo *proprium*, que tem como complemento *eius uirtutis*, no genitivo, conforme disposto abaixo.

(73)



A oração acima tem seus termos dispostos na ordem indireta (estilística) do latim. Ela é iniciada pelo complemento do núcleo do predicativo do sujeito, o SN *eius uirtutis*, e é finalizado pelo núcleo do predicativo do sujeito, o adjetivo *proprium*. Vínhamos dizendo até o momento que o SN de núcleo genitivo não pode ser apresentado fora dos domínios do SN que ele modifica, mas, no caso da oração acima, o SN, genitivo, funciona como complemento nominal e não como modificador restritivo.

Sobre o genitivo, Furlan & Bussarello dizem que ele

Exprime principalmente a função de complemento dos substantivos de valor transitivo e de adjunto adnominal restritivo (de posse, especificação, autoria, qualidade, preço...) de substantivos de valor intransitivo. Exprime também o todo de que se toma uma parte (genitivo partitivo), bem como o complemento de pequeno grupo de adjetivos, verbos e advérbios (1997, p.104).

Sendo assim, quando o SN, genitivo, funcionar como complemento de substantivos, de adjetivos, de verbos ou de advérbios, ele pode ser disposto fora dos domínios da palavra que modifica, pois a transitividade desta o indicará como complemento, como ocorre com o adjetivo *proprium* da oração acima, na qual Cícero, além de por em destaque os termos do predicativo do sujeito, colocando-os iniciando e finalizando a oração, também separou o sujeito do núcleo do seu predicativo, dispondo o verbo entre os dois.

A ordem dos constiuintes da oração acima não poderia ser trocada com total liberdade, pois, dependendo da ordem, o núcleo do sujeito poderia ser confundido como núcleo do predicativo, uma vez que o pronome *hoc* poderia, sozinho, constituir o SN, sujeito, por ser um demonstrativo propriamente dito, ou seja, por funcionar anaforicamente.

Analisemos agora o período

[...] *nihil enim est tam angusti animi tamque parui quam amare diuitias, nihil honestius magnificentiusque quam pecuniam contemnere, si non*

*habeas, si habeas, ad beneficentiam liberalitatemque conferre [...]* (De officiis, I, 20)<sup>38</sup>.

Tradução: *na verdade, nada é mais próprio de uma alma tacanha e mesquinha do que amar as riquezas, nada é mais nobre e mais generoso do que desprezar o dinheiro, se não o temos, e consagrá-lo a bem fazer e a usá-lo com liberalidade, se o temos.*

Foram explicitadas seis formas verbais no período acima, sendo três definidas, *est, habeas e habeas*, e três indefinidas, *amare, contemnere e conferre*.

Os marcadores sintagmáticos presentes nesse período são: *tam*, advérbio, que atua como conectivo correlativo, introdutor do termo *tam angusti animi*; *-que*, conjunção copulativa enclítica, que atua como conectivo coordenativo, ligando os dois termos introduzidos pelo advérbio *tam*; *tam*, advérbio, que atua como conectivo correlativo, introdutor do termo *tam "angusti" parui*; *quam*, conjunção subordinativa comparativa, que atua como conectivo correlativo de *tam*, introdutor da oração *quam amare diuitias*; *amare*, forma verbo-nominal, constituinte de oração subordinada; *-que*, conjunção copulativa enclítica, que atua como conectivo coordenativo, que liga os dois termos de mesma função *honestius e magnificentius*; *quam*, conjunção subordinativa comparativa, introdutor da oração *quam pecuniam contemnere*; *contemnere*, forma verbo-nominal, constituinte de oração subordinada; *si*, conjunção subordinativa, que atua como conectivo subordinativo da oração *si non habeas*, ligando-se, indiretamente, ao morfema de subjuntivo *-a* do verbo *habeas*; *si*, conjunção subordinativa, que atua como conectivo subordinativo da oração *si habeas*, ligando-se, indiretamente, ao morfema de subjuntivo *-a* do verbo *habeas*; *ad*, preposição que acompanha o caso acusativo, ligando-se aos morfemas de acusativo *-am e -em*, dos respectivos substantivos *beneficentiam e liberalitatem*; *conferre*, forma verbo-nominal, constituinte da oração subordinada *ad beneficentiam liberalitatemque conferre*.

Esse período, que se constitui como OP, tem encaixado em si o SO *quam amare diuitias*, oração subordinada adverbial comparativa correlativa, que se correlaciona com um de seus termos, e se coordena com o SO *nihil honestius magnificentiusque*, oração coordenada assindética – o qual, por sua vez, tem encaixado em si, o SO *quam pecuniam contemnere*, oração subordinada adverbial comparativa, que se relaciona com um de

<sup>38</sup> Disponível em <<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/off1.shtml>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

seus termos e subordina o SO *si non habeas*, oração subordinada adverbial condicional –, que se coordena com o SO *ad beneficentiam liberalitatemque confere*, oração coordenada assindética, que subordina o SO *si habeas*, oração subordinada adverbial condicional, conforme disposto no esquema abaixo.

É válido observar que o SO *nihil honestius magnificentiusque* não explicita seu verbo, mas, por conta da sua coordenação com o SO *nihil...parui*, em razão de ser o latim uma língua sintética, que evita repetições, podemos dizer que seu verbo também é *est*, ou seja, igual ao da oração com a qual se coordena.

(74)

$\{ \text{nihil...parui } \{ \dots \} \} \{ \text{nihil...que } \{ \text{quam...contemnere } \{ \dots \} \} \} \{ \{ \dots \} \text{ ad...conferre} \}$		
SO <sub>1</sub>	SO <sub>2</sub>	SO <sub>3</sub>
OP	SO (O.S.Adv.Comp) SO (O.C.Assindética)	SO (O.C.Assindética)
{quam...diuitias}	{si...habeas}	{si habeas}
SO <sub>1</sub> (O.S.Adv.Comp)	SO <sub>2</sub> (O.S.Adv.Cond)	SO <sub>3</sub> (O.S.Adv.Cond)

No esquema acima, podemos ver tanto as associações quanto os encaixamentos das orações. As coordenadas se associam à OP, enquanto que as subordinadas se encaixam. As correlatas, por sua vez, se encaixam, uma na OP e outra na primeira coordenada, mas se associam a um termo das respectivas subordinantes. As associações das correlatas serão demonstradas em esquemas seguintes.

A OP *nihil enim est tam angusti animi tamque parui (quam...diuitias) (na verdade, nada é mais próprio de uma alma tacanha e mesquinha (nihil...magnificentiusque))*, que se coordena ao SO *nihil...magnificentiusque*, é constituída pelo verbo *est*, que se constroi com o substantivo *animi*, no genitivo, significando *ser próprio de* (Freire, 1987, p. 225), e concorda, em número, com o substantivo *nihil*, no nominativo, sujeito da oração. *Animi*, núcleo do SN, é modificado adjetivamente por *angusti* e modificado adverbialmente por *tam*. *Parui* modifica adjetivamente o núcleo Ø do outro SN – que se coordena com o já dito por meio de *–que*, conjunção coordenativa enclítica – também modificado pelo outro advérbio *tam*, os quais correlacionam estes SNs ao SO *quam amare diuitias*, que funciona como termo de comparação. Além disso, há, neste SO, o advérbio *enim*, que se coloca sempre depois de uma palavra da

oração. Ele atua como um determinante geral da frase, uma declaração, e não está ligado a qualquer termo particular, conforme o esquema abaixo.

(75)

$\{ \text{[nihil]} \text{ ([enim]} \text{ [est [tam [[angusti] animi]] [tam/que [Ø [parui]]] \{ \dots \} \} \{ \dots \} \}$	
	$\frac{N}{SAdv} \quad \frac{N}{SAdj} \quad N \quad \frac{N}{SAdv} \quad N \quad \frac{N}{SAdj}$
$\frac{N(\text{subst})}{SN(\text{Suj})} N$	$\frac{N}{SN} \quad \frac{N}{SN} \quad \text{Conj} \quad \frac{N}{SN} \quad \frac{N}{SAdj}$
	SO <sub>1</sub>
$\frac{SAdv}{OP}$	
	SO <sub>2</sub>
$\{ \text{quam...diuitias} \}$	$\{ \text{nihil...que} \}$
SO <sub>1</sub>	SO <sub>2</sub> (O.C.Ass)

Os termos desta oração não estão dispostos na ordem direta do latim, pois o verbo está disposto no meio e o complemento verbal no final. A ordem das palavras está tão bem definida de acordo com suas funções que poderíamos não alcançar o sentido que o autor pretendeu passar se a ordem fosse mudada. Cícero colocou o complemento verbal no final porque este se correlaciona com o SO *quam...diuitias* que vem em seguida. Os modificadores adverbiais *tam* foram dispostos antes dos SNs modificados, *angusti animi* e *Ø parui*, porque não estabelecem relação de concordância com estes.

O SO *quam amare diuitias* (*do que amar as riquezas*), que se subordina à OP é uma oração infinitiva adverbial comparativa, introduzida pelo conectivo correlativo *quam*, e é constituída somente por SV, por ser uma oração que não explicita seu sujeito, ou seja, não apresenta um SN que funcione como sujeito. O SV tem como constituintes o verbo transitivo *amare*, seu núcleo, e o SN, complemento do verbo, que tem como núcleo e constituinte único o substantivo *diuitias*, de acordo com o esquema abaixo.

(76)

$\{ \text{quam [amare [diuitias]]} \}$	
Conj	$\frac{N(\text{subst})}{SN}$
	$\frac{N}{SV}$
	Pred

Os termos da oração acima foram colocados na ordem indireta (estilística), com complemento verbal disposto no final. Se invertêssemos a ordem desses dois constituintes, *amare* e *diuitias*, o sentido se conservaria.

O SO *nihil honestius magnificentiusque (quam...contemnere)* (*nada é mais nobre e mais generoso (...)*), que se coordena assindeticamente à OP, não explicita seu verbo, o qual podemos inferir, por meio da coordenação, que se trata do mesmo verbo daquela, e que não é explicitado nesta por conta de o latim ser uma língua que evita repetições. Este SO se coordena também de forma assindética ao SO *ad...conferre*, conforme o esquema abaixo.

Essa oração é formada pelo substantivo *nihil*, no nominativo, que funciona como sujeito, e pelo seu predicativo, composto pelos SAdjs *honestius* e *magnificentius*, no grau comparativo de superioridade – coordenados entre si por meio do conectivo coordenativo enclítico *–que–* que se correlacionam ao SO *quam...contemnere*, através do conectivo correlativo *quam*, introdutor deste.

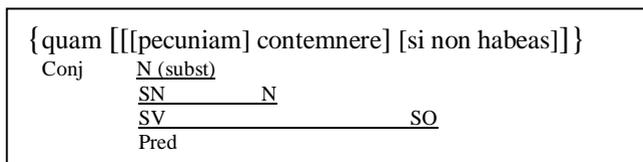
(77)

$\{ [nihil] [honestius magnificentius/que \{quam...contemnere\}] \} \{ ad...conferre \}$				
<u>N</u> <sub>(subst)</sub>	<u>N</u>	<u>N</u>		
<u>SN</u>	<u>SAdj</u>	<u>SAdj</u>	<u>Conj</u>	<u>SO</u>
<u>Suj</u>	<u>Pred</u>			
SO (O.C.Assindética)				SO (O.C.Ass.)

Os termos da oração acima estão dispostos na ordem direta do latim, ou seja, o sujeito, o predicativo do sujeito e o SO *quam...contemnere*, que funciona como termo de comparação dos adjetivos *honestius* e *magnificentius*, no grau comparativo. Essa oração é constituída de sintagmas simples, ou seja, sintagmas constituídos apenas pelo(s) núcleo(s) e, por conta disso, uma mudança de ordem dos constiuintes não causaria mudança na interpretação da mesma.

O SO *quam pecuniam contemnere (si non habeas)* (*do que desprezar o dinheiro (...)*), introduzido pelo conectivo correlativo *quam*, é uma oração infinitiva adverbial comparativa, constituída pelo verbo transitivo *contemnere* e seu complemento, o substantivo, no acusativo, *pecuniam*. Esse sintagma subordina o SO *si non habeas*, que funciona como seu modificador adverbial, conforme disposto no esquema abaixo.

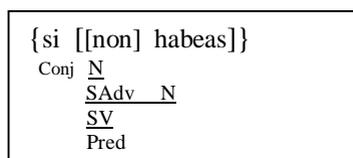
(78)



Os termos da oração acima não estão todos dispostos de acordo com a ordem direta do latim, somente o complemento verbal, o SN *pecuniam*, e o verbo *contemnere*. Cícero apresentou o SO *si non habeas*, que funciona como modificador adverbial do SO em análise, no fim da oração, para enfatizá-lo, de acordo com a ordem indireta (estilística). Qualquer outra ordem que os constituintes dessa oração assumissem, não alteraria o sentido da mesma, que está assegurado pela marca de caso, pela transitividade verbal e pelo marcador sintagmático.

O SO *si non habeas* (*se não “o” temos*) é introduzido pelo conectivo subordinativo *si* e é constituído pelo verbo transitivo *habeas*, modificado adverbialmente por *non*, conforme disposto no esquema abaixo.

(79)

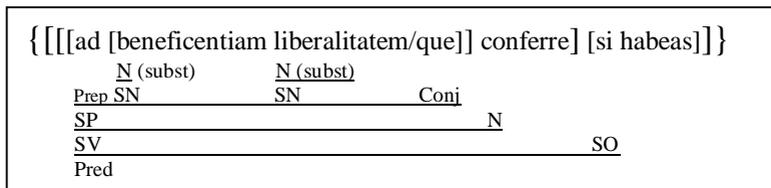


Os termos da oração acima estão dispostos de acordo com a ordem direta do latim, ou seja, modificador adverbial do verbo e o verbo. Se os constituintes mudassem de lugar, o sentido da oração não seria alterado.

O SO *ad beneficentiam liberalitatemque confere* (*e consagrá-lo a bem fazer e a usá-lo com liberalidade (...)*), que se coordena assindeticamente ao SO *nihil...contemnere*, analisado em (77), é constituído pelo verbo *conferre*, no infinitivo, atuando aqui como *infinitivo de narração*, por se tratar de uma oração independente (CART, 1986, p. 132 e 133).

O SP *Ad beneficentiam liberalitatemque* funciona como complemento verbal do verbo transitivo *conferre*, constituindo com ele o SV, modificado adverbialmente pelo SO *si habeas*, conforme disposto no esquema abaixo.

(80)

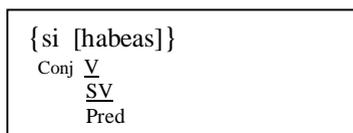


Os termos da oração acima não estão todos dispostos de acordo com a ordem direta do latim, somente o complemento verbal, o SP *ad beneficentiam liberalitatemque*, e o verbo *conferre*. Cícero apresentou o SO *si habeas*, que funciona como modificador adverbial do SO em análise, no fim da oração, para enfatizá-lo, de acordo com a ordem indireta (estilística).

Os constituintes dessa oração poderiam se dispor em qualquer lugar, que não alteraria o sentido da mesma, que está assegurado pelas marcas de caso, pela transitividade verbal e pelos marcadores sintagmáticos.

Por fim, o SO *si habeas* (se “o” temos) é introduzido pelo conectivo subordinativo *si* e é constituído somente pelo verbo transitivo *habeas*, conforme disposto no esquema abaixo.

(81)



A oração acima é composta apenas pelo verbo.

Com as análises desses três períodos compostos do *liber primus*, da obra *De officiis*, de Marco Túlio Cícero, observamos vários tipos de orações latinas e como elas se estruturam e se relacionam entre si. Conforme nossa proposta, analisamos todas as orações contidas nos períodos, observando tanto como os sintagmas se ordenam, para apontar o tipo de ordem que Cícero utilizou na estruturação das mesmas, quanto como os constituintes, palavras, ordenam-se, para observarmos se há liberdade de disposição dos mesmos dentro das orações. As discussões que fizemos a respeito da liberdade de disposição dos constituintes dentro de cada oração analisada nos servirão de base para, ao final, pontuarmos as restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento dos mesmos nas orações latinas.

## 2.5. A obra *Institutio oratoria*, de Marco Fábio Quintiliano

Marco Fábio Quintiliano era orador e professor de retórica na Roma Antiga. De origem hispânica, nasceu na atual Calahorra (na época, *Calagurris Nassica*), cidade da Hispânia (nome dado pelos romanos à península Ibérica quando a conquistaram). O ano de seu nascimento é incerto. Para Paratore, ele nasceu entre os anos 35-40 d.C.

*Institutio oratoria* é composta por doze livros, chegados integralmente até os nossos dias, nos quais Quintiliano quis demonstrar como deve ser feita a formação do orador perfeito (daí o título), desde a infância até a sua afirmação (PARATORE, 1983, p. 700).

O *liber primus* da *Institutio oratoria*, do qual retiramos os três períodos para análise, é composto de 12 capítulos e, segundo Paratore, “é o mais completo tratado de pedagogia que a antiguidade clássica nos transmitiu, particularmente interessante para os filólogos, graças às notícias sobre a aprendizagem da pronúncia e da gramática” (1983, p. 700). Nele, Quintiliano mostra como se deve preparar a criança, desde cedo, para o exercício da oratória. De início, sobre a responsabilidade dos pais, a criança romana devia ser tradicionalmente alfabetizada. Somente depois disso, ela deveria ser encaminhada a mestres especializados. Discute as vantagens de se aprender na escola. Em seguida mostra as funções do *grammaticus*, o mestre encarregado da língua literária. Depois trata da maneira conveniente de pronunciar e gesticular. E, por fim, discute sobre a capacidade da criança de receber vários tipos de ensinamento ao mesmo tempo.

## 2.6. Análise de períodos compostos do *liber primus* da obra *Institutio oratoria*<sup>39</sup>, de Marco Fábio Quintiliano

Vamos agora iniciar as análises dos períodos compostos escolhidos do “primeiro livro” da obra *Institutio oratoria*. Começemos pelo período

*Licet enim dicamus aliquod proprium, speciosum, sublime, nihil tamen horum nisi in complexu loquendi serieque contingit: laudamus enim uerba rebus bene accommodata.* (*Institutio oratoria*, I, 5, III)<sup>40</sup>.

<sup>39</sup>

Disponível

em

<<http://www.thelatinlibrary.com/quintilian/quintilian.institutio1.shtml>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

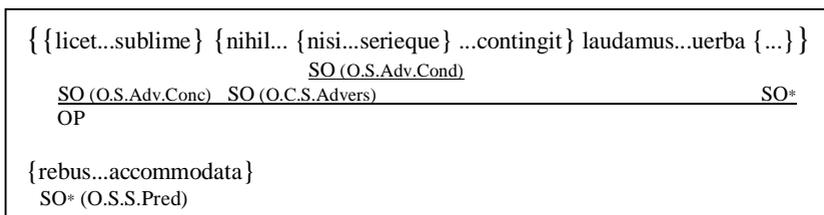
<sup>40</sup> Ibidem.

Tradução: *De fato, ainda que falemos uma linguagem exata, elegante e sublime, tudo isto resulta do conjunto e do encadeamento do discurso, pois louvamos nas palavras a sua boa adequação às coisas.*

Esse período, que se constitui como OP, apresenta três formas verbais definidas, *dicamus*, *contingit* e *laudamus*, e uma indefinida, *accommodata*, e tem como marcadores sintagmáticos: *licet*, conectivo correlativo, – conjunção subordinativa concessiva, que se liga, indiretamente, ao morfema de modo subjuntivo *-a* do verbo *dicamus* – é introdutora da oração subordinada concessiva *licet enim dicamus aliquod, speciosum, sublime*, a qual funciona como modificador adverbial da OP; *tamen*, conectivo correlativo, – conjunção coordenativa adversativa pospositiva – é introdutor da oração *nihil tamen horum contingit*, a qual se correlaciona com a oração anterior, funcionando como oração coordenada adversativa; *nisi*, conectivo subordinativo – conjunção subordinativa condicional, que nega a oração a qual se subordina – é introdutor da oração subordinada condicional *nisi in complexu loquendi serieque*, a qual não explicita seu verbo e funciona como modificador adverbial da oração anterior; *in*, preposição que acompanha o caso ablativo e se liga, indiretamente, aos morfemas de caso ablativo *-u* e *-e*, dos respectivos substantivos *complexu* e *serie*; *-que*, conectivo coordenativo – conjunção enclítica coordenativa aditiva –, que liga dois termos de mesma função, *complexu* e *serie*; e *accommodata*, forma verbo-nominal no Pa.Pt, que funciona como verbo na oração subordinada *rebus bene accommodata*.

Conforme o exposto, podemos representar o esquema do período em análise.

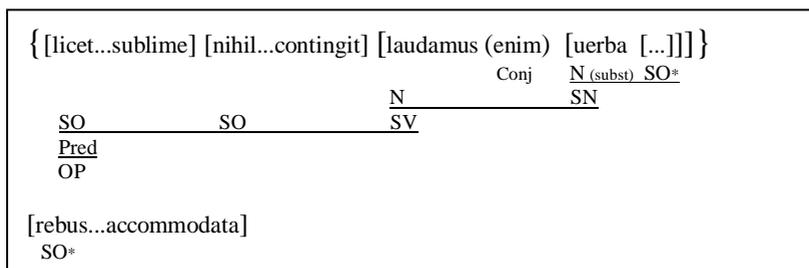
(82)



No esquema acima podemos observar tanto as associações quanto os encaixamentos das orações. O SO *nisi...serieque* está encaixado no SO *nihil...contingit*, com o qual o SO *licet...sublime* se associa, e ambos se encaixam ao SO *laudamus...uerba*, que também tem encaixado em si o SO *rebus...accommodata*.

A OP (o período em análise) (*licet...sublime*) (*nihil...contingit*) *laudamus enim uerba (rebus...accommodata)* (...) *pois louvamos nas palavras (...)*), é modificada adverbialmente pelos SOs que se correlacionam, *licet...sublime* e *nihil...contingit*, e não apresenta sujeito explícito, logo, constitui-se somente de predicado, este, composto pelo verbo transitivo *laudamus*, o qual se constroi com acusativo, o substantivo *uerba* e seu predicativo, o SO *rebus...accommodata*, conforme representado no esquema abaixo.

(83)



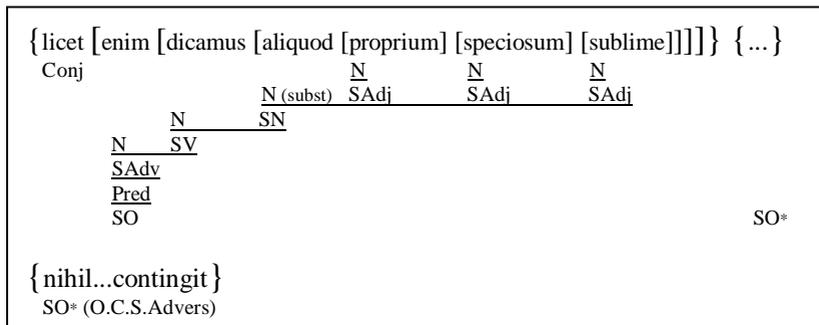
A OP, com exceção dos dois SOs iniciais que se correlacionam entre si, tem seus termos dispostos na ordem indireta (estilística) da língua latina, na qual o verbo *laudamus* foi colocado no início e o complemento verbal, o SN *uerba rebus...accommodata* no final. Já os dois SOs foram colocados no início pra ficar evidente que eles funcionam como modificadores adverbiais do restante da construção.

*Accommodata*, forma verbal no particípio, estabelece concordância com o substantivo *uerba*, da OP, e está declinado no acusativo, caso que o verbo *laudamus* requer para completar seu sentido. Sendo assim, qualquer ordem em que os constituintes da oração acima forem colocados não influenciará na interpretação da mesma.

O SO *licet enim dicamus aliquod proprium, speciosum, sublime, (nihil...contingit) (de fato, ainda que falemos uma linguagem exata, elegante e sublime (...))* é uma oração subordinada adverbial concessiva, que se correlaciona com o SO *nihil...contingit*. É introduzido pelo conectivo subordinativo *licet*, e é formado pelo verbo transitivo *dicamus* e pelo seu complemento, o SN *aliquod proprium, speciosum, sublime*, ambos constituintes do SV, que é modificado pelo SAdv *enim*, que é “geralmente colocado depois da primeira palavra principal da frase” (FARIA, 1975, p. 351) e pode ser traduzido por “de fato”, e ser concebido como um

determinante geral, uma declaração, sem estar ligado a qualquer termo particular, conforme disposto no esquema abaixo.

(84)

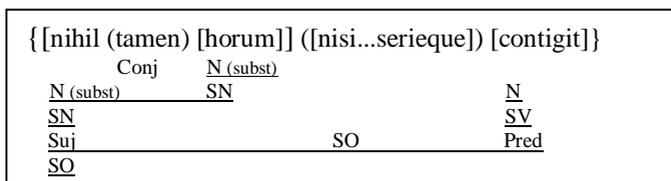


Os termos da oração acima estão colocados numa ordem indireta (estilística), na qual o autor procurou enfatizar o complemento verbal, colocando-o no fim da oração.

Qualquer palavra dessa oração – com exceção do advérbio *enim*, que, como já vimos é colocado geralmente depois da primeira palavra da oração – poderia se dispor em qualquer outro lugar que não causaria dificuldade alguma de interpretação, por conta da concordância nominal e da transitividade verbal.

O SO *nihil tamen horum (nisi...serieque) contingit (tudo isto resulta (...))*, que se correlaciona com o SO *licet...sublime*, através do conectivo correlativo *tamen*, conjunção empregada “depois de uma subordinada de sentido concessivo” (FARIA, 1975, p. 986), é uma oração subordinada adverbial condicional e tem dentro de si o SO *nisi...serieque*, funcionando como seu modificador. O SO em análise é constituído pelo verbo intransitivo *contingit*, o qual concorda em número com o núcleo do SN – o substantivo *nihil*, que é modificado pelo pronome demonstrativo *horum*, no genitivo – que funciona como sujeito desta oração, conforme o esquema abaixo.

(85)



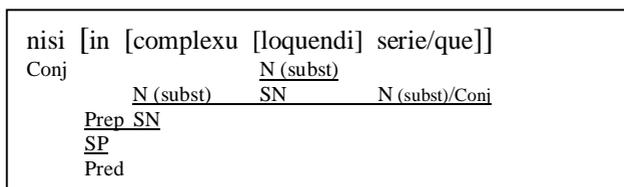
Os termos da oração acima, com exceção do SO *nisi...sirieque*, estão dispostos na ordem direta do latim, porém o SN, sujeito, é descontinuado pela conjunção *tamen*, da mesma forma que o SN, sujeito, e o SV estão separados pelo SO *nisi...serieque*, que funciona como modificador desta oração.

O SN *horum*, genitivo, está encaixado no SN *nihil*, sujeito. Aquele está disposto nas extremidades deste por funcionar como seu adjunto adnominal restritivo.

Como não há, na oração acima, outro constiuente que *horum* pudesse restringir/modificar, os constiuentes dessa oração poderiam ser reorganizados que sua interpretação continuaria a mesma.

No SO *nisi in complexu loquendi serieque* (*do conjunto e do encadeamento do discurso*), introduzido pelo conectivo subordinativo *nisi*, conjunção subordinativa condicional, que nega a frase a qual a subordina, ocorre uma omissão anafórica (PERINI, 2010, p. 184), ou seja, o verbo, que seria o mesmo da sua subordinante, o SO *nihil...contigit* – mas no Sb.Pr, seguindo a *consecutio temporum*, fazendo com que o tempo da subordinada seja concomitante ao tempo da subordinante – não é explicitado neste SO. Sendo assim, a construção *in complexu loquendi serieque* funciona como modificador adverbial do verbo que não é explicitado. Esse SO também não apresenta sujeito explícito, conforme disposto no esquema abaixo.

(86)



O SN *complexu loquendi serieque* é constituído de acordo com uma tendência latina, abordada no subcapítulo (1.2), na qual um SN, que tem como núcleo um genitivo, e que determina dois termos que se relacionam de um outro SN, pode aparecer intercalado entre os dois termos deste outro SN. Os substantivos transitivos *complexu* e *serie* têm seus sentidos completados com o SN *loquendi*, de núcleo genitivo.

Funcionando como complemento nominal, o SN *loquendi* poderia ser colocado em qualquer outro lugar da oração que a transitividade dos substantivos recorreria a ele como complemento. Sendo assim, os constiuentes dessa oração poderiam ser colocados numa outra ordem.

Conforme já vimos, *participio conjunção* é uma composição participial, oração reduzida, cujo participio se refere a um termo da oração determinante, com o qual concorda, tendo assim, o mesmo sujeito da oração determinante ou referindo-se o seu sujeito a um outro termo da oração determinante (CART *et alii*, 1986, p. 101).

Em vista disso, o SO *rebus bene accommodata* (a sua boa adequação às coisas) é uma oração constituída da construção *participio conjunção*, cujo participio, *accommodata*, refere-se e concorda com o substantivo *uerba*, termo da oração subordinante, o qual funciona, implicitamente, como sujeito desta. *Accommodata* é verbo transitivo e se constroi com dativo, o substantivo *rebus*, e é modificado pelo advérbio *bene*, conforme disposto no esquema abaixo.

(87)

{ [[rebus] [bene] accommodata] }		
<u>N (subst)</u>	<u>N</u>	
<u>SN</u>	SAdv	N
<u>SV</u>		
Pred		

Os termos da oração acima estão dispostos na ordem direta do latim, ou seja, o complemento verbal, o modificador adverbial do verbo e o verbo. Como já vimos, o SAdv não tem total liberdade de ordenamento, pois se trata de um sintagma que é utilizado para modificar outros constituintes, sem estabelecer relação de concordância com ele. Na oração acima, Quintiliano o colocou diante do verbo para marcá-lo como modificador deste, uma vez que os SAdv também podem modificar, entre outros, o SN e a oração inteira.

Analisemos agora o período

*Non enim, cum primum fingerentur homines, Analogia demissa caelo formam loquendi dedit, sed inuenta est postquam loquebantur, et notatum in sermone quid quoque modo caderet* (Institutio oratoria, I, 6, XVI)<sup>41</sup>,

<sup>41</sup>

Tradução: *É que a analogia caída do céu logo que o homem foi criado não os ensinou a falar, mas foi descoberta depois que aprenderam a falar, e que se fizeram na linguagem observações sobre as desinências.*

Esse período tem seis formas verbais definidas *fingerentur, dedit, inuenta est, loquebantur, notatum “est” e caderet*, e duas indefinidas *demissa e loquendi*, sendo que esta última, no gerúndio, sempre funciona como substantivo. Temos aqui um período composto por sete orações.

Os marcadores sintagmáticos desse período, são: *cum*, conectivo subordinativo, que acompanha subjuntivo – ligando-se, indiretamente, ao morfema de modo subjuntivo *-re-* do verbo *fingerentur* – introdutor da oração subordinada, o SO *cum primum fingerentur homines; demissa*, forma verbo-nominal no Pa.Pt, que funciona como verbo em outra oração subordinada, o SO *demissa caelo; sed*, conectivo correlativo, introdutor da oração correlata, o SO *sed inuenta est postquam loquebantur; postquam*, conectivo subordinativo, que acompanha indicativo, introdutor da oração que se subordina à segunda correlata, o SO *postquam loquebantur; et*, conectivo coordenativo, introdutor da oração que se coordena ao SO *sed...loquebantur*, o SO *et notatum in sermone quid quoque modo caderet; in*, preposição que acompanha o caso ablativo e se liga, indiretamente, ao morfema de caso ablativo *-e*, do substantivo *sermone*; e *caderet*, verbo no subjuntivo, constituinte da oração, que se subordina ao SO *et...caderet*, o SO *quid quoque modo caderet*.

O período em análise, que se constitui como OP, subordina duas outras orações, e se correlaciona com outra – esta, por sua vez, subordina outra – que se coordena à outra, que subordina outra, conforme disposto no esquema abaixo.

(88)

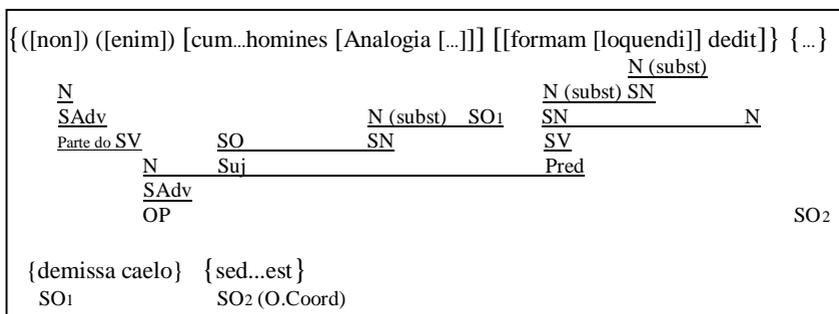
{non (enim) {...} Analogia {...} formam...dedit}		{sed...est {...}}		{et...sermone {...}}	
SO1		SO2		SO3	
SO1 (O.S.Adv.Temp)		SO2 (O.S.Red.Pa)		SO3 (O.S.Adv.Temp)	
				SO4	
				SO4 (O.S.S.Sbj)	
OP		SO		SO	
		(O.Corr. Sind. Explic)		(O.Coord. Sind. Adit)	
{cum...homines}		{demissa caelo}		{post...loquebantur}	
SO1 (O.S.Adv.Temp)		SO2 (O.S.Red.Pa)		SO3 (O.S.Adv.Temp)	
				SO4 (O.S.S.Sbj)	

No esquema acima, vemos as orações que se associam – OP, SO (oração correlata) e SO (oração coordenada) e as orações que se encaixam – dois SOs na OP, um na correlata e outro na coordenada.

A OP *non enim, (cum...homines), Analogia (demissa caelo) formam loquendi dedit (sed...est) (é que (...), a Analogia (...)) não os ensinou a falar*

(...), que tem o SO *sed...est* correlacionado a si, é constituída pelo SAdv *non*, que funciona como modificador do verbo transitivo *dedit* – que se constroi com acusativo, o substantivo transitivo *formam*, que tem seu sentido completado pelo substantivo verbal *loquendi*, no genitivo, – que concorda em número com *Analogia*, que funciona como núcleo do sujeito, e é modificado adjetivamente pelo SO *demissa caelo*, o qual, por sua vez, é modificado adverbialmente pelo SO *cum...homines*. Há ainda o SAdv, nucleado pelo advérbio *enim*, que se coloca sempre depois da primeira palavra da oração e atua como um determinante geral da frase, conforme disposto no esquema abaixo.

(89)



O verbo *dedit*, é bitransitivo, mas neste SO só foi apresentado explicitamente um dos complementos, o SN *formam loquendi*. O outro complemento, resgatado pelo contexto, refere-se ao sujeito *homines* – do SO *cum primum fingerentur homines* –, o qual representamos na tradução através do pronome oblíquo *os*, pois não é apresentado nada no período analisado que funcione como o outro complemento do verbo *dedit*.

Quintiliano colocou no início do período o SAdv, que tem como núcleo o advérbio *non*, que funciona como modificador do núcleo do SV, o verbo *dedit*, disposto no final da oração.

Sobre essa colocação de *non*, Madvig (1872, p. 377, § 468), dentre outras colocações, diz que “os advérbios que pertencem ao verbo [...] podem tanto começar ou cerrar enfaticamente a oração”.

A oração representada acima tem seus termos dispostos na ordem indireta (estilística) da língua latina. O SO *demissa caelo*, modificado pelo SAdv *cum...homines*, poderia ocupar outro lugar, longe do constituinte que modifica, *Analogia*, que a concordância de caso, gênero e número entre este e *demissa* demonstraria a relação entre eles.

Também o SN *loquendi*, no genitivo, poderia ocupar outro lugar, longe de *formam*, sem causar problemas pois a transitividade desta a relacionaria com aquela.

Com isso, os contituíntes desta oração, com exceção do advérbio *non*, poderiam ocupar qualquer lugar na mesma sem prejuízo das relações existentes estabelecidas através da sintaxe e da concordância. Com uma reorganização dos constituintes, poderiam ser apresentadas descontinuidades sintagmáticas, como a que detectamos com a separação dos termos do predicado, *non* e *dedit*.

O SO (...) *demissa caelo* (*caída do céu*) é uma construção denominada *participio conjunção*, por apresentar o verbo no participio, referindo-se e concordando com o núcleo do sujeito da oração determinante, o SO *enim dedit*, partilhando, com isso, de forma implícita, do mesmo sujeito desta. *Demissa* está no Pa.Pt e constroi-se com o substantivo *caelo*, no ablativo, conforme disposto no esquema abaixo.

(90)

{ [demissa [caelo]] }		
		N (subst)
N	SN	
SV		
Pred		

Os termos da oração acima não estão dispostos na ordem direta do latim, mas como são só dois constiuíntes, se eles mudassem de lugar, a interpretação continuaria a mesma.

O SO *cum primum fingerentur homines* (*logo que o homem foi criado*), é introduzido pelo conectivo subordinativo *cum*, conjunção subordinativa, que se liga, indiretamente, ao morfema de subjuntivo *-re-*, do verbo *fingerentur*, o qual concorda em número com *homines*, que funciona como sujeito. A oração é modificada pelo advérbio *primum*, conforme o esquema abaixo.

(91)

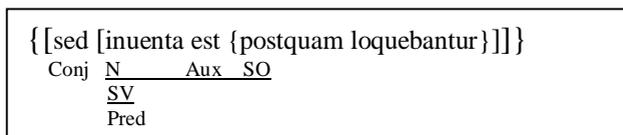
{ [cum [[primum] fingerentur] [homines]] }					
Conj		N		N (subst)	
	N	SV	SN		
	SAdv	Pred	Suj		
	SO				

Os termos da oração acima estão dispostos na ordem indireta (estilística) do latim, ou seja, o sujeito, em vez de iniciar a oração, foi colocado, destacadamente, no final.

Os constituintes da oração acima não podem ser dispostos em qualquer ordem, pois, dependendo do ordenamento, *primum* pode ser confundido como modificador adverbial do SN *homines* e não da construção SN, sujeito mais SV.

O SO *sed inuenta est (postquam loquebantur) (mas foi descoberta (...))*, introduzido pelo conectivo correlativo *sed*, não apresenta sujeito explícito, mas podemos observar pelo contexto que ele partilha, de forma implícita, do mesmo sujeito do SO em (89), pois seu predicado, *inuenta est*, perífrase verbal de voz passiva, tem como verbo principal *inuenta*, no Pa.Pt, que concorda em caso, gênero e número com o sujeito daquela. Esse SO é modificado pelo SO *postquam loquebantur*, conforme disposto no esquema abaixo.

(92)



Os termos da oração acima não estão dispostos na ordem direta do latim, pois, pela ordem direta, o SO *postquam loquebantur*, que funciona como modificador da perífrase verbal, deveria ser colocado antes dela. Quintiliano preferiu colocá-lo estilisticamente posposto a ela, no final. O SO também poderia ser colocado entre as formas verbais perifrásticas, o que encerraria uma descontinuidade da perífrase.

Com estas observações, vemos que os constituintes da oração acima poderiam ser colocados em qualquer posição que a interpretação da oração continuaria a mesma.

O SO *postquam loquebantur (depois que aprenderam a falar)*, introduzido pelo conectivo subordinativo *postquam*, não apresenta sujeito explícito (mas, pelo contexto, podemos perceber que seu sujeito, implícito, é o mesmo sujeito do SO *cum...homines*, em (91)), sendo formado somente de predicado, constituído pelo verbo depoente intransitivo *loquebantur*, de acordo com o esquema abaixo.

(93)

{ postquam [loquebantur] }	
Conj	<u>N</u>
	<u>SV</u>
	Pred

A oração representada acima é composta apenas por um sintagma, constituído somente de uma palavra.

O SO *et notatum in sermone (quid...caderet)* (*e que se fizeram na linguagem (...)*) é introduzido pelo conectivo coordenativo *et* e seu sujeito é apresentado em forma de oração, o SO *quid...caderet*, cujo tempo do verbo estabelece relação de concordância (*consecutio temporum*) com o tempo do verbo da oração subordinante. O predicado dessa oração, tal qual o predicado da oração com a qual se coordena, o SO *sed...est*, em (92), é constituído de uma perífrase verbal na voz passiva, modificado pelo SP *in sermone*, sendo, que nesta, o verbo auxiliar não é explicitado. Isso ocorre pelo fato de o latim ser uma língua sintética, que evita repetições. Como o auxiliar aparece no SO *sed...est*, com o qual este se coordena, ele não é explicitado neste, de acordo com o esquema abaixo.

(94)

{ et [notatum [in [sermone]]] {quid...caderet} }	
Conj	<u>N (subst)</u>
	<u>Prep SN</u>
<u>N</u>	<u>SP</u>
<u>SV</u>	<u>SO</u>
<u>Pred</u>	<u>Suj</u>
SO	

Os termos da oração acima estão dispostos de acordo com a ordem indireta do latim, ou seja, o verbo a inicia e o sujeito, oracional, a encerra, tendo entre esses dois termos o modificador adverbial do verbo. Nada obsta que os constituintes dessa oração sejam dispostos noutra ordem.

Por fim, o SO *quid quoque modo caderet* (*observações sobre as desinências*), que funciona como sujeito do SO *et...sermone*, é constituído pelo verbo intransitivo *caderet*, que concorda em número com o pronome indefinido *quid*, no nominativo, que funciona como sujeito. Além disso, o advérbio *quoque* funciona como modificador adverbial do SV, e o advérbio

*modo* funciona como modificador adverbial do verbo *caderet*, de acordo como representado no esquema abaixo.

(95)

[quid] [quoque [[modo] caderet]]			
<u>N (pr)</u>		<u>N</u>	
<u>SN</u>	<u>N</u>	<u>SAdv</u>	<u>N</u>
Suj	<u>SAdv</u>	<u>SV</u>	
	Pred		

Os termos da oração acima estão dispostos na ordem direta do latim, ou seja, o sujeito, os modificadores adverbiais e o verbo. Seus constituintes não têm total liberdade de ordenação, pois os modificadores adverbiais se antepõem aos termos modificados e esses, numa outra ordem, permitiriam uma outra interpretação. Ou seja, o SAdv, que tem como núcleo o advérbio *modo*, antepõe-se ao verbo, modificando-o, e o SAdv, que tem como núcleo o advérbio *quoque*, antepõe-se ao SV, modificando-o. Numa outra ordem, dependendo da ordem, um desses modificadores adverbiais poderia modificar o SN *quid*.

Vamos agora analisar o período

*Cetera admonitione magna egent, in primis ut tenerae mentes tracturaeque altius quidquid rudibus et omnium agnaris insederit non modo quae diserta sed uel magis quae honesta sunt discant* (Institutio oratoria, I, 8, IV)<sup>42</sup>,

Tradução: *De resto, convém fazer-lhes uma importante advertência, e é que, antes de mais, como as impressões nunca são tão profundas como na idade em que tudo se ignora, as almas tenras das crianças e as que se desenvolverão exigem que aprendam não só a eloquência, mas até mais o que é honesto.*

Temos, nesse período, quatro formas verbais definidas, *egent*, *insederit*, *sunt* e *discant*, e uma indefinida, *tracturae*.

<sup>42</sup>

Seus marcadores sintagmáticos são: *in*, preposição que acompanha o caso ablativo e se liga, indiretamente, ao morfema de caso ablativo *-is*, do numeral ordinal *primis*; *ut*, conjunção integrante, introdutora de oração subordinada substantiva, liga-se, indiretamente, ao morfema de modo subjuntivo *-a* do verbo *discant*; *tracturae*, verbo no Pa.Ft, constituinte de oração subordinada, concorda em caso, gênero e número com *mentes*, funcionando como seu predicativo; *-que*, conectivo coordenativo, conjunção enclítica coordenativa aditiva, que liga dois termos de mesma função, *tenerae mentes* e *tracturae*; *et*, conectivo coordenativo, conjunção coordenativa aditiva, que liga dois termos de mesma função, *rudibus* e *omnium agnaris*; *insederit*, verbo no subjuntivo, constituinte de oração não marcada por conectivo subordinativo, sendo, subordinada à que pertence por meio da *consecutio temporum*; *non modo*, advérbios, que juntos funcionam como conectivo correlativo aditivo, introdutor da oração coordenada/correlata aditiva *non modo quae disertae*; *quae*, pronome relativo, que funciona como introdutor da oração subordinada relativa *quae disertae*; *sed uel*, respectivamente, conjunção subordinativa adversativa e advérbio, que juntos funcionam como conectivo correlativo, introdutor da oração correlata adversativa *sed uel magis quae honesta sunt*; *quae*, pronome relativo, que funciona como introdutor da oração subordinada relativa *quae honesta sunt*;

Com o exposto acima, o esquema do período fica assim:

(96)

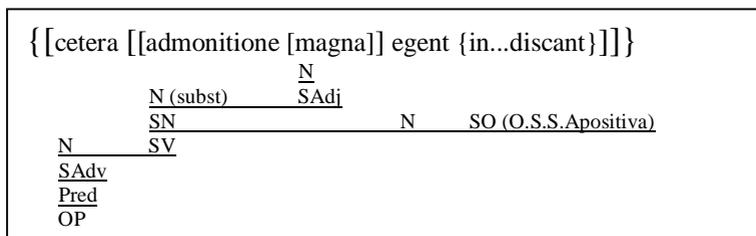
[cetera...egent [in... [tracturae]/que [altius...insederit] [...] [...] discant]]
<u>SO (O.S.S.Pred)</u> <u>SO (O.S.S.C.V)</u> <u>SO1 SO2</u>
OP <u>SO (O.S.S.Apositiva)</u>
[non...disertae]    [sed...sunt]
SO1 (O.C.S.Adt)    SO2 (O.C.S.Advers)

O esquema acima, demonstra as associações e os encaixamentos das orações que constituem esse período, que se constitui como OP. Nela estão encaixados os SOs *tracturae* e *in...discant*. Este, por sua vez, encaixa o SO *altius...insederit*, que se associa ao SO *non...disertae*, o qual se associa ao SO *sed...sunt*.

A OP *cetera admonitione magna egent, (in...discant) (de resto, convém fazer-lhes uma importante advertência (...))* é constituído somente por SV – modificado pelo advérbio *cetera* – que tem como constituintes o verbo *egent*, que se constrói com ablativo, o substantivo *admonitione*,

determinado pelo adjetivo *magna*. Seu verbo não concorda em número com nenhum termo que possa ser seu sujeito explícito, conforme esquema abaixo.

(97)



Os termos da oração acima não estão dispostos na ordem direta do latim, pois nela o aposto oracional, o SO *in...discant*, seria disposto ao lado do termo que explica, o substantivo *admonitione*. As palavras dessa oração não têm total liberdade de ordenamento por conta do SAdv *cetera*, que funciona como modificador adverbial do SV, estando, por isso, disposto antes dele.

Numa outra ordenação das palavras, ele poderia ser confundido como modificador do SAdv *magna*, ou como modificador só do verbo *egent*, ou ainda como modificador do SO *in...discant*. Essa não liberdade de disposição do modificador adverbial ocorre por conta de ele não estabelecer concordância com o termo modificado, sendo, por isso, disposto, geralmente, nas extremidades do termo ao qual modifica.

Já *magna*, que funciona como modificador adjetival, poderia ser disposto em qualquer outro lugar na oração que seria reconhecido como modificador de *admonitione*, por conta do caso e por não haver nessa oração outro termo que ele pudesse modificar. Da mesma forma, *admonitione*, que funciona como complemento verbal, poderia ser disposto longe do verbo, que a transitividade de *egent*, que pede complemento no ablativo, reconheceria-o como complemento.

O SO *in primis ut tenerae mentes (tracturaeque) (altius...insederit) discant (antes de mais, que as almas tenras das crianças (...)) aprendam (...)* é composto pelo verbo transitivo *discant*, que concorda com o sujeito, o SN *tenerae mentes (tracturaeque)*, em número, e tem como complemento o SO *altius...insederit*. O SN, sujeito, e o SV são modificados pelo SP *in primis*, conforme disposto no esquema abaixo.

(98)

{ [in [primis]] [ut [[tenerae] mentes [tracturae]/que] [{altius...insederit} discant]] }							
			<u>N</u>				
<u>N (subst)</u>	Conj	<u>SAdj</u>	<u>N (subst)</u>	<u>SO (OSSPred)</u>	Conj	<u>SO (O.S.S.C.V)</u>	<u>N</u>
<u>Prep</u>	<u>SN</u>		<u>SN</u>			<u>SV</u>	
<u>SP</u>			<u>Suj</u>			<u>Pred</u>	
<u>SO</u>							

Os termos da oração acima estão dispostos na ordem direta do latim, ou seja, respectivamente, o modificador adverbial da oração, o sujeito, o complemento verbal oracional e o verbo. Os constituintes, palavras, desta oração, com exceção de *primis*, poderiam se dispor numa outra ordem que sua interpretação se manteria, graças aos casos, a concordância e a transitividade verbal.

*Primis*, preposicionado por *in*, que funciona como modificador adverbial da oração, estando, por conta disso, iniciando-a, se fosse disposto em outro lugar, dependendo do lugar, poderia funcionar como modificador adverbial do SN, sujeito, ou do SO *tracturae*, ou do SO *altius...insederit*, ou do verbo *discant*.

O SN que funciona como sujeito, *mentes tenerae*, é coordenado ao SO *tracturae*, por meio da conjunção aditiva enclítica *-que*. Este SO é oração subordinada substantiva predicativa.

O SO *tracturae* (*as que se desenvolverão*) não apresenta sujeito explícito. Seu sujeito, implícito, é *mentes*, núcleo do SN com o qual este SO se coordena. Então esse SO é composto apenas pelo verbo, núcleo do SV, conforme o esquema abaixo.

(99)

{ [tracturae] }
<u>N</u>
<u>SV</u>
<u>Pred</u>

Já o SO *altius quidquid rudibus et omnium agnaris insederit* (*como as impressões nunca são tão profundas como na idade em que tudo se ignora*), que funciona como complemento do verbo *discant*, constituinte da oração analisada em (98), é composto pelo verbo *insederit*, que se constroi com dativo, *rudibus et omnium agnaris*, e concorda em número com

*quidquid*, núcleo do sujeito, modificado pelo adjetivo no grau comparativo *altius*, conforme disposto no esquema abaixo.

(100)

{ [[altius quidquid] [[rudibus et [omnium] agnaris] insederit]] }					
<u>N</u>			<u>N (subst)</u>		
<u>SAdj</u>	N (pr)		<u>N (subst)</u>	SN	<u>N (subst)</u>
<u>SN</u>		<u>SN</u>	Conj	<u>SN</u>	<u>V</u>
Suj		<u>SV</u>			
		Pred			

Os termos da oração acima estão dispostos na ordem direta do latim, ou seja, respectivamente, o sujeito, o complemento verbal e o verbo. Os SNs *rudibus* e *omnium agnaris*, que funcionam como complemento do verbo, coordenam-se entre si através da conjunção aditiva *et*, e o segundo SN tem dentro de si o SN *omnium*, que funciona como adjunto adnominal restritivo do seu núcleo, o substantivo *agnaris*, por isso está disposto entre ele e a conjunção coordenativa *et*, que separa/liga/coordena os dois núcleos, *rudibus* e *agnaris*.

O SN que funciona como adjunto adnominal restritivo não estabelece concordância morfossintática com o nome que restringe. Por conta disso, precisa se dispor nas extremidades do núcleo do SN que modifica, ou pode ser confundido como modificador de outro núcleo de SN. Se mudássemos a disposição do SN *omnium* dentro dessa oração, dependendo do local, ele poderia ser confundido como modificador do outro SN, *rudibus*, ou poderia ser confundido como modificador do núcleo do SN, que funciona como sujeito, o pronome indefinido *quidquid*.

O SO *non modo quae diserta (não só a eloquência)*, que se coordena ao SO *altius...insederit*, é composto pelo pronome relativo *quae*, que exerce a função de sujeito, com o qual o verbo “*sunt*” concorda em número e liga-o ao seu predicativo *diserta*, que concorda em caso, gênero e número com *quae*, conforme o esquema abaixo.

Por conta da correlação existente entre este SO e o SO *sed...sunt*, que analisaremos em seguida, este SO não apresenta explicitamente o verbo *sunt*, que aparece apenas no SO *sed...sunt*, por conta de o latim ser uma língua que evita repetições.

(101)

{ non modo [quae] [diserta] }			
Conj	<u>N (pr)</u>	<u>N</u>	
	<u>SN</u>	<u>SAdj</u>	
	Suj	Pred	

Os termos da oração acima estão dispostos na ordem direta do latim, ou seja, sujeito e predicativo do sujeito. Por ser esta uma oração nominal que implícita seu verbo, se mudarmos as palavras de lugar, a interpretação da oração não se altera.

O SO *sed uel magis quae honesta sunt* (mas até mais o que é honesto), que se correlaciona ao SO *non...diserta*, é composto pelo pronome relativo *quae*, que exerce a função de sujeito, com o qual o verbo *sunt* concorda em número e liga-o ao seu predicativo *honesto*, que concorda em caso, gênero e número com *quae*. A oração é modificada pelo advérbio *magis*, conforme o esquema abaixo.

(102)

{ sed uel [magis [quae] [[honesto] sunt]] }				
Loc	Conj	<u>N</u>		
		<u>N (pr)</u>	<u>SAdj</u>	<u>V</u>
	<u>N</u>	<u>SN</u>	<u>SV</u>	
	SAdv	Suj	Pred	

Os termos da oração acima estão dispostos na ordem direta do latim, ou seja, respectivamente, modificador adverbial da oração, sujeito, predicativo do sujeito e verbo.

Com exceção o SAdv *magis*, que aqui funciona como modificador da oração, os outros constituintes poderiam ser reorganizados em outra ordem que não alteraria a interpretação da mesma.

Novamente aqui, com as análises dos três períodos compostos do *liber primus*, da obra *Institutio oratoria*, de Marco Fábio Quintiliano, observamos alguns tipos de orações latinas e como elas se estruturam e se relacionam entre si. Analisamos as orações contidas nos períodos, observando, segundo nossa proposta: como se dá o ordenamento dos sintagmas (constituintes), para apontar o tipo de ordem que Quintiliano utilizou na estruturação das mesmas; e como se dá o ordenamento dos constituintes dos sintagmas, as palavras, para observarmos se há liberdade de disposição dos mesmos dentro dos sintagmas. Concomitante a isto,

também discutimos a respeito da liberdade de disposição dos constituintes, palavras, dentro de cada oração analisada, para, agora, depois das análises que nos propomos a fazer, pontuarmos as restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento das mesmas nas orações latinas.

## **2.7. Restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento das palavras na oração latina**

Com nossas análises, percebemos que os três autores latinos, que escolhemos para analisar períodos de uma de suas obras, usam estilos diferenciados. César, por exemplo, além de demonstrar precisão na escolha dos vocábulos que utiliza nas suas construções, estrutura a maioria das suas orações com simplicidade, dispondo o verbo no último lugar. Sua oratória, de acordo com Paratore (1983, p. 247), é muito exaltada, tanto por Cícero, quanto por Quintiliano.

Para um refinado como César, o uso do vocábulo apropriado era uma segunda natureza, um ideal que não lhe custava nenhum esforço; e a transparência maravilhosa e a simplicidade do seu estilo é-nos atestada pelos *Commentarii...* (Idem, Ibidem, grifos do autor).

Já, Cícero é considerado hoje, pelos literatos, o maior orador de Roma. E

É sobretudo nas obras filosóficas de Cícero (não obstante o fascínio que elas emanaram mesmo em séculos muito mais sensíveis que o nosso à beleza formal) que se deve ver indiscutivelmente um empalidecer um empalidecer daquele esplendor estilístico que caracteriza as outras obras do Arpinate (PARATORE, 1983, p. 227).

Suas construções demonstram um estilo próprio de uso da língua. Em nossas análises, observamos tanto o uso de paralelismos, que permitem omissões de termos, quanto o uso constante de descontinuidades de termos, bem como a não colocação, por vezes, do verbo na última posição da oração, ao contrário de César.

Por sua vez, Quintiliano, que é considerado por Paratore como “o grande celebrador de Cícero”, “não lhe reproduziu efetivamente, o estilo, na

sua obra”. Talvez não efetivamente, mas em nossas análises, observamos nas construções de Quintiliano, assim como em Cícero, tanto o uso de paralelismos, quanto o uso de descontinuidades de termos oracionais, bem como, por vezes, a não colocação do verbo na última posição da oração.

Como o objetivo principal do nosso trabalho é apresentar um estudo sobre restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento dos constituintes nas frases latinas, vamos agora, depois das análises que fizemos de nove períodos compostos latinos, apresentados nos subcapítulos (2.2), (2.4) e (2.6), pontuar as restrições que encontramos nas nossas análises.

Antes disso, é válido ressaltar que, dentre os autores citados, que falam sobre a ordem das palavras em latim clássico, somente Garcia (2000, p. 30) não considera livre a ordem das palavras na sentença, mas não discute o assunto da não liberdade.

Já Maurozeau (1922, p.1) afirma que a ordem das palavras em latim clássico é livre, porém considera que o ordenamento, em cada caso específico, presta-se ao cumprimento de certas leis ou tendências.

Ao mesmo tempo em que Garcia e Maurozeau discordam em relação à liberdade das palavras na sentença, eles concordam com o fato da não obrigatoriedade da colocação das palavras num mesmo lugar sempre, pois discutem sobre as tendências de disposição das mesmas e falam que, dependendo da intenção do autor, ele recorre a essa ou àquela questão estilística.

Almendra & Figueiredo (2003, p. 212-213), que também citamos, dizem que a colocação das palavras na sentença latina clássica é muito mais livre que em português, porém a liberdade é limitada pelo uso de certas tendências, as quais inferimos que são utilizadas de acordo com a intenção do autor.

Camara Junior (1975, p. 252) e Tarallo (1990, p. 152) afirmam que a ordem das palavras na sentença era absolutamente livre, do ponto de vista gramatical. Consoante a isto, Furlan & Bussarello (1997, p. 10) comungando dessa mesma opinião, dizem que a ordem de entrada das palavras na frase latina, por conta das desinências casuais, é de importância irrelevante, ou seja, livre, tanto do ponto de vista gramatical, quanto do ponto de vista semântico.

Madvig, por sua vez, quando se refere à colocação das palavras na oração, apresenta, no geral, a mesma ideia que Garcia e Maurozeau, dizendo que

Porquanto em latim a conexão e a relação das palavras se deixam de ordinário reconhecer facilmente pela flexão, a colocação das palavras não está sujeita a regras tão fixas e definidas como geralmente em português (e nas outras línguas modernas), mas assenta, em grande parte, na importância a que se dá a cada uma das palavras conformemente ao sentido do discurso, tendo-se as vezes também em vista a melodia da frase (1872, p. 373, § 463).

Vemos que, para Madvig, assim como para Garcia e Maurozeau, nenhuma palavra (caso/função) é obrigatoriamente colocada num mesmo lugar sempre. A colocação depende, geralmente, da importância que o autor quer dar a cada uma delas e, para isso, ele lança mão da estilística.

Porém, Madvig (Idem, *ibidem*), faz uma importante observação, dizendo que “deve-se, pois, distinguir-se da colocação das palavras a ordem gramatical, segundo a qual elas se referem umas às outras. Esta ordem chama-se as vezes construção, e indica-la, diz-se construir a oração”.

Com essa observação, mais o que já se disse sobre a colocação das palavras na oração latina, entendemos que nenhum constituinte, sintagma e palavra, têm um lugar fixo na oração, ficando sua colocação a critério do autor, porém ao construir uma determinada oração, deve-se levar em consideração a disposição dos seus constituintes com base nas relações que eles estabelecem uns com os outros. São essas relações, morfossintáticas ou somente sintáticas, que impedem que a ordem dos constituintes seja livre.

Por não concordarmos com a total liberdade de ordenação dos constituintes na sentença, propomos este trabalho, e já vimos, nos três subcapítulos em que analisamos períodos compostos de obras clássicas da língua latina, que existem restrições sintáticas que impedem o livre ordenamento, as quais vamos agora pontuar.

Nos exemplos (46), (52), (53), (55), (62), (63), dentre outros, vimos que os sintagmas que funcionam como modificadores adverbiais – todos os SAdvS, alguns SPs e alguns SNs – não têm total liberdade de disposição dentro da oração. Isso ocorre pelo fato de eles não estabelecerem relação morfossintática com a palavra/sintagma que modificam. Nesses casos, como não existe uma relação formal (de concordância de número, gênero ou caso, ou de regência nominal ou verbal), o que se tem é apenas uma relação de sentido.

Por conta dessa falta de relação morfossintática, eles, seguindo uma tendência da língua latina, são geralmente dispostos nas extremidades dos sintagmas ou vocábulos modificados, sendo que, na maioria das vezes, eles são dispostos na extremidade que antecede o modificado, só sendo dispostos na outra extremidade, quando não há uma outra palavra/sintagma, que também possa obtê-los como modificador, posposta a eles. E, no caso de modificarem um sintagma constituído de mais de uma palavra, eles podem ser dispostos entre estas, como vimos em (63).

Almendra & Figueiredo dizem que, na ordem básica (regular/direta) do latim, o adjunto adverbial precede o verbo determinado por ele (2000, p. 31). Ou seja, falam somente do adjunto adverbial (SAdvS, SNs, SPs) como modificador de verbos, mas nós vimos que alguns adjuntos adverbiais também podem funcionar como modificadores de SNs, como o exemplo (52), no qual o SAdv *etiam* funciona como modificador adverbial do SN que tem como núcleo o substantivo *Cingulo*.

Também os adjuntos adverbiais podem funcionar como modificadores adverbiais de: adjetivos, como no exemplo (66), no qual o SAdv *quoque* funciona como modificador adverbial do adjetivo no gerúndio *colendum*; de SV, como em (62), em que o SAdv *magnopere* funciona como modificador adverbial do SV *te hortor*, e depois o SAdv *quamobrem* funciona como modificador do SV *magnopere te hortor*, que sozinho constitui a oração; de oração, como no exemplo (70), no qual o SAdv *uelut* funciona como modificador adverbial da oração *ex ea parte (...) inest indagatio atque inuentio ueri*; de verbo, como no exemplo (53), em que o SN *sua pecunia* funciona como modificador adverbial do verbo *exaedificauerit*; e de advérbio, que não consta nas nossas análises, mas consta no trabalho, no exemplo (20), em que o SAdv *perquam* modifica o SAdv *breuiter*.

Nos exemplos (59), (69), (70), (100), dentre outros, vimos que os SNs de núcleo genitivo, que funcionam como modificadores nominais restritivos do núcleo de outros SNs, não têm total liberdade de disposição dentro da oração. Isso ocorre pelo fato de eles não estabelecerem relação morfossintática com a palavra que modificam, mas apenas semântica.

Por conta dessa falta de relação morfossintática, eles são geralmente dispostos nas extremidades dos modificados, sendo que, na maioria das vezes, de acordo com uma das tendências de disposição dos constituintes sintagmáticos nos textos clássicos (assunto abordado no subcapítulo 1.3), esses SNs de núcleo genitivo são dispostos na extremidade que antecede o modificado, como em (100), só sendo dispostos na outra extremidade,

como em (70), quando não um outro constituinte que também possa aceitá-lo como modificador nominal restritivo.

E, de acordo com outra tendência de disposição dos constituintes sintagmáticos nos textos clássicos, no caso de modificarem um SN constituído de duas palavras que se relacionam, os SNs de núcleo genitivo podem aparecer intercalados entre o termo determinante e o termo determinado desse outro SN, como em (69).

De acordo com o estudo abordado no subcapítulo (1.2.1), é válido observar que nem todo SN de núcleo genitivo funciona como modificador nominal restritivo. Eles podem funcionar, também, como complemento de substantivos, adjetivos, advérbios e verbos de valor transitivo, bem como partitivo (o todo do qual se toma uma parte).

Nos casos em que o SN de núcleo genitivo funciona como complemento, ele não é apresentado necessariamente nas extremidades do constituinte, do qual completa o sentido, pois a transitividade deste o acusará como seu complemento, como ocorre, por exemplo, em (73), onde o SN, genitivo, *eiusque uirtutis* não está disposto nas extremidades da palavra, da qual completa o sentido, o adjetivo transitivo *proprium*.

Dentro das nossas análises, também podemos destacar, dentre outros, o exemplo (58), que apresenta o SN, genitivo, *duarum legionum*, posposto na extremidade posterior à palavra da qual completa o sentido, o substantivo transitivo *infamia*. Mas, como ele funciona como complemento do substantivo transitivo, o SN, genitivo, poderia estar separado dele, que a transitividade deste o acusaria como seu complemento.

Outra restrição sintática que impede o livre ordenamento dos constituintes na oração latina é quando na oração ocorre sujeito e predicativo do sujeito e estes não são constituídos por sintagmas simples, ou seja, por sintagmas constituídos somente pelos núcleos, dentre os quais um é determinado e o outro é determinante.

Quando os dois se constituem de SNs compostos por modificadores e/ou determinantes, eles geralmente são separados um do outro, como em (66), em que o autor utilizou a ordem indireta colocando o verbo de ligação/separação *est* no meio da oração, separando os constituintes do SN que funciona como sujeito, dos constituintes dos SN que funciona como predicativo do sujeito.

Numa composição oracional com sujeito e predicativo do sujeito, em que o predicativo do sujeito é um SN, constituído por modificadores, além do núcleo, o ordenamento dos seus constituintes não pode ser livre, pois, como o predicativo do sujeito concorda com o sujeito em caso, gênero e

número, se mudássemos a ordem dos constituintes, palavras, da oração em (66), dependendo da ordem, não teríamos como saber quais deles fariam parte do SN que funciona como sujeito e quais fariam parte do SN que funciona como predicativo do sujeito.

A oração em (68) é constituída por sujeito e predicativo do sujeito, sendo aquele o determinado, um SN, e este o determinante, um SAdj. Esses termos/sintagmas não são constituídos apenas pelo núcleo, e, por conta disso, o autor separou-os, um do outro, colocando a conjunção *quamquam*, que atua como marcador sintagmático da oração, entre os dois.

Um ordenamento livre dos constituintes, palavras, nessa oração, dependendo da ordem, dificultaria interpretar o que seria sujeito e o que seria predicativo, por conta do determinante *quae*, constituinte do SN que funciona como sujeito. Ele sozinho poderia compor um SN, que poderia funcionar como predicativo, e todas as outras palavras poderiam compor um outro SN, nucleado por *quattuor*, que funcionaria como sujeito.

Também a oração em (73) é constituída por sujeito e predicativo do sujeito, sendo aquele o determinado, um SN, e este o determinante, um SAdj. Ambos não são constituídos apenas pelos núcleos, e, por conta disso, o autor separou o SN, sujeito, do núcleo do seu predicativo, colocando *est*, verbo de ligação/separação entre os dois.

Num livre ordenamento dos constituintes, palavras, da oração em (73), dependendo da ordem, o pronome demonstrativo *hoc*, determinante do núcleo do sujeito, constituído pelo substantivo *munus*, poderia ser interpretado como núcleo e constituinte único de um SN, que funcionaria como o sujeito da oração, por ser um demonstrativo propriamente dito, ou seja, poderia funcionar anaforicamente. Também, dependendo da ordem, poderia-se interpretar que o substantivo *munus*, seria núcleo do outro SN, determinado pelo adjetivo transitivo *proprium*, que tem seu sentido completado pelo SN *eius uirtutis*, no genitivo.

Uma outra restrição que impede o livre ordenamento dos constituintes na oração latina é a neutralização formal de alguns casos. Essa igualdade de formas, por vezes, pode limitar a disposição de alguns determinantes dentro da oração, dependendo dos casos/funções existentes nelas.

Na oração disposta em (70), o pronome demonstrativo *ea*, que determina o substantivo *parte*, no ablativo, também poderia determinar um dos substantivos *indagatio* ou *inuentio*, no nominativo, pois os demonstrativos, nos casos nominativo e ablativo, feminino, singular, partilham da mesma forma.

Por conta dessa igualdade de forma, o demonstrativo *ea*, em (69), tem liberdade de disposição dentro do sintagma, do qual determina o núcleo, podendo ser colocado em qualquer uma das extremidades do substantivo *parte*, mas não tem total liberdade de disposição dentro da oração, pois, dependendo da posição, ou ele poderia ser detectado como determinante de um dos substantivos, núcleos do SN que funciona como sujeito (*indagatio e inuentio*), ou não seria possível apontar com certeza de qual dos três substantivos ele seria determinante.

De acordo com nossas análises, podemos confirmar nossas hipóteses levantadas inicialmente, de que:

(a) *o ordenamento dos constituintes, palavras, na oração latina não é livre*, por conta dos pontos que acabamos de evidenciar. Mas, é válido observar que se os sintagmas constituintes de oração forem constituídos somente pelos seus núcleos e se nenhum deles for modificado adverbialmente, suas palavras terão total liberdade de ordenamento;

(b) *livre é o ordenamento de alguns constituintes, sintagmas*, ou seja, o sujeito, o predicado, os termos integrantes e o verbo (palavra) têm total liberdade de ordenamento dentro da oração a que pertencem;

(c) *a ordem de entrada dos constituintes, palavras, em latim é relevante, ao contrário do que afirmam Furlan e Bussarello, que dizem que “[...] a ordem de entrada das palavras é de importância irrelevante, quer do ponto de vista gramatical quer do semântico [...]”* (1997, p. 10). O fato de as palavras não terem total liberdade de ordenamento dentro da oração latina mostra-nos como é relevante a ordenação das mesmas na oração.

Mesmo que uma oração latina seja constituída somente por sintagmas simples, ou seja, aqueles constituídos somente pelo núcleo, a ordem de entrada das suas palavras seria relevante, por conta dos sintagmas que funcionam como modificadores adverbiais. Esses sintagmas, como vimos nas nossas análises, não têm total liberdade de ordenamento dentro das orações e, dentro da ordem regular, eles são dispostos antecedendo a palavra/sintagma que modificam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos três assuntos que nos subsidiaram na apresentação de um estudo sobre restrições que impedem o livre ordenamento dos constituintes nas orações latinas – nosso objetivo principal – analisando períodos compostos de obras clássicas latinas: a abordagem da análise sintagmática; a ordem e a descontinuidade dos constituintes oracionais latinos; e marcadores sintagmáticos.

Para atingirmos nosso objetivo, após apresentarmos os assuntos citados acima, em três subcapítulos que constituem o capítulo *PRINCÍPIOS DESCRITIVOS APLICADOS AO LATIM CLÁSSICO*, começamos nossas análises no segundo capítulo, intitulado *TENDÊNCIAS LATINAS DESCRITAS DE ACORDO COM A SINTAXE MODERNA*, constituído de sete subcapítulos.

No primeiro subcapítulo deste capítulo do nosso trabalho, apresentamos uma explanação sobre a obra, de tema histórico, *Commentariorum libri III de bello ciuili*, da qual retiramos três períodos para serem analisados.

No segundo, demonstramos as análises que fizemos nos três períodos compostos retirados da obra de César e, de acordo com a nossa proposta, separamos e analisamos as orações contidas em cada período, explicitando o ordenamento dos seus constituintes, para demonstrar o tipo de ordem que César utilizou na estruturação das mesmas, e se eles têm liberdade reordenação.

No terceiro subcapítulo, apresentamos uma explanação sobre a obra, de tema filosófico, *De officiis*, da qual também retiramos três períodos para serem analisados.

No quarto, demonstramos as análises que fizemos nos três períodos compostos retirados da obra de Cícero e, de acordo com a nossa proposta, separamos e analisamos as orações contidas em cada período, explicitando o ordenamento dos seus constituintes, para demonstrar o tipo de ordem que Cícero utilizou na estruturação das mesmas, e se eles têm liberdade reordenação.

No quinto subcapítulo, apresentamos uma explanação sobre a obra, de tema didático, *Institutio oratoria*, da qual retiramos três períodos para serem analisados.

No sexto, também demonstramos as análises que fizemos nos três períodos compostos retirados da obra de Quintiliano e, de acordo com a nossa proposta, separamos e analisamos as orações contidas em cada

período, explicitando o ordenamento dos seus constituintes, para demonstrar o tipo de ordem que Quintiliano utilizou na estruturação das mesmas, e se eles têm liberdade reordenação.

Por fim, no sétimo e último subcapítulo do segundo capítulo deste trabalho: observarmos que, com exceção de Garcia – única autora que diz ser um erro considerar como livre a colocação das palavras na sentença latina, mesmo sem justificar – todos os outros autores que nos serviram de base afirmam que a ordem do latim é livre; e pontuamos as restrições sintáticas, que impedem o livre ordenamento das palavras nas orações latinas, explicitadas nas análises que fizemos nos nove períodos compostos das obras/autores citados acima.

Nossas análises nos permitem dizer que a ordem das palavras na oração latina não é livre, até o momento, por conta: i) dos modificadores adverbiais (todos os SAdvS, alguns SNs e alguns SPs); ii) do modificador nominal do tipo SN de núcleo genitivo; iii) de oração composta de sujeito e predicativo do sujeito, quando eles não constituídos por sintagmas simples, ou seja, por sintagmas constituídos somente pelos núcleos, dentre os quais um é determinado e o outro é determinante; iv) e, da igualdade formal de alguns casos.

i) Os modificadores adverbiais (compostos por SAdvS, SNs e SPs), de acordo com nosso estudo, podem modificar SNs, adjetivos, advérbios, verbos, SVs e orações. Por não estabelecerem relação morfossintática com o termo que modificam, são dispostos, de acordo com a ordem regular do latim, diante do termo que modificam podendo, na ordem indireta, serem dispostos depois dos termos modificados, se não houver um termo posposto a ele que o aceite como modificador. Sendo assim, os modificadores adverbiais não têm total liberdade de disposição nas orações latinas, a não ser que a oração seja composta somente pelo modificador adverbial e o termo que ele modifica.

ii) O modificador nominal restritivo, do tipo SN de núcleo genitivo, por não estabelecer relação morfossintática com a palavra modificada, núcleo de um outro SN, é disposto, de acordo com a ordem regular do latim, diante desta, podendo, estilisticamente (ordem indireta), ser disposto depois dela, se não houver uma outra palavra posposta a ele, núcleo de um outro SN, que o aceite como modificador. Sendo assim, o modificador nominal restritivo, SN de núcleo genitivo, não têm total liberdade de disposição nas orações latinas.

iii) Quando a oração é composta de sujeito e predicativo do sujeito e estes não são constituídos por sintagmas simples, sendo um o determinado e

o outro o determinante, eles podem trazer em sua constituição, além do núcleo, determinantes e/ou modificadores, fazendo com que o autor, de alguma forma, separe-os, para ficar claro quais palavras fazem parte do sintagma, sujeito, e quais palavras fazem parte do sintagma, predicativo, uma vez que este concorda com aquele em caso gênero e número. Por conta dessa relação de concordância entre predicativo do sujeito e sujeito, os constituintes, palavras, de uma oração com esta constituição não têm total liberdade de ordenamento.

iv) A igualdade formal de alguns casos pode, dependendo das funções existentes dentro de uma oração, limitar a disposição de alguns determinantes dentro desta. Por conta dessa igualdade de forma, vimos em (69) que o pronome demonstrativo *ea*, que acompanha um substantivo no ablativo, singular, feminino, não poderia ser disposto fora das extremidades da palavra que determina, pois a oração também é composta por um SN de núcleo substantivo, no nominativo, singular, feminino, sendo *ea* também forma de nominativo, singular, feminino.

De acordo com nossa proposta de analisar períodos compostos de obras clássicas da língua latina, por meio de análises sintagmáticas, para apresentar um estudo sobre restrições que impedem o livre ordenamento dos constituintes, sintagmas e palavras, na oração desta língua, essas são as restrições, listadas acima, que conseguimos detectar dentro dos nove períodos que analisamos neste trabalho.

É válido ressaltar que os termos oracionais (sujeito, termos integrantes – sintagmas inteiros – e verbo), têm liberdade de disposição dentro da oração, apesar de que o ordenamento deles, depende do destaque que o autor pretende fazer, colocando-os no princípio e/ou no fim da oração, ou sua colocação acompanha a sucessão das ideias que ele pretende expor, ou ainda podem ser dispostos na ordem regular do latim.

Com base no que Madvig (1872, p. 373, § 463) disse sobre construção, e com base nas restrições sintáticas ao livre ordenamento que conseguimos detectar com nossas análises, concluímos que não há na oração latina lugar fixo para nenhum tipo de constituinte, o que não é o mesmo que dizer que todo e qualquer constituinte tem liberdade de ordenação, pois, dependendo dos constituintes que são usados numa dada oração, a ordem de alguns pode ser limitada pelas relações morfossintáticas ou somente sintáticas que eles estabelecem uns com os outros.

Considerando que as restrições apontadas limitam-se aos dados analisados, é possível que existam ainda outras estruturas que impeçam o livre ordenamento das palavras na oração latina. Por fim, ao encerrar este

trabalho, apesar das contribuições que apresentamos para melhor entendimento da sintaxe latina, em particular sobre o ordenamento de palavras e de sintagmas, fica em aberto o tema para outras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

A. CART (et al.). **Gramática latina**. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1986.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina**. São Paulo: Saraiva, 2000.

ALMENDRA, Maria Ana; FIGUEIREDO, José Nunes de. **Compêndio de gramática latina**. Coimbra: Porto editora, 2003.

APVLEIVS. **Florida**. Disponível em: <[www.thelatinlibrary.com/apuleius/apuleius.florida.shtml](http://www.thelatinlibrary.com/apuleius/apuleius.florida.shtml)>. Acesso em 11 de mar. 2013.

CAESAR, CAIO IVLIVS. **Commentariorum libri III de bello ciuili**. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/caesar/bc1.shtml>>. Acesso em: 16 de mar. 2013; 15 de abr. 2013.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 41ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2008 [1970].

\_\_\_\_\_. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, Prolivro, 1975.

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística descritiva**. 12ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo, Contexto, 2010.

CÉSAR, Caio Júlio. **Bellum civile**. A guerra civil. Ed. bilíngue. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. Editora Estação Liberdade: São Paulo, 1999.

CICERO, MARCVS TVLLIVS. **De officiis**. Disponível em: <[www.thelatinlibrary.com/cicero/off1.shtml](http://www.thelatinlibrary.com/cicero/off1.shtml)>. Acesso em: 15 de mai. 2013.

\_\_\_\_\_. **De oratore**. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/cicero/oratore2.shtml#201>>. Acesso em: 12 de mar. 2013.

\_\_\_\_\_. **Tusculanae disputationes**. Disponível em: <[www.thelatinlibrary.com](http://www.thelatinlibrary.com)>. Acesso em: 29 de nov. 2012.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, Massachusetts: The Massachusetts Institute of Technology, 1965.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **A nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES E FRASES LATINAS. Compilado por Henerik Kocheer. Disponível em: <[www.hkocheer.info/minha\\_pagina/dicionario/0dicionario.htm](http://www.hkocheer.info/minha_pagina/dicionario/0dicionario.htm)>. Acesso em: 18 de abr. 2013.

DIES irae. Disponível em: <[www.thelatinlibrary.com/diesirae.html](http://www.thelatinlibrary.com/diesirae.html)>. Acesso em 11 de mar. 2013.

EXPRESSÕES latinas. Disponível em: <[www.soleis.adv.br/expresoeslatinas.htm](http://www.soleis.adv.br/expresoeslatinas.htm)>. Acesso em: 17 de abr. 2013.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 5ª ed. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1975.

FORTES, Fábio da Silva. A ordem das palavras na sentença latina: pontos de interface no discurso metalinguístico antigo. **Clássica: revista brasileira de estudos clássicos**. Pernambuco, v. 21, n. 2, p. 239-251, 2008.

FREIRE, Antônio. **Gramática latina**. 6ª ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1987.

FURLAN, Oswaldo A.; BUSSARELLO, Raulino. **Gramática básica do latim**. 3ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

GARCIA, Janete Melasso. **Introdução à teoria e prática do latim**. 2ª ed. rev. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

\_\_\_\_\_. **Língua latina: a teoria sintática na prática dos textos**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 2004.

MADVIG, Johan Nicolai. **Gramática latina**. Tradução de Augusto Epiphany da Silva Dias. Porto: Typographia de Manoel José Pereira, 1872.

MAROUZEAU, J. **L'ordre des mots dans la phrase latine**. Tome I: les groupes nominaux. Paris: Librairie ancienne Honoré Champion, 1922.

\_\_\_\_\_. **L'ordre des mots em latin: volume complémentaire**. Paris: Les belles lettres, 1953.

MARTINS, M. C. S. **Configuracionalidade em latim clássico e latim vulgar**. 2002. 261 f. Tese (doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2002.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. **Novo manual de sintaxe**. 3ª ed. Florianópolis: Insular, 2004.

OITICICA, José. **Teoria da correlação**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952.

OVIDIVS NASO, P. **Metamorphoses**. Disponível em: <[www.thelatinlibrary.com/ovid.html](http://www.thelatinlibrary.com/ovid.html)>. Acesso em: 22 de set. 2012.

PARATORE, Ettore. **História da literatura latina**. Tradução de Manuel Losa. 13ª reimpressão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PASTORINO, Carlos Torres. **Latim para os alunos – 2ª série ginásial**. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1961.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **Princípios de linguística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PRIA, Albano Dalla. Tipologia linguística: línguas analíticas e línguas sintéticas. **Soletras**. São Gonçalo, ano IV, n. 11, p. 113-121, 2006.

PRISCIANI. **Grammatici latini**. Vol. III - Institutionum grammaticarum libri XIII – XVIII. Disponível em <[play.google.com/store?hl=pt\\_BR](http://play.google.com/store?hl=pt_BR)>. Acesso em 21 de jan. 2014.

QVINTILIANVS, M. Fabius. **Institutio oratoria**. Disponível em <[www.thelatinlibrary.com/quintilian/quintilian.institutio1.shtml](http://www.thelatinlibrary.com/quintilian/quintilian.institutio1.shtml)>. Acesso em: 20 mai. 2013; jul. 2013.

RÓNAI, Paulo. **Curso básico de latim – Gradus Primus**. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1954.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português**. 11ª ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

\_\_\_\_\_. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1916.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e; KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. **Linguística aplicada ao português**: sintaxe. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TARALLO, Fernando. **Tempos linguísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.

### **Obras recomendadas**

CLIMENT, Mariano Bassols de. **Sintaxis latina**. Vols. I - II. 8ª reim. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1987.

ERNOUT, A; THOMAS, F. **Syntaxe latine**. 2ª ed. Paris: C. Klincksieck, 1953.

MADVIG, Johan Nicolai. **Gramática latina**. Reduzida a epitome por Augusto Epiphany da Silva Dias. 2ª Porto: Livraria Fereira, 1883.

SERBAT, Guy. **Grammaire fondamentale du latin**. Tome VI: L'emploi des cas em latin. Volume I: Nominatif, Vocatif, Accusatif, Génitif, Datif. Louvain – Paris: Peeters, 1996.